



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

**O CONCEITO DE HOMEM EM LUDWIG FEUERBACH  
(A PARTIR DA CRÍTICA À RELIGIÃO CRISTÃ)**

JOSÉ LUIZ SILVA DA COSTA

FORTALEZA

2013

JOSÉ LUIZ SILVA DA COSTA

**O CONCEITO DE HOMEM EM LUDWIG FEUERBACH  
(A PARTIR DA CRÍTICA À RELIGIÃO CRISTÃ)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Filosofia. Área de concentração: Ética e Filosofia Política.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Ferreira Chagas.

FORTALEZA

2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária  
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

C873c Costa, Jose Luiz Silva.  
O conceito de homem em Ludwig Feuerbach : a partir da crítica à religião cristã / Jose Luiz Silva Costa. –  
2013.  
114 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Programa de Pós-  
Graduação em Filosofia, Fortaleza, 2013.  
Orientação: Prof. Dr. Eduardo Ferreira Chagas..

1. Homem. 2. Deus. 3. Religião. 4. Ateísmo. 5. Antropologia. I. Título.

CDD 100

---

JOSÉ LUIZ SILVA DA COSTA

**O CONCEITO DE HOMEM EM LUDWIG FEUERBACH  
(A PARTIR DA CRÍTICA À RELIGIÃO CRISTÃ)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Filosofia. Área de concentração: Ética e Filosofia Política.

Aprovada em: \_\_/\_\_/\_\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof. Dr. Eduardo Ferreira Chagas – (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Evanildo Costeski  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Fernando Ribeiro de Moraes Barros  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Deyve Redyson Melo dos Santos  
Universidade Federal de Paraíba (UFPB)

## **AGRADECIMENTOS**

Aos professores das escolas públicas, heróis, guerreiros e valorosos (são os Sísifos hodiernos).

Aos meus pais: Dona Leda (mãe) e Seu Jose Costa (pai), pelos anos de aprendizado, necessidades e superações vividas juntas. Demonstraram-me a força para vencer as lutas diárias da sobrevivência. Todo o meu amor a minha mãe: meu exemplo.

Aos meus irmãos que em meio à pobreza e restrições ousaram se tornar trabalhadores e constituir famílias, a vocês e suas famílias meu carinho e admiração. A Jose Costa (exemplo de inteligência e dedicação a família), A Ireuda pelas brigas e aprendizados da vida e a Erileuda pela raça em ser mulher guerreira e lutadora.

Aos Companheiros da UNIPA, do FOB (Fórum de Oposições pela Base), da RECC (Rede Estudantil Classista e Combativa), e da ORC (Oposição de Resistência Classista – Educação) por me ensinar nas teorias e nas trincheiras combativas os caminhos das mudanças que queremos no mundo e que só a luta e a nossa classe muda a vida.

A todas as companheiras que já passaram pela minha vida e pelas horas vividas juntos (, Sandra, Iara, Leticia mupet), de forma peculiar a Duane Brasil e pela troca de idéias e infundáveis diálogos agradáveis e por dividir uma parte sua vida comigo.

Aos amigos que fazem de minha vida uma obra de arte. Aos amigos de infância: William (L..., exemplo de bom vivã) e Tiago (batalhador e ótimo papai). Aos amigos Jacoboys: Ulysses (Negão); Adriano (Artista); Bernardo (Monstrim); Danilo (good vibes); Diego (Chef) Claudio (lutador da vida), Marcos e Ris (Queridos), Henrique (NA), Ediane (chuchu) Nathália (mamãe); Mônica (Moranguinho); Maiara (Tana), Bruno (Dono da Praça). Aos novos amigos: Inaê (mio), Tici, Camila (xata), Paulo Davi (Wikipédia). Aos grandes amigos, conhecidos e aconchegados da filosofia que sustentaram e suportaram os anos pedregosos na UFC. Enfim todos os amigos e os que me fazem sorrir e chorar.

Aos estudantes das escolas públicas do Brasil.

Aos estudantes da escola pública Irapuan Cavalcante Pinheiro por me ensinar que o ensino é árduo, mas não é impossível. E por dividir horas diárias de aprendizagem superando as péssimas condições de tratamento da educação no Brasil.

Ao meu orientador, disciplinador e amigo Eduardo Chagas, pela motivação, atenção e paciência.

Aos professores e colegas de trabalho que fazem de meu dia a dia uma essência a ser descoberta.

À CAPES, pelo apoio financeiro com a manutenção da bolsa de auxílio dedicado a este trabalho.

Ao PROCAD UFC-PUCRS pela experiência de estudo e intercâmbio. E a todos os amigos gaúchos que me ensinaram novas formas de ver o mundo.

Aos professores do ensino médio, da graduação e pós-graduação em filosofia da UFC pelas idéias e contradições a mim doados.

Aos bares de Fortaleza e de Porto Alegre por amenizarem os momentos de peso na pesquisa e na vida e facilitarem as grandes intuições filosóficas que se achegam nos momentos mais ébrios.

Aos que ainda ousam sonhar em ideais desacreditados.

A vida por suas sortes e revezes e, pelos amores que vem e que vão.

A todos os trabalhadores do mundo, que se unam, se organizem e se libertem.

*“Die Philosophie zur Sache der Menschheit zu machen, das war mein erstes Bestreben. Aber wer einmal dieses Weg einschlägt, kommt notwendig zuletzt darin, den Menschen zur Sache der Philosophie zu machen und die Philosophie selbst aufzuheben, denn sie wird nur dadurch Sache der Menschheit, daß sie eben aufhört, Philosophie zu sein“.*

*(“Fazer da Filosofia o assunto da humanidade foi a minha primeira aspiração. Mas quem começa por trilhar este caminho chega finalmente ao ponto de fazer do homem o assunto da Filosofia e de suprimir a própria Filosofia, pois ela só se tornará assunto da humanidade precisamente se deixar de ser Filosofia”).*

*Ludwig Feuerbach*

*“ Liberdade sem socialismo é privilégio, injustiça; socialismo sem liberdade é escravidão e brutalidade.”*

*Mikhail Bakunin*

*“Mas as pessoas da sala de jantar são ocupadas em nascer e morrer”.*

*Os Mutantes*

*“Ó minha alma, não aspira à imortalidade: esgota o campo do possível”.*

*Píndaro, Pítica III*

*“O que você vai fazer?*

*Quando a hora chegar?*

*O que você vai dizer?*

*Renegue a natureza, e ela lhe renegará”.*

*Anônimo*

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo principal o resgate do conceito de homem a partir da desvelação da religião cristã, realizada por Ludwig Andreas Feuerbach (1804-1872). Tendo como obra principal *A essência do cristianismo* (1841). Analisaremos o conceito de homem, como ser plural e integral e, a fundamentação de tal conceito advinda de sua crítica à religião e, portanto, os alicerces do que ficou conhecido como seu ateísmo antropológico. Desta maneira, tentamos demonstrar onde se encontram os mistérios ocultos que estão velados no seio da religião e, de igual maneira na mente humana. Por essa razão, a terminologia religiosa não é descartada nas proposições feuerbachianas, mas antes ressignificada a partir de sua genealogia real e imanente ao homem. Desvendaremos a relação vital entre o homem e seu interior, o homem e a religião, o homem e a natureza e, por fim, toda a vida humana com suas sortes e revezes. Para isso, Feuerbach desenvolve uma reflexão a fim de desmitologizar a religião, como critério fundamental para a emancipação do homem e assim, para torná-lo responsável por sua biosfera. A partir de então, não se trata mais de discutir a relação Deus e homem, agora se versa sobre escolher como criador ou Deus ou o homem. Surge daí, a máxima: O Homem é o seu Deus. De tal modo que, a relação unilateral de dominação da teologia sobre a antropologia é reduzida a uma relação da antropologia consigo. Destacaremos os atributos humanos velados no sentido religioso e decifrados no sentido antropológico. Neste caso, o ateísmo antropológico não significa apenas a derrota do opositor (religião) da vida humana plena. Ele, antes, constitui-se como um novo começo para a odisséia humana, agora livre e emancipada.

**Palavras-chave:** Homem, Deus, Religião, Ateísmo, Antropologia.

## ABSTRACT

The present essay has as main objective to ransom the concept of man from the unveiling of the cristhian religion, accomplished by Ludwig Andreas Feuerbach (1804-1872), having as main work *The essence of the cristhianism* (1941). It will be analyzed herein the concept of man, as a plural and unabridged being and, the substantiation of such concept arising from his critic to the religion and, therefore, the foundations of what had become known as his anthropological atheism. Thus, the author of this essay is trying to demonstrate where are the latent mysteries that are hidden within the religion and, in the same way in the human mind. For this reason, the religion terminology is not discarded in the feuerbachian propositions, but formerly resignified from its real genealogy and immanent to the man. In this work it will be uncloaked the vital relation between the man and his insides, the man and the religion, the man and the nature and, lastly, the whole human life in its fortunes and setbacks. For this, Feuerbach develops a reflexion in order to demythologize the religion, as fundamental criterion for the emancipating of the man and thereby, to make him responsible for his biosphere. From then on, it is no longer about arguing the relation God and man, it is now concerning about choosing as creator or God or man. Arises there, the maxim: *The Man is its God*. Such that, the unilateral relation of domination of the theology over the anthropology is reduced to a relation of the anthropology with itself. It will also be highlighted herein the human attributes concealed in the religion way and deciphered in the anthropological way. In this case, the anthropological atheism dos not mean just a defeat of the objector (religion) of full human life. It, formerly, constitutes itself as a new beginning to the human odyssey, now free and emancipated.

**Key words:** Man, God, Religion, Atheism, Anthropology.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
<b>1.1 EXPOSIÇÃO GERAL DA FUNDAMENTAÇÃO DO ESCRITO</b> .....	<b>10</b>
<b>1.2 A ESSÊNCIA DO CRISTIANISMO (<i>DAS WESEN DES CHRISTENTUMS</i>)</b> .....	<b>12</b>
<b>2 HOMEM E RELIGIÃO – O RESGATE DO CONCEITO DE HOMEM</b> .....	<b>15</b>
<b>2.10 HOMEM EM GERAL: TRAJETÓRIA E COLOCAÇÃO DA QUESTÃO ANTROPOLÓGICA</b> .....	<b>15</b>
<b>2.2 HOMEM E RELIGIÃO: A DESCOBERTA DA ESSENCIALIDADE ANTROPOLÓGICA NO DESVELAMENTO DAS CATEGORIAS RELIGIOSAS</b> .....	<b>18</b>
<b>2.3 CORPORALIDADE E SEXUALIDADE: A BIOSFERA AUTÊNTICA DO CENÁRIO DA VIDA</b> .....	<b>23</b>
<b>2.3.1 O “ESTADO DO PECADO”: PRINCÍPIO RELIGIOSO DE ANULAÇÃO DO HOMEM</b> .....	<b>27</b>
<b>2.4 A RAZÃO: EXPRESSÃO E CONDIÇÃO PURAMENTE ANTROPOLÓGICA</b> .....	<b>27</b>
<b>2.5 MORALIDADE: CRITÉRIOS FALSOS - ANTI-HUMANOS E CRITÉRIOS VERDADEIROS – HUMANOS</b> .....	<b>34</b>
<b>2.6 O ATO DE CRIAR E PROVIDENCIAR COMO AÇÕES DO USO DA AUTONOMIA HUMANA</b> .....	<b>36</b>
<b>2.7 SUPOSIÇÕES DA RELAÇÃO TRINITÁRIA BASEADA NO DIÁLOGO DO HOMEM COM O SEU INTERIOR E COM AS ALTERIDADES</b> .....	<b>41</b>
<b>2.7.1 ALTERIDADE E SOCIABILIDADE: AS RELAÇÕES SOCIOCULTURAIS COMO PRESSUPOSTOS DE UMA NOVA HISTÓRIA BASEADA NA COMUNIDADE HUMANA</b> .....	<b>44</b>
<b>3 RELIGIÃO E HOMEM – A NEGAÇÃO DO HOMEM NO SEIO DA RELIGIÃO</b> .....	<b>47</b>
<b>3.1 RELIGIÃO ENQUANTO AUTOCONSCIÊNCIA ALIENADA DO HOMEM</b> .....	<b>47</b>
<b>3.2 RELIGIÃO ENQUANTO ENIGMA</b> .....	<b>54</b>
<b>3.3 O SENTIMENTO DO MEDO COMO MOTIVO DA APREENSÃO RELIGIOSA: A AFETIVIDADE E O SENTIMENTO DE DEPENDÊNCIA</b> .....	<b>56</b>
<b>3.3.1 A INVENÇÃO DO DIABO, A DISTORÇÃO DO CONCEITO DE ACASO E A FARSA DA GRAÇA: CRITÉRIOS ÚLTIMOS DA MANUTENÇÃO DO MEDO E DO SENTIMENTO DE DEPENDÊNCIA PARA COM A <i>MATER ECCLESIAE</i></b> .....	<b>59</b>
<b>3.4 EXPERIÊNCIA RELIGIOSA ENQUANTO OMISSÃO DA HUMANIDADE</b> .....	<b>62</b>

<b>3.5 O MOMENTO NEGATIVO DA RELIGIÃO .....</b>	<b>64</b>
<b>3.6 O MOMENTO POSITIVO DA RELIGIÃO .....</b>	<b>68</b>
<b>4 HOMEM, RELIGIÃO E NATUREZA – ANÁLISE E BREVE EXPOSIÇÃO DA NATUREZA E SUA RELAÇÃO COM O HOMEM INTEGRAL .....</b>	<b>74</b>
<b>4.1 NATUREZA NÃO HUMANA E O HOMEM: OS DISPOSTOS SE ATRAEM .....</b>	<b>74</b>
<b>4.1.1 DEPOIMENTO DE FEUERBACH: BEM VINDO AO DESERTO DO REAL OU À NATUREZA COMO PRIMEIRO NORTE HUMANO .....</b>	<b>78</b>
<b>4.2 NATUREZA E RELIGIÃO: OS OPOSTOS SE RETRAEM .....</b>	<b>79</b>
<b>4.2.1 OPOSIÇÃO À NATUREZA EM HEGEL E A SOLUÇÃO ENCONTRADA POR FEUERBACH .....</b>	<b>83</b>
<b>4.3 A RELIGIÃO COMO NEGAÇÃO DA NATUREZA E, CONSEQUENTEMENTE, COMO ANIQUILAÇÃO DO HOMEM .....</b>	<b>86</b>
<b>4.3.1 A CAUSA INTERMEDIÁRIA (NATUREZA) COMO CAUSA SUI E COMO NEGAÇÃO DE DEUS .....</b>	<b>88</b>
<b>4.3.2 UTILITARISMO CRISTÃO: O EGOÍSMO DA RELIGIÃO NA RELAÇÃO COM A MÃE NATUREZA .....</b>	<b>90</b>
<b>4.4 A DESMISTIFICAÇÃO DOS MILAGRES E DA FÉ COMO MEIO DE SALVAR A NATUREZA NÃO HUMANA E COMO CONSEQUÊNCIA NECESSÁRIA À NATUREZA HUMANA .....</b>	<b>93</b>
<b>4.5 A INTEGRALIDADE DO HOMEM: REMEMORAÇÃO DO HOMEM COMPLETO .....</b>	<b>97</b>
<b>5 CONCLUSÃO .....</b>	<b>107</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>112</b>

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 EXPOSIÇÃO GERAL DA FUNDAMENTAÇÃO DO ESCRITO

O presente trabalho tem como objetivo principal o resgate do conceito de homem a partir da desvelação da religião cristã, realizada por Ludwig Andreas Feuerbach (1804-1872). Tomaremos como obra principal *A essência do cristianismo* (1841), fazendo referência também a outras obras, na medida em que forem relevantes para clarificar nosso objeto de estudo.

Feuerbach não escreveu seus textos de maneira sistemática, apesar de suas idéias seguirem uma intuição comum, a saber: a desvelação da religião oculta no homem. Ele desenvolveu várias ideias por meio de aforismos e dissertações sobre temas específicos. Seus textos em geral incluem a crítica à filosofia especulativa, a análise da teologia, as reflexões sobre a religião e as suas teses sobre o homem; além da reflexão de temas como a razão, a sensibilidade e a volição humana. Veremos o conceito de homem, como ser plural e integral, e a fundamentação de tal conceito advinda de sua crítica à religião e, portanto, os alicerces do que ficou conhecido como seu ateísmo antropológico.

Como norte específico, aprofundaremos os capítulos do escrito *A essência do cristianismo* através de uma exegese textual. A exposição seguirá a estrutura que Feuerbach eternizou nessa obra, isto é, será dividida em três partes: 1) a introdução que revela as características mais gerais do homem e da religião, antecipando toda a exposição posterior; 2) a primeira parte classificada como “*A essência verdadeira, isto é, antropológica da religião*”; 3) apresentada como “*A essência falsa, isto é, teológica da religião*”.

Este trabalho utilizará também os textos clássicos de Feuerbach (*Preleções sobre a essência da religião, Necessidade de uma reforma da Filosofia, Teses provisórias para a reforma da Filosofia e Princípios da filosofia do futuro*), nas passagens em que ele utiliza a categoria “homem” e nos momentos em que ele faz a clássica exposição do que seria a natureza humana para a consciência religiosa.

Entretanto, utilizaremos inicialmente apenas os momentos 2 e 3, para posteriormente fazermos uma explanação do momento 1, com a inserção de uma análise breve sobre o homem e a natureza. Classificamos, então, a estrutura deste texto da seguinte maneira: Capítulo I - Homem e Religião – O resgate do conceito de homem; Capítulo II – Religião e

Homem – A negação do homem no seio da religião; Capítulo III – Homem, Religião e Natureza – Análise e breve exposição da natureza e sua relação com o homem integral.

Para a correta exposição do projeto antropológico de Feuerbach, é necessária a passagem pela sua explanação de cada categoria antropológica disseminada ao longo do texto pela sua aguda crítica à religião, a qual envolve, embora de maneira distorcida, todas as categorias humanas, e pela sua reelaboração da relação homem e natureza. Depois destes passos, pode-se compreender o caminho sugerido pelo autor em direção de uma integralidade da vida humana, onde o homem é livre, esclarecido e saudável.

O conceito de homem é a constante busca dos textos feuerbachianos e a pista constante de nosso trabalho. Ele é o caminho por onde todas as ideias e matérias necessariamente têm que passar para ganhar forma. No gênero humano, ganha forma e vivacidade todas as verdades do mundo, porém, neste também surgem as ilusões metafísicas advindas do nascimento da religião. Coube a Feuerbach uma revisão radical que contrariou todas as verdades cristãs pré-estabelecidas. A partir disso, não se trata mais de discutir a relação Deus e homem, agora se versa sobre escolher como criador ou Deus ou o homem. Diante de tal proposição surge o esclarecimento feuerbachiano: O homem é seu próprio Deus. Assim, a relação unilateral de dominação da teologia sobre a antropologia é reduzida a uma relação da antropologia consigo.

Feuerbach não quer negar, com isso, a necessidade de uma vida religiosa, mas demonstrar onde se encontram os mistérios da religião. Por essa razão, a terminologia religiosa não é descartada nas proposições feuerbachianas, mas antes ressignificada a partir de sua genealogia real e imanente ao homem.

A relação vital entre o homem e seu interior, o homem e a religião, a homem e a natureza e, por fim, a realidade humana em geral com suas qualidades e defeitos é a busca de todas as obras de Feuerbach. Na obra *A essência do cristianismo*, em especial, é exposta uma reflexão incisiva a fim de desmitologizar a religião, como critério fundamental para a emancipação do homem e como convite para fazê-lo responsável por sua biosfera.

No entanto, como, para o nosso autor, o homem não pode ser definido sem o seu contato com a natureza, sem uma visão clara de sua dependência capital para com ela, também é necessária aqui, mesmo que de forma reduzida, uma exposição da noção de natureza e da íntima e vital ligação entre homem e natureza. Vale ressaltar que tal tema somente é abordado de maneira mais elaborada e abrangente em obras da maturidade de Feuerbach.

Desta forma, podemos conjecturar que Feuerbach não quer destruir a religião em seus aspectos mais dogmáticos. Ademais, ele deseja construir uma verdadeira e nova religião baseada na antropologia, tendo como centro a humanidade e como objeto estrito de estudo uma doutrina da essência humana em seus diversos atributos.

## 1.2 A ESSÊNCIA DO CRISTIANISMO (*DAS WESEN DES CHRISTENTUMS*)

*A essência do cristianismo* é a obra mais conhecida de Feuerbach. Tal clássico delinea uma rigorosa crítica aos paradigmas do cristianismo, analisando as categorias tratadas pela religião como dogmas e ressignificadas pelo autor como antropológicas.

*A essência do cristianismo* é dividida em três partes, a saber, “A essência verdadeira, isto é, antropológica da religião” (*Das wahre, d.i. anthropologische Wesen der Religion*) e “A essência falsa, isto é, teológica da religião” (*Das unwahre, d.i. theologische Wesen der Religion*) e a Introdução. Todavia, nos dois capítulos desta “Introdução”, as ideias fundamentais já se encontram presentes, sendo confirmadas e desenvolvidas no corpo da obra. Não obstante uma estruturação tripartida, em ambas as partes é demonstrada a mesma coisa, apenas de modo diverso ou mesmo oposto. A primeira é a solução da religião em sua essência, em sua verdade, e a segunda é a solução da mesma em suas contradições, sendo a introdução a “alma” dos momentos posteriores. De maneira particular, esta obra ultrapassa a mera crítica à religião que já aparece em diversos sistemas filosóficos contemporâneos a sua época, ela vai numa linha de negação ao teísmo.

Para Feuerbach, é essencial a análise reflexiva e crítica das religiões, visto que estas participam e dão sentido à vida dos que nelas creem. Assim, uma fundamentação do objeto religioso é essencial num mundo marcado por desdobramentos teológicos. A proposta feuerbachiana tem como orientação a compreensão da gênese antropológica da religião e, portanto, a descoberta de uma doutrina da essência humana. As categorias do objeto religioso são desmistificadas e expostas em sua forma mais oculta, isto é, escondem as generalidades humanas. Feuerbach, a partir de então, atesta a vinculação direta do objeto religioso com as qualidades do gênero humano.

Nosso trabalho visa explicitar o conceito de homem na visão de Feuerbach de 1841, com a sua obra *A essência do cristianismo*. Adriana Serrão dá uma indicação sobre o conteúdo dessa obra:

A essência não se confunde com uma ideia platônica, uma entidade metafisicamente subsistente ou uma lama substancial. É um complexo

dinâmico de faculdades ou forças de coesão universal, cujo único sujeito e protagonista é o todo da Humanidade, o gênero humano, que se desdobra na inesgotável multiplicidade e diversidade de indivíduos reais.<sup>1</sup>

Vamos classificar, à guisa de compreensão, a localização da obra *A essência do cristianismo* a partir da classificação dada por Arvon<sup>2</sup>: I) Período especulativo – hegeliano: *Pensamentos sobre morte e imortalidade* (1830); *História da filosofia moderna de Bacon a Spinoza* (1833); *Abelardo e Heloisa* (1834); *Crítica de contra Hegel* (1835); *Exposição, desenvolvimento e crítica da filosofia leibniziana* (1837); *P. Bayle. Contribuição à história da filosofia e da humanidade* (1838); *Filosofia e cristianismo* (1839); II) Período humanista: *Contribuição à crítica da filosofia de Hegel* (1839); *A essência do cristianismo* (1841); *Teses provisórias para a reforma da Filosofia* (1842); *Princípios da filosofia do futuro* (1843); III) Período materialista e eudemonista: *A essência da religião* (1845); *Contra o dualismo do corpo e da alma, da carne e do espírito* (1846); *Preleções sobre a essência da religião* (1848); *As Ciências Naturais e a revolução* (1850); *Teogonia* (1857).

A demonstração acima nos apresenta *A essência do cristianismo* como inserida no período humanista de Feuerbach. Vale ressaltar que tal etapa jamais fora ultrapassada completamente, pois, mesmo no período intitulado materialista e eudemonista, o homem aparece como critério central para o mundo.

Para Gabriel Amengual, o objetivo primordial da obra *A essência do cristianismo* é demonstrar que a essência da religião (neste caso o cristianismo), a essência divina, é a essência do homem. Nesse sentido, Feuerbach afirma que a teologia é antropologia. Portanto, somente se encontra a verdadeira essência do homem na busca pelo objeto correto, o qual é o próprio homem, o seu interior. Esse objeto primordial é alcançado com a redução da essência objetiva da religião (a essência divina) à essência subjetiva (a essência humana) e com a redução dos predicados e determinações divinas a seu verdadeiro sujeito, o gênero humano.<sup>3</sup>

A crítica à religião surge da necessidade de uma revisão das propostas até então apresentadas na época de Feuerbach. Nesse período todas as grandes linhas de raciocínios filosóficos estavam marcadas pela “luz” da teologia, ou melhor, pela “sombra” da filosofia especulativa, que tem como base a teologia ordinária. A realidade que se busca definir agora é aquela que se desloca da teologia para o sujeito sensível-reflexivo (o homem), ou seja, o projeto da obra *A essência do cristianismo* é a redução da teologia em antropologia, a

<sup>1</sup> MOURA, José Barata; MARQUES, Viriato Soromenho. *Pensar Feuerbach*. Lisboa: Ed. Colibri, 1993, p.16.

<sup>2</sup> ARVON, Henri. *Che cosa ha veramente detto Feuerbach*. Roma: Astrolabio; Ubaldine editore, 1972, pp.102-103.

<sup>3</sup> Cf. AMENGUAL, Gabriel. *Crítica de la religión y antropología em Ludwig Feuerbach*. Barcelona: Laia, 1980, p.40.

absorção daquela por esta. Feuerbach revisa tanto a linha vinculada estritamente a problemática teísta nas figuras de Agostinho, Anselmo, Lutero e Jacobi Böhme; bem como analisa as questões contemporâneas ligadas a ele na chamada filosofia especulativa identificada em Schelling, Hegel e etc.

Feuerbach torna novamente o homem e a religião o centro das discussões da modernidade e do panorama filosófico. Ele afirma que em seu tempo os teólogos e os filósofos especulativos haviam se perdido em ilusões dogmáticas e perderam a sapiência do significado verdadeiro do cristianismo.<sup>4</sup> Assim, o filósofo de Landshut nos adverte:

[...] meu livro não pretende ser nada mais que uma fidelíssima tradução – expresso figuradamente: uma análise empírica ou histórico-filosófica, uma solução para o enigma da religião cristã. Os princípios gerais que eu apresento na introdução não são *a priori* forjados, produtos da especulação; surgiram com a análise da religião, são apenas, como em geral, os pensamentos fundamentais do livro, exteriorizações reais da essência humana (na verdade, da essência religiosa e da consciência humana) traduzidas para ideias racionais, i.e., concebidas em expressões gerais e por isso trazidas ao entendimento. As ideias do meu livro são apenas conclusões de premissas que não são meros pensamentos, e sim fatos objetivos, atuais ou históricos – fatos que apesar da sua existência bruta em incunábulo não tinham absolutamente lugar em minha cabeça.<sup>5</sup>

Da necessidade de ir a fundo numa compreensão e num autodescobrimento do homem, bem como numa proposta de resocialização consigo, com os outros humanos e com o mundo que o alimenta é que a exaustão Feuerbach se lança numa campanha na busca de um ateísmo que guarde e preserve todas as potências de Deus e da Razão absoluta dentro do ser existente que temos condições pragmáticas de conhecer, o homem. É em meio a uma série de indagações e tentativas de sintetizar e sistematizar o mundo e o pensamento humano surge *A essência do cristianismo* como resposta e alternativa às filosofias forjadas no âmbito das propostas teológicas e como tentativa de uma compreensão radical da vida da humanidade.<sup>6</sup>

---

<sup>4</sup> Não é de se espantar que a época do cristianismo aparente, ilusório, famigerado, tenha se escandalizado tanto com a “essência do cristianismo”. O cristianismo já está tão deturpado e em desuso que até mesmo os representantes oficiais e eruditos do cristianismo, os teólogos, não sabem mais ou pelo menos não querem saber o que é o cristianismo (Cf. FEUERBACH, Ludwig. “Prefácio à segunda edição”. In: *A essência do cristianismo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p.19).

<sup>5</sup> FEUERBACH, Ludwig. *A essência do cristianismo*, p.20.

<sup>6</sup> SOUZA, Draiton Gonzaga de. *O ateísmo antropológico de Ludwig Feuerbach*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994, p.34: “O objetivo principal de *A essência do cristianismo* é demonstrar que a essência da religião (do cristianismo), a sua essência divina, é a essência do homem, que a teologia é, na verdade, antropologia, que a suposta unidade entre essência divina e a humana é a unidade da essência humana consigo mesma, ou que a suposta diferença entre a essência divina e a humana é apenas a diferença entre indivíduo e gênero”.

## **2 HOMEM E RELIGIÃO – O RESGATE DO CONCEITO DE HOMEM**

### **2.1 O HOMEM EM GERAL: TRAJETÓRIA E COLOCAÇÃO DA QUESTÃO ANTROPOLÓGICA**

Desejamos rever o conceito de homem construído, porém, anulado pelo status religioso; não qualquer homem, mas aquele marcado por seu tempo. Trata-se do ser que passou pela explicação dos gregos clássicos, foi revisto pelo helenismo, reformulado pelos medievais e, por fim, ganhou uma nova concepção no período moderno. Neste último período encontramos Feuerbach, o filósofo que tenta a suprassunção das ideias modernas e expõe a natureza humana de forma concreta e monista.

Para esse filósofo, a visão de homem fora abalada de forma incisiva por duas formas exclusivistas de saber no período moderno, isto é, a religião cristã (inclui-se aqui também as religiões naturais) e a filosofia especulativa (filosofia baseada na razão e no sujeito). É na crítica destas duas vertentes de análise do humano que Feuerbach inaugura sua teoria, a qual promove um resgate do ser completo, livre das puras abstrações e dos fantasmas abstratos.

Como o nosso trabalho tem como meta explicitar o conceito de homem, precisamos refazer a trajetória histórico-crítica e filosófica do que se convencionou chamar a antropologia de Feuerbach e analisar, a partir de sua obra, as características particulares do ser humano e sua diferença com relação ao ser absoluto, no qual se baseiam algumas das visões modernas anteriores. Além disso, pretendemos descrever as diferenças apontadas por Feuerbach entre sua antropologia e a visão solipsista e negativista da religião.

As visões antropológicas são uma fonte inesgotável de respostas para as perguntas de onde viemos, quem somos, para onde iremos. Entretanto, tais respostas nos são dadas também pela religiosidade mítica a que estamos vinculados e pelas tradições orais repassadas pelas gerações anteriores. Coube a nosso autor identificar o espaço específico no qual cultura, religião, filosofia, política e antropologia se encontram e o momento no qual divergem. Não se pode negar a influência irrestrita e mútua desses diversos modos de visão. Todavia, Feuerbach afirma que é na análise do conceito de “homem” que, em última instância, esses saberes são complementados e na categoria de “gênero humano” que o espaço de convergência das respostas dadas por tais saberes é buscado.

Nossa investigação quer salientar a concepção de homem em sua relação negativa com a religião, bem como o seu aspecto positivo, tentando demonstrar a influência desta no

conceito de vida e na realidade humana em geral e promovendo também uma crítica da mesma, como critério de ascensão real do homem.

Feuerbach é aquele que na idade moderna faz uma descrição pormenorizada do animal racional: o homem e sua relação com sua essência usurpada pela religião, tema que constitui o maior objetivo deste texto dissertativo. Trata-se, em especial, do homem que foi atacado pela religião, o que lhe causou uma confusão psicológica, e, de igual maneira, daquele que foi “abraçado” pela especulação da filosofia moderna, a qual eliminou as tentativas de uma explicação completa sobre o homem, uma vez que seus adeptos, tais como Descartes, Schelling, Fichte e Hegel, mostraram-no de diferentes formas abstrativas, causando uma cisão em sua forma. Temos como exemplo de tal cisão a separação cartesiana entre a *res extensa* e a *res cogitans* e a absolutização da razão elaborada por Hegel.

Isso também significa dizer que um novo modo de enxergar o ser humano surgiu no ocidente. Diferente do que foi pensado na antiguidade ou no período medieval, a categoria epistemológica máxima passou a ser a subjetividade e o centro das reflexões antropológicas passou a ser a razão, em detrimento da sensibilidade. Uma readequação do conceito de homem ao seu interior e ao mundo comum natural é a proposta feuerbachiana, a qual, para tanto, pretende dar novos fundamentos para a construção do conceito de homem integral, dotado de amor, vontade, sensibilidade e razão.

Sem dúvida, é Kant quem propõe, de maneira mais formal e com extrema habilidade, a tarefa própria da antropologia filosófica em um sentido completo, através de quatro questões fundamentais: “1) O que posso saber? 2) O que devo fazer? 3) O que me é permitido esperar? 4) O que é o homem? À primeira pergunta, responde a metafísica, à segunda, a moral; à terceira, a religião e à quarta, a antropológica. No fundo, as três primeiras perguntas dizem respeito à última”<sup>7</sup>.

Essa tese kantiana é absolutizada e universalizada por Feuerbach, pois os princípios aos quais se ligam todas as perguntas e respostas existenciais ou sobrenaturais encontram sua raiz na figura humana. Reconhece-se, dessa forma, a intuição e a busca que arrastou nosso autor por toda a sua vida. Já que, para ele, um homem sem carne, sem paixão, não é um homem. Encontramos aí a paixão que guiou a vida deste personagem e que trouxe a possibilidade de devolver ao homem a dignidade de ser senhor de sua própria vida, promovendo, assim, uma reviravolta no status quo. A partir dessa elucidação, segundo Feuerbach, um homem realmente livre terá que passar pela crítica da religião.

---

<sup>7</sup> KANT, Immanuel. *Schriften zur Metaphysik und Logik* [Escritos sobre Metafísica e Lógica]. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1982, p.447.

Antes disso, num primeiro momento, o homem seria tomado por algo como uma vertigem ante o abismo da incomensurabilidade da sua própria essência. Num segundo momento, através de um mecanismo psicológico “freudiano”<sup>8</sup>, ele negaria a sua essência e projetá-la-ia num sujeito autônomo e independente que viria a chamar de Deus, ou seja, ao negar seus predicados aconteceria a transferência destes para uma personalidade fictícia. Este processo exigiria que o homem se empobrecesse e diminuísse, para assim enriquecer esse ser simplesmente imaginado. O homem tornar-se-ia então objeto da sua própria subjetividade alienada. Ele se alienaria a partir de sua própria razão. Contudo, no fundo, esse Deus inventado não seria mais que a sublimação de sua própria essência: a autonegação seria na realidade sua própria afirmação.

Definir o homem em sua relação com o absoluto e com o desconhecido foi a tentativa por muito tempo das religiões e da Filosofia. No entanto, quando teologizaram a razão à luz da filosofia abstrata alemã (com maior força no movimento do idealismo alemão) ficou a cargo dos filósofos da fase posterior demonstrar os espaços onde o homem é livre para agir sem a coação de um absoluto. Como desconstrutores da relação Deus-homem e iniciadores de uma nova visão que apresenta a relação real, isto é, homem-Deus, que no fundo afirma a relação homem-homem, salientamos a importância do pensamento de Feuerbach, Marx e Nietzsche.

O ataque de Feuerbach à religião é interno (somente uma mudança na relação humano-divino), o de Marx é externo (busca mostrar o caráter alienante da religião como fator anterior da alienação econômico-social) e o de Nietzsche é interno-externo (há uma destruição de Deus e das práticas morais). Em outras palavras, Feuerbach quer modificar a religião, enquanto Marx pretende exilar a religião da sociedade, para, assim, promover a crítica do ser social, e Nietzsche quer extinguir Deus e a moral cristã.

O que nos interessa nesta primeira parte é analisar a relação da religião com o homem, relatando a verdadeira essência da religião, seu verdadeiro fundamento, que é o ente humano. Nas palavras de Feuerbach: “A essência verdadeira, isto é, antropológica da religião”.<sup>9</sup> Para Feuerbach, não se pode tratar o ser humano sem a sua ligação substancial com a religião, uma vez que, desde sua criação, o homem só respondeu as perguntas fundamentais de sua vida e do cosmos a partir de preceitos religiosos. Desse modo, à maneira de Feuerbach, veremos

---

<sup>8</sup> Aqui se afirma a possibilidade da noção de inconsciente em termos freudianos. Sabe-se que Feuerbach percebe a alienação psicológica da subjetividade humana e, desta maneira antecipa (claro que não ao modo da psicanálise) que há uma profundidade na psique humana capaz de omitir seu poder e, também ocultar informações que poderiam elevar as condições de autodescoberta do homem.

<sup>9</sup> FEUERBACH, Ludwig. *A essência do cristianismo*, Op. cit., p.61.

como ocorre a descoberta das reais contradições entre os sofismas da religião e da cultura humana, a qual luta para se afirmar.

## **2.2 HOMEM E RELIGIÃO: A DESCOBERTA DA ESSENCIALIDADE ANTROPOLÓGICA NO DESVELAMENTO DAS CATEGORIAS RELIGIOSAS**

Na proposta feuerbachiana, a religião é o que deixa o homem cindido, quebrado. Isso se dá quando a religião é vista como distante do homem. Foi na separação estabelecida entre o homem e sua essência que surgiu tal cisão, na objetivação do que há de melhor no homem em um Ser exterior, ficando o homem à mercê da sorte, sem uma essência clara e definida.

A religião é a cisão do homem consigo mesmo: ele estabelece Deus como um ser anteposto a ele. Deus não é o que o homem é, o homem não é o que Deus é. Deus é o ser infinito, o homem o finito; Deus é perfeito, o homem é imperfeito; Deus é eterno, o homem transitório; Deus é plenipotente, o homem impotente; Deus é santo, o homem é pecador. Deus e homem são extremos: Deus é o unicamente positivo, o cerne de todas as realidades, o homem é o unicamente negativo, o cerne de todas as nulidades.<sup>10</sup>

Somente ocorre uma verdadeira cisão entre seres, entidades, que fazem parte de uma mesma estrutura, que carregam em si as condições de serem um único. Em outros termos, para que entidades sejam separadas é necessário que compartilhem da mesma essência. Feuerbach já nos esclareceu que o homem e a religião compartilham da mesma essência, resta-nos esclarecer de onde surgiu tal essência. Quanto a isso Feuerbach é categórico: “O que deve ser demonstrado é então que esta oposição, que esta cisão entre Deus e o homem, com a qual se inicia a religião, é uma cisão entre o homem com sua própria essência”.<sup>11</sup>

Com isso ele quer dizer que é Deus que advém do espírito humano, e não o homem que deve sua essência a Deus. Vê-se que a força interior da consciência humana é tão forte e ilimitada que consegue ocultar de si mesma a sua condição, a saber, infinita e ilimitada. O ser humano desconhece as suas capacidades e, por isso, é carregado por uma série de ilusões que não o deixam perceber o alcance de sua força. Essa premissa é fundamental para a compreensão da antropologia feuerbachiana, pois a desmistificação dos mistérios religiosos para nosso autor quer não apenas resguardar o homem de seu papel nesta relação humano/divino, mas também tirá-lo desta penumbra que é a crença religiosa sem fundamentos.

---

<sup>10</sup> Ibidem, p.63.

<sup>11</sup> Ibidem, p.63.

Deus é a referência última da religião, a base fundamental de toda escrita (textos sagrados) e prática cristãs, e, como tal, essa referência só se afirma como consciência religiosa quando os atributos humanos são afirmados, uma vez que a nulidade do homem demonstra a nulidade da religião. Feuerbach afirma: “A religião é levada a sério somente com as qualidades que objetivam o homem para com o homem. Negar o homem significa negar a religião”.<sup>12</sup>

Toda a 1ª parte de *A essência do cristianismo*, que tem precisamente o título de “A religião no seu acordo com a essência do homem” é organizada como uma análise das representações do deus cristão, que parte da totalidade dos atributos pessoais para reconduzir, caso a caso, a predicados humanos.<sup>13</sup>

O que resta da teia de relações íntimas entre ser humano e religião é uma essência única, tendo assim características comuns. Portanto, é critério vital para ambos que suas existências peregrinem juntas. No entanto, há diferenças entre a religião e o homem. À medida que a religião se interessa exclusivamente pelo homem, o cristianismo se tornou a religião do homem, mas também do medo das novas descobertas. Percebe-se que a religião trabalha em virtude da libertação, salvação, ensino (dogmatismos) e pastoreio dos homens, para tê-los como fiéis seguidores no caminho da salvação, enquanto o cristianismo é também a religião do medo, já que é a detentora da verdade e da salvação na pessoa de Cristo<sup>14</sup>. Portanto, ela é uma religião exclusivista, onde só se salva quem a aceita. Temos que perceber que há uma diferenciação entre Deus no sentido teológico (analisado enquanto primeiro princípio e idéia filosófica); o Deus estatutário (aquele adorado pelos cristãos e que encarnou, o “Deus histórico”) e o Deus no sentido antropológico (aquele proposto por Feuerbach como síntese das propostas filosófica e teista). Desta forma, nosso autor não cai num fundamentalismo religioso (numa pura negação de outras crenças), antes, medeia uma discussão positivando os pontos obscuros nas propostas de manipulação das ideias que se tem de Deus.

O homem tem, por seu turno, um mundo natural e cultural para desvelar, está em suas mãos à descoberta de novas curas, o manejo da natureza, a eternização da escrita, a criação musical e etc. Foi a partir dos processos de sentir e da investigação racional do humano (*animal laborans*) que descobrimos a botânica, as leis da física, a astronomia, a estética, a política; e a Filosofia para coroar tantas descobertas. Por isso, na medida em que os filósofos

---

<sup>12</sup> *Ibidem*, 54.

<sup>13</sup> MOURA, José Barata; MARQUES, Viriato Soromenho. *Pensar Feuerbach*, Op. cit., p.16.

<sup>14</sup> Jo.14:6, In: BÍBLIA SAGRADA. Trad. Monges de Maredsous (Bélgica). Rev. Frei João José Pedreira de Castro. 24.ed. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2000: “Eu sou o caminho a verdade e a vida”.

pagãos se debruçavam e se arriscavam nas descobertas exteriores as suas crenças e subjetividades, eles imergiam no mundo sensível; já os cristãos se aprisionavam na corrida pela salvação individual e na busca de um mundo melhor separado deste presente. Por essa razão, Feuerbach se entrega ao estudo e à crítica da religião, tomando esta como o maior intento de sua jornada em busca da verdadeira filosofia.

Minhas obras se dividem nas que têm por objeto a filosofia em geral e nas que têm por objeto a religião em especial ou a filosofia da religião. [...] Não obstante esta distinção das minhas obras, têm todas elas, rigorosamente falando, uma única meta, um intento, um pensamento, um tema. Este tema é exatamente a religião e a teologia e tudo o que com isso se relacione. Eu pertencço à classe de homens que prefere uma especialidade frutífera a uma versatilidade ou um pseudo-enciclopedismo infrutífero que para nada serve; pertencço à classe que, durante toda a vida, tem somente uma meta diante dos olhos e nesta tudo concentra, que aprende a estudar muito e muitas coisas e sempre, mas a ensinar e a escrever somente sobre uma coisa, na convicção de que somente essa unidade é a condição necessária para esgotar algo e introduzi-lo no mundo. Seguindo este ponto de vista, nunca deixei de lado em minhas obras a relação com a religião e a teologia, sempre tratando variadamente do tema principal de meu pensamento e de minha vida, certamente de acordo com a diversidade dos anos e do ponto de vista.<sup>15</sup>

Para a compreensão da divisão entre um homem concreto e o cristão (ser incompleto), é relevante vermos que, quanto à questão da mortalidade e da imortalidade, os filósofos pagãos antigos se debruçaram sobre um problema teórico, isto é, as respostas vinham para eles fundamentalmente por conceitos. A preocupação basilar destes filósofos era com o espírito, com o fundamento da vida. Eles deram várias definições para a possibilidade de uma existência para a além da vida presente, enquanto o cristão somente dá uma resposta para as questões da sua vida com base em outra vida celeste.

Segundo o projeto de “totalidade humana” feuerbachiano, o homem reconhece seu caráter de finitude, não como uma desvalorização de sua vida singular, mas antes como a forma segundo a qual ele está inserido no mundo, enquanto para os cristãos, a ressurreição vem de maneira completa, uma vez que, para ele, o corpo e o espírito vivem. Cristo quando ressurgiu veio em forma e em matéria e, assim, promoveu uma reviravolta nos conceitos até então amplamente discutidos e reformulados. O triunfo dos dogmáticos está no poder sobrenatural de reviver o seu corpo após ele ter sucumbido. Para Feuerbach, isso não pode ser afirmado, pois a morte corporal é passagem obrigatória para todo ser vivente. A morte surge como momento definitivo de afirmação do homem, como ser natural, sujeito ao detrimento a que toda forma constituída de *biòs* sofre. Os cristãos, em divergência com o mundo material,

---

<sup>15</sup> FEUERBACH, Ludwig. *Preleções sobre a essência da religião*. Petrópolis: Vozes, 2011, p.17.

têm a verdade e o controle sobre a natureza, uma vez que o fluir natural das leis orgânicas fora quebrado e, dessa forma, eles têm o poder sobre a vida e a morte. Eles dominam a verdade, sendo a história apenas o processo da realização de seus desejos mais profundos postos no julgamento sob a interferência de seu Deus. Para Feuerbach, a fantasia e a imaginação, atormentados pelo fantasma nebuloso da religião, são os fatores que fazem o homem se afastar da natureza e crer numa existência eterna.<sup>16</sup>

Contudo, imaginação e fantasia em si não são fatores negativos na vida humana, já que são partes constituintes da razão. Quanto mais o homem vive uma vida meramente subjetiva, isto é, se afastando da natureza e validando as crenças antinaturais, mais aqueles fatores (imaginação e fantasia) tendem a se alienar e se transformar em ilusões contraditórias. A afetividade humana, ao invés de afirmar a sua capacidade reflexiva e libertadora, cria um mundo anti-humano, onde “O homem subjetivo transforma seus sentimentos num critério do que deve ser. Tudo aquilo que não lhe agrada, que ofende a sua sensibilidade sobre ou antinatural, não deve existir”.<sup>17</sup>

Nascer e morrer, não obstante o medo comum a todos, são as certezas mais imediatas que um indivíduo tem condições de afirmar no transcurso de sua vida, mas estas certezas são colocadas em xeque a partir do momento em que a natureza não mais está ao seu lado (quando a natureza é um ser outro, fora de sua realidade) e sob o seu domínio. Assim, o homem verdadeiro aceita as limitações gerais que a natureza lhe impõe (tanto de forma sensorial como de forma racional), ao passo que o cristão a repudia, pois desta maneira fica mais fácil explicar tanto o nascimento sobrenatural (sem a relação sexual, já que é um pecado) e a ressurreição sobrenatural (o ressurgimento da vida depois de sua aniquilação).

De acordo com as considerações de Feuerbach, ocorre a morte do espírito ainda em vida, quando se vive em função da redenção e com medo de seus desejos. Por isso, em vida surge a ilusão de um espírito puramente abstrato, sem forma, sem calor, sem sexo, sem instinto, um ser somente religioso e especulativo. Enfim, um ser sem corporalidade. Desse modo, a religião quer criar um homem sem limites, um ser que não tenha mais necessidades, um ser sem desejos, a não ser a perfeição. Mas é este homem que se vê cercado por mediações, que enfrenta o desejo de ilimitação, de ser sem corpo, uma razão pura.

O homem religioso não se sente mais ligado ao mundo, sente-se um peregrino que caminha nas veredas terrenas com a mente e o coração ligados em outro mundo. Segue-se que

---

<sup>16</sup> Neste sentido Feuerbach se aproxima de Spinoza ao perceber a unidade da natureza e do espírito, da matéria como espírito, mas se afasta à medida que Spinoza não acolhe a realidade da diferença ao identificar Deus com a natureza (Deus sive natura).

<sup>17</sup> *Ibidem*, p.151.

através do seu gênero conseguiu criar a religião e, a partir daí, surgiu Deus como uma figura humana, embora liberto de qualquer deficiência, imperfeição e limitação, ou seja, o objeto de realização plena do cristão.

É a partir de uma ideia abstrata de homem e de Deus que se constroem hipóteses religiosas e especulativas. Feuerbach entende que os filósofos e teólogos pagãos haviam partido da perspectiva estritamente racional, com o uso do *logos*, para provar Deus e, ao mesmo tempo, criar uma explicação antropológica, mas surgiram, a partir daí, várias filosofias em forma de religião e diversas religiões metamorfoseadas em filosofia. Nessa perspectiva, a religião se tornou também uma teologia racional, visto que a partir de ideias racionais abstratas se tentou fundamentar a existência de Deus. Tanto o teísmo, como o deísmo não se fundamentar não tentam responder ao problema da fé através dos sentimentos. Assim o sentimento abstrato liga à fé a mente humana.

Quando é do homem que nasce a religião e da religião que nasce o amor pela essência humana subjetiva, nasce da razão subjetiva a afirmação de uma essência humana objetivo-subjetiva e, a partir disso, surge a ciência, a Filosofia e o amor pelo mundo. Dessa forma, gera-se uma unidade entre homem e natureza numa relação de amor e descoberta. A identificação de uma essência específica é que revela o gênero humano, o homem não como simulacro de Deus, mas, em verdade, Deus como simulacro do homem.

É na busca de uma determinação para sua vida que surgem também as determinações religiosas, as quais orientam o homem no caminho do devir e ocupam uma grande parte de suas energias vitais, levando-o à dedicação, quase que exclusiva, na busca do mundo prometido. Assim, Feuerbach caracteriza a condição singular humana, descolada de sua generalidade. O homem perde o controle de sua existência ao alienar-se de sua essência.

Para os cristãos, temos uma dívida permanente com o outro mundo (o paraíso cristão) e somente a reparação de tal dívida nos fará um sujeito apresentável aos olhos de Deus. Esta dívida é adquirida a partir do nascimento e, no decorrer da vida, ela pode se agravar ou ser eliminada, basta uma conduta moral rígida fundada nos dogmas e preceitos cristãos.

Segundo Feuerbach, tal dívida devemos ao cristianismo que, de forma categórica, “rasgou” a realidade humana em vista de promessas extramundanas. Como se sabe, a religião conseguiu se alçar como criadora de significados ontológicos para o mundo, dominando o imaginário e a cultura desde sua criação. A história religiosa é uma narrativa baseada em promessas e segredos, e por isso em obscurantismo e farsas. Além disso, com a inserção do saber (*logos*) nas crenças teísticas, afirma-se uma fé racional explicável, porém de maneira contraditória e não questionável.

O “rasgo existencial” na carne humana propiciado pelos traumas da religião jamais fora reparado. Ao passo que a história da humanidade caminha, em paralelo caminha a história dos dogmas, a falácia do céu e da terra e os traumas do pecado. Dessa forma, a cultura moral (a ocidental, de maneira contundente) está carregada desde sua gênese pelos sofismas religiosos. Assim, as religiões (em especial o cristianismo) influenciaram a cultura e as diversas formas de vida existentes. Ora, a religião, a cultura e a história possuem a mesma faceta (pois não se sabe onde começa uma e termina outra) e seus caminhos sempre estiveram lado a lado.

A cisão causada pela religião no espírito humano foi tão grave que todas as noções morais históricas ocidentais, as quais são transmitidas de uma geração a outra, passaram a se dar por meio da condenação do corpo, de sua negação, e das referências diretas à figura de um ser extremamente maligno (a figura do diabo) que trabalha e vigia em prol do erro humano. Além disso, a corporalidade e a sexualidade passaram a ser formas condenadas pela religião, visto que ligavam o homem de maneira direta ao mundo imediato (natural), fazendo-o esquecer do mundo verdadeiro.

Feuerbach faz uma revisão das categorias do corpo e da sexualidade para reafirmá-las, não mais como espaço do pecado, mas como espaço específico e campo de atuação do homem e, dessa maneira, reconhecendo-as como a biosfera autêntica dos mortais e finitos. As marcas visíveis que o homem doa ao mundo, deixando seu legado e sua prole vital, só são oferecidas pelo seu corpo e sua sexualidade, estas são as características que o inflamam a uma vida animal, mas que o localizam enquanto ser de sensibilidade e ente concreto existente. Vejamos, de acordo com os moldes de Feuerbach, como estes conceitos surgem como *élan vital* do ser terreno.

### 2.3 CORPORALIDADE<sup>18</sup> E SEXUALIDADE: A BIOSFERA AUTÊNTICA DO CENÁRIO DA VIDA

Feuerbach demonstra a necessidade do corpo para a afirmação do ser físico real e da personalidade humana e como meio primário de inserção na natureza e no mundo biológico. Além disso, a distinção sexual é também relevante para a objetivação da personalidade e da diferenciação entre o Eu e o Tu. Tais pressupostos, enfatizados pelo pensamento de

---

<sup>18</sup> SERRÃO, Adriana Veríssimo. *A humanidade da razão: Ludwig Feuerbach e o projecto de uma antropologia integral*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999, p.165-166: “O nosso corpo é, para nós, o objecto mais próximo, o nosso ser próprio que sempre nos acompanha, o mais familiar e imediatamente percebido como objecto, o mais imediatamente sentido. O sentido interno fornece a consciência sensitiva de estados e movimentos corporais, de sensações de bem-estar e mal-estar, a experiência de si interiormente sentida de um ser corporizado”.

Feuerbach, essenciais à existência de qualquer indivíduo, são negados pelo cristianismo, já que eles demonstram a fragilidade da vida humana terrena. Enquanto, para o autor, o homem deve afirmar a diferenciação sexual e o sexo como meio de propagar sua prole e, mais ainda, como gesto de amabilidade, o cristianismo quer negar a sexualidade, afirmando que esta possui um caráter transgressor e pecaminoso, logo repudiável aos olhos do salvador.

Para fundamentar a crença em outra vida melhor, o cristão deve excluir o que gera prazer neste mundo. A satisfação do casamento só é mediada pela pulsão sexual que guia os amantes a se doarem. O projeto cristão atesta que a negação da vida<sup>19</sup> surge como uma conveniência da veneração de Deus e do culto ao além-mundo. Se Nele está o amor completo e perfeito, se Nele há todas as qualidades que faltam no homem e na sociedade, e é Nele que está a satisfação derradeira, então negar a vida e a realidade presente é necessário para se manter nas graças divinas. Dessa maneira, a vida para o cristão é uma provação, tendo em vista que este mundo é um caminho imperfeito e passageiro, o qual deve ser negado para que seja revelado um melhor destino para além deste.

No entendimento de Feuerbach, visto que a continuação da vida só pode ser propagada pelo viés sexual, o cristianismo termina negando a própria vida e a sua manutenção, já que rejeita os instintos sexuais. Para Deus criar o homem, ele deve também ter criado o desejo sexual, senão tal desejo teria surgido do acaso, o que negaria a própria criação divina. Deduz-se, a partir disso, que em Deus há também desejos. As diferenças sexuais existem, de uma forma natural, para que o indivíduo (também animal natural) tenha condições de gerar seus filhos e para que sua espécie não se extinga com o passar dos tempos. Portanto, é critério de vida ou morte, e uma das condições mais basilares na conservação da espécie humana, a atividade sexual. Se o nosso ambiente é constituído da relação entre pessoas, das relações entre o Eu e o Tu, de onde surgem tais pessoas? Da relação sexual. O sexo é o atributo humano que por excelência nos apresenta como seres naturais e sensíveis que somos. Não há um nascimento na Terra que não tenha surgido da relação entre os homens. Dessa maneira, não se pode excluir tal categoria de nossas vidas. Devemos, por outro lado, estar conscientes de nossa condição.

A unidade mediata, real, natural e histórica, do indivíduo com seu gênero, também é baseada no sexo. De outro modo, a unidade imediata, imaterial, ilusória e assexuada é anti-

---

<sup>19</sup> FEUERBACH, Ludwig. *A essência do cristianismo*, Op. cit. p.127: “No entanto existe, um mundo, uma matéria. Como podes sair desse embaraço desta contradição? Como retiras o mundo da mente para que ele não te incomode no sentimento delicioso da alma ilimitada? Somente fazendo do próprio mundo um produto da vontade, dando a ele uma existência arbitrária, sempre oscilante entre ser e não ser, sempre na espera da sua destruição”.

humana, pois divide gênero e indivíduo. O ser humano só existe sob duas formas, a saber, homem e mulher. A união sexual dos dois é a gênese dos indivíduos. Em oposição a isso, a visão cristã viu nessa relação uma reprodução meramente animal e a excluiu de seus desígnios. Enquanto a vida genérica do homem só pode ser representada na atividade sexual, a vida perfeita do asceta é representada por ser o homem assexuado, destituído de sua distinção e indiferente a sua condição biológico-natural.

O cristianismo tratou a sexualidade humana como profana, porque isto é o que mais nos aproxima de nossa condição animal, o seja, é o que nos liga de forma explicitamente sensível à terra, já que esta só existe porque os homens geraram seus filhos. Em oposição a tal credence, perguntamos em consonância com nosso autor: teria sido a terra densamente povoada se Adão e Eva não assumissem sua casta sexual? A personalidade humana tem como traço fundamental a capacidade de se unir de forma carnal com o outro, de expressar os seus desejos e sentimentos na união física. Rejeitar tal disposição orgânica, à maneira cristã, é negar a vida concreta.

O reconhecimento inicial do ser humano enquanto *persona* se dá na diferenciação sexual. Somente a partir disso se formam os traços psicológicos próprios de cada um. As noções de desejo sexual e de corporeidade foram vistas pelo deísmo cristão como marcas de um erro eterno, o qual tem como consequência necessária a culpa e o castigo. A redenção não poderia vir de outro lugar a não ser do seio da “mãe igreja”. Feuerbach é o agente que prenuncia, nos novos tempos, a submissão do pecado ao julgo da razão e, como movimento imprescindível resultante daí, a recuperação do homem anulado pela mácula perene.

Os desejos e medos da humanidade são guiados, em sua maior parte, pelas noções morais de pecado e salvação. A referência a um erro primitivo é a raiz da dominação religiosa disseminada por diversas culturas. Contudo, embora estas tratem do mesmo objeto (o pecado), eles alteram nomes e signos, relacionados a ele, para diferenciar o poder que guarda o estatuto do pecado e a condição de perdoar e de salvar (guardadas a “sete chaves” pelos seus pastores religiosos). Esta salvação somente se alcança na adesão e absorção das rigorosas ações morais presentes em cada sistema de leis religiosas, tendo em vista que concessão de perdão dos erros somente aos seus fiéis seguidores.<sup>20</sup>

Para conseguir o domínio sobre o imaginário humano e a submissão de seus corpos, o cristianismo se utilizou do medo e do sentimento de dependência para subjugar-lo. Isso

---

<sup>20</sup> Já se projeta, a partir daí, a noção egoísta de salvação advinda do cristianismo e de outras religiões em geral. Naquela, somente quem faz a profissão da fé escolhida, e se arrepende de verdade, é perdoado pelos seus clérigos e está preparado para a passagem para a vida melhor, que é a eterna.

ocorreu com a incorporação da categoria “pecado”, a qual induz o homem à anulação de sua vida na busca de um eterno perdão para esse eterno erro, que fora cometido pela humanidade inteira. Quando se vê o homem como ser que nasce na condição pecaminosa, relega-se a natureza humana a uma determinação segundo a qual ela não é boa por si mesma, mas dependente de outrem para ser completa. A completude de tal natureza advém, de acordo com o pensar religioso, da redenção dessa culpa primária. Já para Feuerbach, é só no abandono e na destruição daquela categoria (o pecado) que o homem se liberta das culpas e se encontra com sua essência, que se basta a si mesma. Para sentir-se humano mais uma vez, deve renunciar as concepções pecaminosas e avaliar a vida como seu único momento redentor.

### 2.3.1 O “ESTADO DO PECADO”: PRINCÍPIO RELIGIOSO DE ANULAÇÃO DO HOMEM

O deísmo é a crença em um Deus mais forte que a natureza. Por isso, as religiões, por mais positivadas que estejam, baseiam-se em abstrações. Assim, surge a dicotomia entre o profano e o divino, e tal divisão ganha maior expressividade à medida que salienta cada vez mais a oposição homem/Deus, natureza/Deus e sagrado/profano. Os cultos religiosos são as expressões mais perfeitas de tais desvinculações, pois, embora neles se adore e louve a Deus em sua perfeição e magnificência, reпреende-se, em contrapartida, os homens por suas ações que são más e hostis. Segundo essa visão, o pecado tem origem nas ações humanas, as quais são responsáveis por afastar o homem de seu contato mais íntimo com Deus e com a salvação que advém de tal contato.

Por ter a condição pecaminosa, a revelação divina ao homem não é dada diretamente, mas por meio de pastores e das Sagradas Escrituras. Tais pastores, fiéis aos dogmas, estão em um processo de constante redenção e são capazes de guiar os fiéis degenerados para o caminho da imitação da vida correta.

A religião guarda, em si, uma circularidade, isto é, ela cria as suas próprias leis e só ela pode discuti-las. Somente ela detém a força e a capacidade para guiar e mostrar como se redimir e se salvar. Feuerbach busca, na contramão dessa perspectiva, uma fundamentação baseada nas capacidades que estão ocultadas na essência do homem, ou seja, que estão mergulhadas no seu interior. Um desses fatores é a razão humana que eleva o homem ao nível da cultura e que, em conjunto com a natureza, constitui o mundo.

Para Feuerbach a razão tem a função de mostrar ao homem as contradições internas e externas. Assim, na medida em que pode enganá-lo, na tentativa de torná-lo puramente infinito, também pode, contrariamente, torná-lo o ser consciente de seu interior e de seus atos, fazendo-o, desse modo, conhecer-se não mais como um ser dependente de outro superior, mas como sujeito de si. A razão pertence ao ser humano.

### 2.4 A RAZÃO: EXPRESSÃO E CONDIÇÃO PURAMENTE ANTROPOLÓGICA

Na visão feuerbachiana, o homem é múltiplo, isto é, um ser de *sensação-amor* (corporeidade), *querer* (vontade) e *razão* (pensamento). A sensação é o que há de mais imediato, pois liga o homem à realidade global sensível. A vontade lhe concede experimentar

da liberdade na tomada de decisões. E a razão o projeta para além de sua individualidade, permitindo-lhe explicar a si mesmo e a fundamentar a realidade. Além disso, é a razão (determinada por um corpo) que garante a condição comunitária do ser humano, libertando-o de sua individualidade egoica e criando um vínculo de entendimento e comunicabilidade com os demais homens.

A essência do homem se revela de modo mais totalizado em sua inteligência, que é a força interior do entendimento. Dessa maneira, a razão aparece como essência objetivada, ou seja, ela não se projeta somente para dentro do homem, mas também se lança para fora, uma vez que é pela inteligência que o homem cria, produz, ensina e compreende. A autoconsciência da inteligência, da razão, é o que caracteriza o homem como tal. Ela se difere dos sentimentos, pois estes são guiados pelos impulsos e nestes há paixões que não cabem na razão, a qual é livre.

Somente através da razão pode o homem julgar e agir em contradição com os seus mais caros sentimentos humanos, i.e., pessoais, quando o deus da razão, a lei, a necessidade, o direito, imperam. O pai que, como juiz, condena à morte o seu próprio filho porque o reconhece como culpado, só consegue isto como homem racional, não como homem sentimental.<sup>21</sup>

A razão revela o homem, porque, através dela, ele pode se abstrair de si mesmo, externalizar o seu gênero, reconhecer e ser reconhecido enquanto ser objetivo, vivo e real. Feuerbach não exalta a razão como sendo o único aspecto da essência humana. Sabe-se que para ele tal razão não é “descolada” de um corpo real, material e orgânico. Desse modo, é a união dos dois que compõe a integralidade do ser humano. O ser completo só pode ser afirmado para Feuerbach se incluir a sensação (sua forma imediata, o corpo), a vontade (capacidade deliberativa, o querer) e a razão (força da inteligência cognitiva).

Assim, Feuerbach esclarece que o produto da razão, suas obras, é a demonstração clara do poder do intelecto humano, da ação transformadora do homem, realizando-se através da Ciência, Filosofia, Física, Astronomia, Arte etc. Vê-se que os mais variados campos do saber humano são a prova da excelência humana na descoberta e tratamento do mundo. Daí surgir na visão de Feuerbach o erro conceitual de confundir Deus e a razão, ou Deus e o absoluto.

Tal confusão reside justamente no fato de que a razão se abstrai de suas limitações, de sua individualidade e de sua corporalidade ao querer se afirmar como ser abstrato e puro. O filósofo de Landshut mostra que a razão pertence, portanto, ao ser humano e somente este

---

<sup>21</sup> FEUERBACH, Ludwig. *A essência do cristianismo*, Op. cit. p.64.

exatamente é possuidor de espírito.<sup>22</sup> É por isso que esta força espiritual pode conduzi-lo até a criação de um ser também espiritual, fora dele mesmo. Disso concluímos que Deus como Deus (como um ser somente pensável, somente objeto da razão) nada mais é do que a razão que é objeto de si mesma.

A razão tende à autoafirmação, pois é uma capacidade ilimitada que, devido a esse fato, busca se pronunciar como ente supremo, confundindo-se com a figura de Deus. Mas, no fundo, quem afirma a razão senão a própria razão? Quem explica o mundo, quem percebe o outro e onde está tal poder, senão no âmago humano? O homem é a medida da razão, e não a razão a medida do homem. É através da razão que o homem se lança num projeto de existência que não tem medidas, nem tampouco cálculos pré-estabelecidos, ou melhor, em uma caminhada aberta rumo ao desconhecido.

Para Feuerbach, a imaginação é a responsável pela ilusão de dividir a razão, ou seja, é ela que separa o pensamento racional da realidade concreta. Erros surgem justamente da tentativa de afirmar, com a razão, que a realidade é diversa de si, criando espaços para afirmações irreais e criações metafísicas. Isso ocorre devido ao costume de se distinguir, no processo sensível do conhecer, o objeto que aparece, o objeto real, da imaginação fixada do contato com tal objeto (o objeto real-racional). Daí surgem as ilusões da imaginação, a razão é dividida em duas e, com isso, aparecem ideias que extrapolam a razão, uma vez que são meramente imagéticas desgarradas do objeto sensível. Na concepção de Feuerbach, a razão é a característica, por excelência, que mostra o caráter real de Deus como uma ilusão do próprio entendimento. A partir dessa crítica, é feita uma ontologia da razão, sendo esta afirmada de diversas formas: como 1) ser originário primitivo; 2) *ens realissimum*; 3) ser autônomo e independente; 4) ser finito; e 4) ser necessário.

A razão enquanto ser originário e primitivo é confirmada exatamente no fato de que a razão deriva todas as coisas de uma causa, isto é, de que todas as coisas devem coincidir com a própria estrutura humana, a saber, sensível-racional. As coisas que não têm intencionalidade em si, possuem-na através de um ser racional. Feuerbach expõe de forma clara que a razão é para si mesma o critério de toda realidade, assim como o corpo é o critério para si mesmo de toda a realidade. Tais afirmações querem conduzir nosso raciocínio para um fato: de que estas forças só demonstram o poder, a força, que a condição humana pensante possui.

---

<sup>22</sup> *Anima* no sentido aristotélico. Assim como Aristóteles havia dividido a alma em três partes: alma irascível, alma vegetativa e alma racional. É justamente a esta parte racional que nos referimos. Essa diferenciação mostra que o homem é animal, porém, de igual maneira, espiritual.

A razão é pensamento pensado sem qualquer limitação<sup>23</sup>, justamente porque quem impõe os limites é ela mesma. O que é ilimitado neste caso, segundo os critérios feuerbachianos, é o desejo de ilimitação da razão. Por isso, a sede de conhecimento é ilimitada e a vontade de ser eterno é constante. No momento da elevação do desejo da razão, esta é colocada num *status* de infinita, porém nos são dados os seguintes critérios:

Mas quem retira das realidades as limitações? A razão. O que é então o ser pensado sem qualquer limitação senão a essência da razão que abandona qualquer limitação? Como tu pensas Deus, pensas a ti mesmo – a medida do teu Deus é a medida da tua razão. Se pensas Deus limitado, então é a tua razão limitada; se pensas Deus ilimitado, então a tua razão não é também limitada.<sup>24</sup>

Tal ilusão da razão pode conduzir o homem a acreditar no poder ilimitado da razão em criar somente a partir de ideias. Entretanto, a matéria, o corpo, a morte e a natureza são alguns dos fatores que reapresentam ao ser humano o seu lugar no contexto do mundo. Querer conduzir os desejos para além do mundo material, ao qual pertencemos, é uma armadilha da consciência. À medida que a consciência nos guia, em seu processo de expansão, para descobertas, achados e criações, ela pode igualmente querer ultrapassar os limites aos quais todos estão submetidos; limites que de forma alguma destroem a magnitude humana, mas revelam nosso caráter finito e passageiro.

Não se pode creditar toda a existência humana à razão, pois: “A verdade não existe no pensamento, no saber por si mesmo. A verdade é unicamente a totalidade da vida e da essência humanas”.<sup>25</sup> A vida mesma é objeto de reflexão do ser racional que a sustenta, e, dessa maneira, faz-se necessário definir se a razão está unida ou afastada da vida comum da pessoa vivente. A razão é ainda ser autônomo e independente<sup>26</sup> (tal autonomia não extrapola os limites sensíveis). Devido a essa capacidade estritamente afetuosa, gera-se autonomia na vontade humana. Só é realmente livre, para promover uma ação qualquer, quem pensa. A autonomia advém necessariamente do uso da *psiché*, dos imperativos da razão.

A consciência tem suas limitações, são as mediações que vêm da natureza e de seu corpo, os quais não deixam de ser, por essa razão, espaços positivos para Feuerbach. Não faz

<sup>23</sup> A ilimitação da razão, à qual estamos nos referindo aqui, é a força racional que almeja ser irrestrita, porém, no sentido feuerbachiano, o ser humano é limitado, já que está circunscrito no perímetro natural e é constituído não apenas de consciência, mas também de matéria.

<sup>24</sup> FEUERBACH, Ludwig. *A essência do cristianismo*, Op. cit. p.67.

<sup>25</sup> FEUERBACH, Ludwig. “Aforismo 58”. In: *Princípios da Filosofia do Futuro e outros escritos*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1988, p.98.

<sup>26</sup> Dessa maneira, não se quer reafirmar a razão do modo hegeliano de pensar: o real na coincidência direta com o racional. Antes, se quer afirmar, no molde feuerbachiano, que a razão é expressão de liberdade reflexiva e criativa.

sentido afirmar um espírito que não está no tempo e no espaço, isto é, que está sem um corpo. O homem no uso de tal atributo deixa de ser meramente um objeto para outrem e se torna sujeito para outros e para si mesmo, o que confirma a máxima grega *gnôthi seautón* (conhece-te a ti mesmo). A produção intelectual, o ato de distinguir, raciocinar, negar e afirmar demonstram as ações da faculdade de pensar. Isso se torna evidente pelo fato da razão ser essencial à consciência da sua unidade e universalidade.

Vê-se que é através da força, da razão, que se pode pensar duas substâncias diversas e criar dois seres supremos. Isso tudo porque ela não pode contradizer a si mesma. Ora, de igual modo, para Feuerbach, não se pode pensar sem corpo, não se pode afirmar algo sem um mundo objetivo para ser afirmado. Sendo assim, não se pode dividir a essência humana em várias, multiplicá-las. Sensibilidade e razão são uma coisa só no mesmo tempo e espaço. A razão não é um ser puro. Isso significa dizer que a consciência se manifesta num determinado momento e a partir de um determinado sujeito.

Feuerbach, assim, em divergência com as afirmações cristãs, guia-nos na reflexão de que a afirmação do corpo conduz à afirmação do pensamento, já que nunca se pode falar de um corpo sem espírito, nem da razão pura sem a sua parte orgânica. Organicidade é o meio pelo qual podemos encontrar a verdadeira unidade entre a existência física e a espiritual. Dessa forma, afirma-se uma ligação vital do interior com o exterior humano, uma fusão do mundo objetivo com o subjetivo. Uma vez que é o homem e a natureza que dão sentido real ao que denominamos vida, a crença de que é a subjetividade interior que cria o mundo objetivo não se sustenta. Assim, compreende-se que o homem é, simultaneamente, sujeito e objeto de si mesmo e que, portanto, todos os movimentos da razão ou da sensibilidade giram em torno dele <sup>27</sup>.

Feuerbach é responsável por integralizar o racional e o sensível na essência humana, e ser o desmistificador das ilusões especulativas e religiosas. Ele evidencia-nos desse modo que:

Toda especulação sobre o direito, a vontade, a liberdade, a personalidade sem o homem, fora ou acima do homem, é uma especulação sem unidade, sem necessidade, sem substância, sem fundamento, sem realidade. O homem é a existência da liberdade, a existência da personalidade, a existência do

---

<sup>27</sup> O espírito (o eu) não é, pois, apenas sujeito para si, mas também simultaneamente predicado de uma essência real; ou seja, ele não é de modo nenhum, por si mesmo enquanto tal, mas por si como essência corporal, sensível; pela corporeidade, ele está aberto à natureza, ao mundo, pois estar no corpo quer dizer nada mais do que estar no mundo (Cf. CHAGAS, Eduardo Ferreira. “A primazia da natureza sobre o espírito em Ludwig Feuerbach”. In: *Trans/Form/Ação*, São Paulo, v.32(2), pp.119-133, 2009).

direito. Só o homem é o fundamento e o solo do eu de Fichte, o fundamento e o solo da mónada de leibniziana, o fundamento e o solo do absoluto.<sup>28</sup>

O autor se afasta de todos os seus predecessores ao constituir uma filosofia baseada não apenas no racional, mas que põe na ordem do dia o ser concreto constituído de corpo e de *anima*, que é indivíduo e ser genérico. Afasta-se de Kant ao afirmar a anterioridade humana perante a religião e Deus, negando a idéia de postulado da razão; Afasta-se de Hegel ao materializar a filosofia humana, negando a idéia da evolução do absoluto na história; de Fichte, afasta-se a medida que o Eu não produz o mundo e; Afasta-se de ao definir o homem e a natureza como iguais (compartilhando de uma mesma história natural), porém, com existências distintas (negando a causa sui spinozista).<sup>29</sup> Ao propor uma filosofia antropológica, ele refaz a história humana a partir de suas bases mais palpáveis, a partir de um fundamento subjetivo. E ao relacioná-lo com seu objeto religioso e com a sua mãe natureza, ele mostra como se completa o ciclo do homem integral.

Feuerbach toma um caminho diverso tanto de Descartes como de Hegel, pois, para ele o mundo concreto se baseia no sujeito real que é constituído de homem e natureza. Por isso: “Esse sujeito, ao englobar ao mesmo tempo o indivíduo e as suas objetivações, os seus atributos, é portanto um sujeito-objeto, um sujeito que se afirma objetivando a sua essência. Dessa identificação homem e natureza, decorre no ser humano, decorre ser o conhecimento do objeto-natureza o mesmo que o conhecimento da própria natureza do sujeito-homem”. Conhecer o seu objeto para o homem é autoconhecer-se.<sup>30</sup>

<sup>28</sup> FEUERBACH, Ludwig. “Teses provisórias para a reforma da filosofia”. In: *Princípios da Filosofia do Futuro e outros escritos*, p.34.

<sup>29</sup> Assim nos propõe Feuerbach acerca das divergências com os idealistas: “Assim se realiza no idealismo a essência da teologia; no eu, na consciência, a essência de Deus. Sem Deus, nada pode ser, nada pode pensar-se; no sentido do idealismo, isto significa: tudo existe só como objecto, real ou possível, da consciência; ser significa ser objecto, por conseguinte, pressupõe a consciência. As coisas e o mundo em geral são uma obra, um produto do ser absoluto, de Deus; mas este ser absoluto é um eu, um ser consciente pensante – por conseguinte, o mundo, como Descartes magnificamente assere a partir do ponto de vista do teísmo, é um ens rationis divinae, um ser de razão, uma quimera de Deus. Mas este ser de razão é no teísmo, na teologia, também só uma vaga representação. Realizamos, pois, esta representação, executemos, por assim dizer, praticamente o que no teísmo é apenas teoria, e temos então o mundo como produto do eu (Fichte) ou – pelo menos, tal como nos aparece, como intuimos – como uma obra ou produto da nossa intuição, do nosso entendimento (Kant). ‘A natureza é deduzida das leis da possibilidade da experiência em geral.’ ‘O entendimento não tira as suas leis (a priori) da natureza, mas prescreve-lhas.’ O idealismo kantiano, onde as coisas se regulam pelo entendimento e não o entendimento pelas coisas, nada mais é, pois, do que a realização da representação teológica do entendimento divino, o qual não é determinado pelas coisas mas, pelo contrário as determina”. In: FEUERBACH, Ludwig. “Aforismo 17”. In: *Princípios da Filosofia do Futuro e outros escritos*, Op. cit., pp.58-59.

<sup>30</sup> FREDERICO, Celso. *O jovem Marx: 1843-1844 as origens da ontologia do ser social*. São Paulo: Expressão Popular, 2009, p.33.

O homem se assume na história como o sujeito que nasceu para saber e saber que sabe, foi criado não para outrem, mas cria a si mesmo num eterno processo de sua vontade e de suas carências. Assim:

Não foi um ser dotado de olhos que fez os olhos; se ele já enxergasse, para que faria o olho? Não! Somente um ser que não vê necessita do olho. Todos nós viemos ao mundo sem saber e sem querer – mas viemos somente para que haja saber e querer.<sup>31</sup>

Daí segue-se que para nosso autor razão e sentidos são indispensáveis para a manutenção do ser existente, pois a partir deles se revelam a finalidade e o sentido dos seres em geral. É do homem que emana os sentidos e explicações das coisas, somente ele pode responder às questões últimas e é ele quem dá fundamentos sólidos, já que é um ser biológico e cultural, a “roda viva” da história.

Os critérios da razão somente são respondidos dentro do horizonte de compreensão legal e moral a que cada sujeito está submetido desde seu nascimento, o que no ocidente se convencionou determinar como cultura particular de um povo. Esta cultura só é explicada percorrendo sua estrutura interna, ou melhor, promovendo uma genealogia de suas bases fundantes. Para Feuerbach, cultura e religião se desenvolveram atreladas e, assim, para se dividir o espaço do uso da razão humana (libertada de juízos teológicos) e dos princípios religiosos, é necessária uma compreensão abrangente, é preciso rever a moralidade como um todo.

Sabendo-se que as leis morais não advêm meramente de um imperativo categórico, a razão por si só não guia as nossas ações. Para o autor, as ações morais são ditadas por diversos fatores que atuam ou não de maneira consciente em nossos juízos. No entanto, os fatores, por excelência, que nos são repassados desde a menor juventude são as leis morais cristãs. Estas desafiam o uso meditativo da razão e do querer, justamente por serem forjadas contra estas condições humanas. O religioso cria, a partir de seus preceitos, regras que infringem o mundo natural-humano. Entretanto, em seus estratagemas morais, escondem a base de toda e qualquer ação moral, a saber, a capacidade volitiva e a atitude responsável advindos do interior humano. Feuerbach esclarece que é a partir da experiência e das práticas humanas que se formam doutrinas morais.

---

<sup>31</sup> FEUERBACH, Ludwig. *A essência do cristianismo*, Op. cit. p.70.

## 2.5 MORALIDADE: CRITÉRIOS FALSOS - ANTI-HUMANOS E CRITÉRIOS VERDADEIROS - HUMANOS

A relação moral no mundo foi abalada fortemente por critérios racionais advindos da positivação do direito na modernidade, mas era a moralidade religiosa que estava presente de maneira mais incisiva e latente. A razão disso é o fato desta se fundamentar num ser moralmente perfeito, desprovido de erros e pecados, e, ademais, fora do espaço e do tempo, não sofrendo os infortúnios históricos. Tal figura é a oposição do ser finito, pecador, e que está submetido às leis espaço-temporais. Assim, Deus enquanto lei moral se torna distante das possibilidades de ação humana, visto que esta conduta advém da vontade humana e, desse modo, depende das condições sócio-históricas.

Segue-se daí que um ser puramente abstrato não pode ser a ideia estabelecida da ação moral humana, pois na fundamentação das leis morais estão presentes dogmas, especulações filosóficas, doutrinas e leis estatais que não têm o mínimo sentido para a constituição social estabelecida pelos homens em nosso tempo. Os filósofos e dogmáticos defendem tão veemente uma determinada doutrina, porque eles mesmos desconhecem o sentido original de quando surgiram tais regras. Quantos homens não subjugarão outros tendo como fundamento uma lei moral que já não tinha mais sentido há muito tempo? Assim, o que é bom e o que é ruim dependem das narrativas humanas em um determinado tempo e espaço. O corpo e o espírito não podem ser pensados como foram a partir da moralidade medieval, já que os tempos são outros e as necessidades éticas também são distintas. Entendemos que:

Dá-se na história dos dogmas e especulações como na história dos estados. Antiquíssimos costumes, direitos e instituições são conservados, mesmo de há muito tempo perdido o seu sentido. O que já foi uma vez não se deixa tomar o direito de ser para sempre; o que foi bom um dia pretende ser bom para sempre. Além disso, aparecem os intérpretes, os especuladores e falam do sentido profundo, porque não mais conhecem o verdadeiro sentido.<sup>32</sup>

Para Feuerbach, a teologia e a filosofia especulativa se encontram em um determinado caminho (têm os mesmos pressupostos), ao afirmarem Deus de maneira transcendente (ao modo religioso) e numa reformulação teórico-racional (a razão realizada e absolutizada) como projeto da filosofia especulativa. Dessa maneira, a moralidade filosófica e a teológica

---

<sup>32</sup> Idem, p.72.

compartilham de fontes comuns, uma se enquadrando nos dogmas e a outra nos imperativos teóricos<sup>33</sup>.

A chave para se libertar de uma coerção superior e de uma coerção moral é assumindo a sua vontade como medida antropológica, declarando-se como ser real, integrado no mundo, e como agente transformador, bem como enquanto destruidor do meio social no qual habitamos. Em outras palavras, assumindo-se como ser sensível e racional e criando suas próprias leis, capazes de responder as suas demandas vitais e não mais às necessidades ilusórias, atemporais e extra-mundanas.

Os caminhos da moralidade nos tempos modernos e na fase especulativa do pensar se basearam na racionalidade subjetiva e nas condições psicológicas do *homo sapiens*, deixando de lado (suprimindo) a sensibilidade. Para Feuerbach, deve-se pensar não apenas com a cabeça, mas também com o coração. Primando pelo caminho sensibilidade (*Sinnlichkeit*), ele afirma que tal divisão entre a razão e o coração só é restaurada na descoberta da força do amor, que é capaz de unir a moralidade, a racionalidade, o desejo e o mundo natural. É o amor que alivia os critérios rígidos e formais da lei racional. A lei condena, mas o coração perdoa, submete-se ao outro e sofre junto com ele. Dessa forma:

A lei só me afirma como um ser abstrato, mas o coração como um ser real. O coração dá a mim a consciência de que sou homem, mas a lei só me dá a consciência de ser pecador, de ser uma nada. A lei subordina o homem a si mesmo, o amor o liberta.<sup>34</sup>

O amor é o que une o espírito e a natureza. Está na unidade íntima do homem-Deus. Os sentidos amam, assim como o espírito. Essa mediação destitui a religião de seu caráter exclusivista e redentor, porquanto o amor é livre e pertence a todos. A lei maior, seu imperativo, deve ser amar.

O problema moral, nas teses feuerbachianas, conduz inevitavelmente à reflexão sobre a relação do ser humano com o meio ambiente (relação ameaçada nos tempos modernos pela atuação utilitarista da religião e da ciência na posse da natureza, e agravada nos tempos contemporâneos pela ameaça iminente do fim dos recursos naturais) e a relação do ser humano com seus pares (relação desgastada que culminou em catástrofes mundiais, a saber, as duas grandes guerras). Feuerbach, nesse sentido, antecipa uma discussão que ultrapassa seu tempo. Ele promove uma revisão dos elos que ligam os homens e estes como o seu meio de

---

<sup>33</sup> FEUERBACH, Ludwig. “Aforismo 4”. In: *Princípios da Filosofia do Futuro e outros escritos*, p.38: “A elaboração e resolução racional ou teórica do Deus que para a religião é transcendente e inobjectivo é a filosofia especulativa”.

<sup>34</sup> FEUERBACH, Ludwig. *A essência do cristianismo*, Op. cit., p.75.

sobrevivência. Assim, ele quer resgatar o homem no seu conjunto, ligado ao todo. Dessa maneira, surge uma nova moralidade, baseada não mais em princípios egoístas e atemporais, e aparece o conceito de amor que se expressa na forma da sensibilidade.

O amor é a medida que demonstra, por excelência, a humanidade das pessoas, pois só se está ligado ao mundo e aos outros se o coração estiver diretamente conectado a estes. Não pode um ser sensível ser afirmado sem amar. A sensibilidade enquanto característica necessária à vida humana é afirmada de maneira mais particular na faculdade de amar. Só é humano quem ama, e só se pode amar sendo verdadeiramente humano. A dignidade da vida só é reconhecida através da liberação do Eu para o amor.

A faculdade de amar une as pessoas tanto no discurso racional-dialógico como nas formas de amizade e de paixão. O amor conduz o homem em suas escolhas e o diferencia do animal de vida simples, isto é, conduz aquele para a criação e remodelação de si mesmo de forma constante. O animal que ama (o ser humano) é o responsável direto pela conservação de sua vida natural e pela vida do mundo. Daí se segue que a criação e corrupção das formas existentes passam por sua atividade criadora, pelo exercício livre de sua autonomia.

O ser humano, por ser só no mundo (enquanto indivíduo unido por um gênero) e enquanto ser de liberdade e autonomia, é o responsável pela manutenção das esferas humanas e naturais. Cabe-lhe a livre determinação de manter ou destruir seu *habitat*, seus “comuns” e sua própria vida. Já que ele é seu Deus, o poder soberano sobre o fim da vida e de todo o resto existente está em sua mente e em suas mãos. Portanto, temos um ser criador e aniquilador, um ser de quem devemos esperar a providência, e este ser é o homem. A autonomia é sua arma e se trunfo. Para Feuerbach, o homem-Deus é melhor expresso no seu livre exercício do querer.

## **2.6 O ATO DE CRIAR E PROVIDENCIAR <sup>35</sup> COMO AÇÕES DO USO DA AUTONOMIA HUMANA**

O ato de criar depende da existência de um ser que seja consciente e real. Mas o homem só se reconhece de maneira dual: de um lado é o responsável pela criação, modificação e manutenção do mundo real e limitado, e de outro modo é o criador das abstrações que causam sua degenerescência. A responsabilidade de tal distinção recai no homem, já que foi dada por ele mesmo, o único ser capaz de tal obra. Assim, o perfeito e imperfeito, o bom e o ruim, o sensível e o insensível pertencem ao mundo dos mortais.

---

<sup>35</sup> FEUERBACH, Ludwig. *A essência do cristianismo*, p.123: “A crença na providência é a crença no próprio valor – daí as consequências benéficas desta crença, mas também a falsa humildade, o orgulho de religioso que, em verdade, não se abandona a si mesmo, mas deixa todo o cuidado para o querido Deus – a crença do homem em si mesmo. O amor de Deus por mim nada mais é que o meu amor-próprio endeusado”.

Uma das características mais ricas e primordiais no homem é a providência, inclusive para a gênese religiosa. Essa é a prova definitiva da força humana. Na concepção feuerbachiana, não é a vontade de um ser alheio a si mesmo que cria o mundo e muda o curso da história, mas a vontade e a atitude humana que transformam a “roda viva” dos estados de coisas no mundo.

Para o homem, há uma distinção entre a providência humana e a providência animal. O animal tem os seus instintos, sentidos e órgãos em geral como providências, porque é através deles que se pode garantir sua sobrevivência; enquanto o homem, além dos instintos, sentidos, etc., elevou-se ao nível da cultura. Apesar disso, o fiel religioso acredita que a história está sendo conduzida pela providência divina e, dessa maneira, crê que a mera providência natural, que é comum entre os homens e os animais, não é suficiente para explicar os meandros da história ordinária a que todos estão sujeitados. A ação humana pode até garantir, para o fiel, a explicação da providência instintiva, porém, o controle supremo das ações cruciais (destinos da história e começo e fim da vida) é realizado, para ele, por uma vontade divina. Deus mantém o controle sobre o homem e sobre o mundo e, por isso, a natureza está sob o julgo Dele e as suas leis só podem ser alteradas por Ele.

Para o religioso, o homem que confia somente nas suas forças é um ser irreligioso e está desamparado. Para o fiel, o homem deve ser conduzido para além das forças naturais, pois está nas mãos de Deus e é o seu primogênito predileto. Essa convicção é assim exposta:

A providência é um privilegio do homem; ela expressa o valor do homem em contraste com os outros seres e coisas naturais; ela o arranca da conexão universal. A providência é a convicção que o homem tem do infinito valor da sua existência (uma convicção na qual ele renuncia à crença na verdade das coisas exteriores – o idealismo da religião).<sup>36</sup>

Já para Feuerbach, é a providência que demarca o território humano, o limite e a capacidade que o homem tem de superar as barreiras naturais. A crença que ele tem em si mesmo é a crença no alcance de suas forças, de sua inteligência, no “raio” de sua ação. O interesse que o homem demonstra consigo mesmo e com seus semelhantes é respaldado pela providência. Por essa razão, alegoricamente, o amor de Deus pelo homem nada mais é do que o amor do homem por si mesmo em uma visão não deísta. A vontade de Deus no fundo é minha vontade, e a felicidade não se encontra em outro lugar a não ser dentro do homem mesmo e em sua capacidade de se projetar no mundo.

---

<sup>36</sup> *Ibidem*, p.123.

A providência no projeto feuerbachiano surge para emancipar o homem através do seu real significado e de sua importância perante a majestade da vida. Nesse sentido, só se pode falar em dignidade humana na declaração solene da providência humana. Qual a meta do mundo? O homem. Nem mesmo as religiões podem fugir de tal axioma, pois as existências destas dependem das experiências humanas e dos processos naturais que têm como meio os indivíduos. Os processos espirituais e culturais também têm por critérios as expectativas humanas. Quem dá sentido ao mundo? O homem.

As religiões e a história do homem sempre mantiveram uma forte ligação, mas foi somente a partir da revelação das contradições essenciais, expostas por Feuerbach, das crenças do cristianismo e das religiões naturais, que o homem se sentiu livre para rever sua relação com o seu interior e com sua vida concreta.

Para deixar clara a importância da antropologia para a história, vejamos o exemplo da gênese do cosmos. A criação do mundo, no sentido mais estritamente cristão, foi coroada com o nascimento do homem<sup>37</sup>, e todas as feições terrestres estão colocadas para o deleite humano. O milagre maior da história cristã (a encarnação de Deus) teve um significado religioso e outro humano. A encarnação de Deus provou, no sentido religioso, o amor de Deus pelos homens e, no sentido antropológico, o amor do homem pelos homens, isto é, a demonstração maior do ser humano como animal social e terreno.

O homem, nesse caso, passa a ser o sujeito fundamental da criação terrena, pois sua conservação é a premissa fundamental para a existência das diversas formas naturais e espirituais presentes no mundo. Ora, a oposição que o homem estabelece com relação à natureza é uma marca característica sua, embora ele é uno com a natureza, uma vez que participa de igual modo de suas necessidades. Entretanto, o homem transcendeu o mundo natural a ponto de compreendê-lo, passando a adorar sua própria imagem como ser superior.

Afirma-se agora que há dois mundos distintos: um subjetivo e outro objetivo. O subjetivo é o mundo do homem junto com a natureza, e o objetivo é a natureza adjacente ao homem. Percebe-se que a transformação, deformação e criação das coisas advêm das forças produtivas presentes no homem desde sua gênese embrionária. Pode-se concluir que a constituição ontológica do mundo passa necessariamente pelo ser humano, quer como animal, quer como ser pensativo, bem como pela mediação da natureza. Para Feuerbach, foi da

---

<sup>37</sup> No sentido religioso é que a figura humana é alçada no mais alto patamar da criação. Em Gênesis vemos: “E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança, e domine sobre toda a terra” (Gn.1:26. In: BÍBLIA SAGRADA).

compreensão errônea de tal relação que surgiram as confusões do personalismo e do panteísmo.

Segundo Feuerbach, o filósofo Górgias de Leontino compreendia o homem do mesmo que ele, ao afirmar: “O homem é a medida de todas as coisas”. Em outros termos, foi da humanidade que surgiram as grandes ideias e conquistas; foi do gênero humano que brotou a vontade de desvendar os mistérios da matéria, as leis do mundo orgânico, descobrir os mistérios da religião e as formas de seu entendimento. O homem é afirmado em cada nova descoberta que se origina no mundo.

O mundo só pode ser afirmado por alguém que o sinta, que o conheça, que esteja dentro dele e, logo, que faça parte de sua biosfera. Sabemos que todo este espaço forma a antroposfera, o espaço onde o homem se reconhece e atua. Este é quem dá significado a sua criação e quem formula, na verdade, os significados dentro de si. Ele dá sentido ao mundo natural-orgânico, já que é um ser natural e biológico, e, dessa forma, compartilha as dificuldades e as fortunas das leis do mundo da natureza. Por ter consciência da importância da conservação de nosso bioma e saber que a ação destrutiva dos humanos pode gerar seu aniquilamento, o homem não pode se eximir de sua responsabilidade com a natureza e com seu gênero.

O homem está inserido no mundo concreto das coisas, mas está inserido de forma abstrata em seu interior, no interior dos outros e no meio do mundo. Sem o homem, o mundo teria uma existência nula e imprecisa, e a sua verdade não seria reafirmada pelas consciências. O ciclo natural, sem o homem, não goza de espírito e da vontade necessárias para significar sua consciência interior, os quais são peculiares ao homem. Levando-se em conta que a natureza (*Natur*) com a sensibilidade (*Sinnlichkeit*) são as chaves para a compreensão do homem integral, uma consciência pura não existe sem tais mediações.<sup>38</sup>

O homem é a solene preciosidade da existência por ser ele mesmo quem cria a sua estrada, quem toma suas decisões e quem estabelece seus vínculos.

Mas na religião o que em verdade é o motivo, a causa, determina-se na consciência religiosa como efeito, consequência; portanto, é aqui a elevação do homem a Deus uma consequência do rebaixamento de Deus ao homem. Deus diz a religião, humanizou-se para endear o homem.<sup>39</sup>

---

<sup>38</sup> “O homem é um produto da natureza, uma obra dela; ele deve, por isso, tratá-la e estimá-la como ‘sua mãe’, como a fonte de seu ser. Já que ele deve seu nascimento e sua manutenção apenas às forças e aos efeitos naturais, depende ele, por conseguinte, da natureza; quer dizer, ele não é nenhum ser sem necessidade, mas um organismo que pressupõe as determinações da natureza, água, ar, alimento etc” (Cf. CHAGAS, Eduardo Ferreira. “A primazia da natureza frente o espírito em Ludwig Feuerbach”. Op.cit., p. 130.)

<sup>39</sup> FEUERBACH, Ludwig. *A essência do cristianismo*, Op. cit., p.78.

Uma das características mais humanas que diferenciam o homem do objeto religioso é o amor. Ora, se é o homem quem possui coração e compaixão, então, os traumas e as vicissitudes pertencentes ao amor recaem sobre o homem. O amor é uma das qualidades mais nobres de nossa vida. O “fanatismo religioso” caracterizou “Deus é amor”<sup>40</sup> justamente para afirmar Deus é o homem, uma vez que deste é produzida tal força. De outro modo:

Enquanto o amor não é elevado à substância, a essência há de pairar por detrás dele um sujeito que, mesmo independente do amor, ainda é algo em si mesmo, um monstro sem amor, um ser demoníaco, cuja personalidade distinguível e realmente distinta do amor se diverte com o sangue dos hereges e descrentes – o fantasma do fanatismo religioso! No entanto, o essencial na encarnação é o amor, não obstante ainda preso à noite da consciência religiosa. O amor leva Deus à exteriorização da sua divindade.<sup>41</sup>

O homem que está com a ideia fixa de Deus em seu interior busca auxílio e conforto neste Ser supremo, quando na verdade é o seu próximo quem guarda esse consolo e onde o homem angustiado deve buscar auxílio. Ora, Deus só pode perceber a oração humana se ele mesmo for homem, pois escuta como homem, fala como homem, enxerga como homem e sente como tal. Assim, não é o homem que ama a Deus, é Deus que ama o homem<sup>42</sup>. Há uma relação de dependência porque, nesse caso, o homem está inteiramente apaixonado pelo seu interior, não passando a oração de um diálogo com o Eu<sup>43</sup>.

A sensibilidade é o pressuposto fundamental dessa relação, pois “não existe amor sem simpatia e não existe simpatia sem compaixão”. Pode o homem sensível se interessar por um ser insensível? Para Feuerbach, não há como conciliar dois seres com essências diferentes. O mesmo acontece com o homem, ainda mais porque ama e sente. Não se pode, dessa forma, duvidar da sensibilidade. Negar a sensibilidade do homem é suprimir a vida mesma, é retirá-lo conscientemente do mundo real.

O homem precisa, portanto, de um Deus total para coincidir com suas potências. Afinal, não pode ser um ser amoroso se Deus não amar, e não pode ser um ser sentimental se Deus não tiver sentimentos<sup>44</sup>. O homem é a soma de todas as qualidades atribuídas a Deus anteriormente pela teologia ordinária e pela teologia especulativa. Contudo, é vital para o

<sup>40</sup> Na primeira carta de João é que se eterniza tal afirmação: “E nós reconhecemos e cremos no amor que Deus nos tem. Deus é amor; e quem está no amor, está em Deus. E Deus nele” (Jo.4:16. In: BÍBLIA SAGRADA).

<sup>41</sup> FEUERBACH, Ludwig. *A essência do cristianismo*, Op. Cit. p.78.

<sup>42</sup> Tal proposição surge de algumas indagações de Feuerbach: “O que amo então em Deus? O amor ao homem. Mas uma vez que eu amo o amor e o adoro, amor este com o qual Deus ama o homem, não amo eu o homem?” (FEUERBACH, Ludwig. *A essência do cristianismo*, p.78).

<sup>43</sup> O Eu é a conjuntura do todo que é o ser humano, nos seus mais diversos aspectos: racional, sensível e natural. Também é a força interior que o impele a se exteriorizar e sair de seu mundo para ir ao encontro do mundo e de seus pares.

<sup>44</sup> Gn.1:26. In: BÍBLIA SAGRADA.

homem ter consciência de si, pois somente desse modo ele pode afirmar sua existência para si e para outros, divergindo de Deus que só existe para si. Ademais, “a religião é a consciência que o homem tem de si em sua totalidade viva, na qual a unidade da consciência de si mesmo existe apenas como a unidade relacionada, realizada do Eu como Tu”.<sup>45</sup>

O homem existe para si e para outros; ele é um ser em construção, ele ama e é amado. Em outras palavras, o homem é autoconsciência e amor, ele pensa e sente a necessidade do outro. Ele tanto pode se fechar em seu eu exclusivo, como pode transcender e ir ao encontro comunicativo com o outro. Assim, ele é pensamento e transcendência, espírito e sentimento, e o seu ambiente vital é a realidade concreta, ou melhor, o espaço onde suas qualidades podem ser objetivadas. O homem é o ser que cria o mundo, que se projeta no mundo e idealiza para concretizar este espaço.

Para afirmar sua identidade, ou seja, reconhecer-se como pessoa, o interior humano precisa ir ao mundo, sair de si, ir ao encontro com o outro. A identificação do sujeito como Eu passa diretamente pela capacidade de se afirmar como outro para o outro, logo, de se afirmar como um Tu. A presença da alteridade funciona como um espelho ontológico, pois para reconhecer sua existência, inevitavelmente, o homem precisa encontrar o seu outro. No entanto, se, na relação com o seu interior, ele fora enganado pelos ardis da religião, também fora abalado o seu contato com o outro pela falta de sensibilidade no contato com as diferenças presentes no mundo. Se há, então, uma trindade no âmbito da religião cristã, cabe agora ao molde feuerbachiano refazer o caminho da trindade, para reconhecer no âmbito antropológico tal relação.

## **2.7 SUPOSIÇÕES DA RELAÇÃO TRINITÁRIA BASEADA NO DIÁLOGO DO HOMEM COM O SEU INTERIOR E COM AS ALTERIDADES**

Para exemplificar que, do ponto de vista do cristianismo, a relação do homem consigo e com o transcendente está distorcida, Feuerbach nos propõe a dialética da relação na trindade. O Pai (Deus) reserva em si a divindade e a humanidade, o filho (Cristo) conserva em si a humanidade e a divindade, e o espírito é o que assegura força espiritual nessa relação. Assim, mostra-se que há uma falsa dualidade no Ser divino-humano, já que, ao contrário, o que ocorre é uma unidade necessária.

---

<sup>45</sup> FEUERBACH, Ludwig. *A essência do cristianismo*, Op. cit., p.91.

No pressuposto mistério que há na relação trinitária, esconde-se um jogo essencial de igualdade em que o pai é o filho e o filho é o pai, embora ambos sejam diferentes. Isso nos leva à conclusão de que, se as premissas (pai e filho) são colocadas dessa maneira, estamos querendo afirmar o ser e o não ser. Seria necessário, para defender tal proposta, afirmar o homem sem um corpo, sem o sexo, sem a finitude, porque somente sem estes atributos poderia ele ser Deus. A identidade do pai com o filho só ocorre à medida que os dois são homens e, dessa maneira, têm corpo e consciência. Afirmar que o pai é puro espírito, em detrimento do filho, que é essencialmente matéria, levará a discussão para um campo inacessível às condições humanas de apreensão do real. Logo, o pai e o filho são um só, ou melhor, o homem histórico.

A figura de Cristo na revelação mostra que a segunda pessoa da trindade era o ser real por excelência, pois tinha razão e coração, estava ligado ao mundo na forma biológica e na forma espiritual. O Cristo sofredor é quem experimenta na carne as marcas da história (história à qual todos os seres vivos estão sujeitos, enquanto seres passageiros e concretos), e é por isso que os homens o consideram tão importante. Foi na revelação de um homem que sofre, que ama, que come e bebe, que odeia e sente e, por fim, que morre, que os seus comuns se convenceram de sua dignidade. Afirmar-se, dessa forma, que a encarnação ou a descoberta da sensibilidade é, em verdade, o único meio pela qual todo homem (gênero) se objetiva no mundo, é a maneira pela qual o homem pode tornar-se o que é.

A humanidade de Deus, afirmada nas escrituras<sup>46</sup>, confunde-se o tempo inteiro com a sua divindade. Ora, o que poderia fazer com que Deus compreendesse, sentisse e participasse da vida humana, se ele não possuísse também tais características humanas? O que poderia fazer Deus, no mais alto de sua graça e plenipotência, rebaixar-se ao mundo natural e limitado dos homens, a não ser o fato de em seu peito bater os sentimentos do amor e da compaixão, que são sentimentos já conhecidos dos mortais? Aliás, como viver sem ter um peito a palpitar? É desta forma que:

Na religião o homem quer se satisfazer; a religião é o seu bem supremo. Mas como poderia ele encontrar consolo e paz em Deus se este fosse um ser essencialmente diverso? Como posso participar da paz de um ser se não possuo sua essência? Se a sua essência fosse outra, também a sua paz seria essencialmente outra, não uma paz para mim.<sup>47</sup>

Feuerbach expõe uma divergência na relação trinitária. A trindade, vista como a relação entre Deus pai, Deus filho e Deus espírito santo, não se sustenta mais após a revelação

<sup>46</sup> Jo.1:14. In: BÍBLIA SAGRADA: “E o verbo se fez carne e habitou entre nós”.

<sup>47</sup> FEUERBACH, Ludwig. *A essência do cristianismo*, Op. cit., p.73.

feuerbachiana e seu anúncio aos povos, a saber, que o mistério da religião foi revelado, pois a consciência que o homem tem de seu gênero é o seu Deus, ou melhor, que só há um ser criador no mundo, e este é o homem. Contudo, se o homem é um só, onde está a trindade? Se na religião há Deus pai e Deus filho, e sua união se consuma com o espírito, na verdade antropológica feuerbachiana, numa alusão à metáfora da trindade, há o pai=razão e o filho=natureza/sensibilidade, dando-se tal união através do sentimento. Há no homem, então, uma constituição indissolúvel da natureza e do espírito, formando assim o homem integral.

A trindade é uma confirmação da existência humana na Terra. Ela revela não só a existência de Deus pai, mas traz à luz a figura do Deus filho e, com isso, nasce o Deus humano, de carne e sangue, e de igual maneira ocorre a revelação do Deus inserido na natureza, o Deus mergulhado nas relações sensoriais. A revelação é tão esclarecedora que Feuerbach nos lembra que até Deus teve que gerar um filho por meios naturais, isto é, por meio de uma gestação feminina. Portanto, Deus está intimamente ligado à natureza, ele fora constituído de um corpo, precisando Cristo de uma mãe para ser concebido. Mesmo que o pecado não tenha tocado o Cristo nem sua mãe, a natureza os tocou, e esta marca está presente em todos os que são gerados e que fenecem. Com isso, percebe-se que Deus, além de ser amor, é também natureza. Esclarece-nos Feuerbach: “Amar sem natureza é um absurdo, um fantasma. Reconheci no amor a sagrada necessidade e profundidade da natureza”.<sup>48</sup>

Em contrapartida Lutero salienta: “Não seria, pois, difícil ou impossível para Deus trazer o seu filho ao mundo sem uma mãe; mas para isso quis utilizar o sexo feminino”. Já que, para Lutero, Deus poderia gerar o seu filho, constituído de carne, do nada, ele deixa de acreditar na natureza. Lutero contraria as leis naturais, sujeitando a realidade a um poder miraculoso extraterreno. Dessa forma, ele contraria a vida, como um todo, nos seus caracteres biológicos, naturais e reais.

A linguagem, que é a marca característica dos seres vivos que se comunicam, expressa a condição acessível da natureza antropológica. É a partir da relação entre os homens, entre o Eu e o Tu, que nasce uma comunidade dialógica. O homem não se fecha em seu mundo individual, ele precisa do outro. Ele pensa e produz tais ideias na sociedade.

Portanto, para Feuerbach, existe uma trindade: o Eu, o Tu e o Nós. Em outras palavras, existe o homem em si, o homem para o outro e os homens entre si. Ele ainda esclarece: “somente o Deus enquanto filho satisfaz o homem”, porque este só se reconheceu no seu

---

<sup>48</sup> *Ibidem*, p.97.

Deus, que participou dos mesmos períodos humanos a que todos estão sujeitos, e inclusive viveu a condição de finitude, como é típico da sua natureza.

Identifica-se a trindade como o segredo da vida em comunidade que o cristianismo escondeu a sete chaves, e Feuerbach, numa atitude de audácia, tal como Prometeu<sup>49</sup>, ousou escancará-la. A ligação de Feuerbach com Prometeu se dá sob dois aspectos: primeiro por querer trazer à luz da razão os segredos ocultados pelos deuses; e segundo por revelar a força do homem e sua capacidade de superação em relação ao desconhecido. Assim, as revelações das realidades trinitárias, realizadas por Feuerbach, foram reveladas à humanidade tal qual a luz de Prometeu que clareou a vida humana. Tal revelação se deu da seguinte maneira:

A trindade era o mistério supremo, o ponto central da filosofia e da religião absolutas (*as filosofias da modernidade, e a de Hegel coroando as demais*). Mas o seu segredo, como se provou histórica e filosoficamente em *A essência do cristianismo*, é o segredo da vida comum e social – o segredo da necessidade do tu para o eu – a verdade de que nenhum ser, quer seja ou se chame Deus, ou espírito ou o eu, é por isso mesmo apenas um ser verdadeiro, perfeito e absoluto, e que só a ligação, a unidade de seres de idêntica essência constitui a verdade e a perfeição. O princípio supremo e último da filosofia é, pois, a unidade do *homem com o homem*. Todas as relações fundamentais – os princípios das diferentes ciências – são unicamente espécies e modos diferentes desta unidade.<sup>50</sup>

### **2.7.1 ALTERIDADE E SOCIABILIDADE: AS RELAÇÕES SOCIOCULTURAIS COMO PRESSUPOSTOS DE UMA NOVA HISTÓRIA BASEADA NA COMUNIDADE HUMANA**

Feuerbach afirma que a sociabilidade é fundamental para a existência humana, pois é através deste reconhecimento de um Eu e um Tu que desenvolvemos nossas relações físicas e espirituais. A natureza dá ao homem a inserção no mundo e aquele concede a este significação e essência. Para nosso autor, é a união de diversos humanos na construção e manutenção de uma ideia, de uma ação, que torna ela tão forte e possível. A unidade das forças em torno de um objetivo é quantitativa e qualitativamente mais forte do que uma

---

<sup>49</sup> Prometeu é uma figura lendária e mitológica ligada aos mitos gregos. Em sua lenda, ele fora encarregado por Zeus, junto de seu irmão Epimeteu de criar homens e animais dando dons aos animais e por fim criando o homem do barro. Como os dons, tais como velocidade, asas, rapidez e etc., haviam sido divididos entre os animais, Prometeu, roubou dos deuses o fogo (que era de exclusividade dos imortais) e o deu aos homens, que a partir de então se tornaram inteligentes e superiores aos animais. Por causa de sua esperteza, ele recebeu a ira de Zeus, foi acorrentado no cume de uma montanha até a própria morte, e, nesta montanha, todos os dias uma águia dilacerava seu fígado, que se regenerava diariamente para sua agonia. Assim apresentado, tal mito é o exemplo do caro preço que se paga por se desejar a luz do conhecimento (Cf. VERNANT, Jean-Pierre. *O universo, os deuses, os homens*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000).

<sup>50</sup> FEUERBACH, Ludwig. “Aforismo 63”. In: *Princípios da Filosofia do Futuro e outros escritos*, Op. cit., p.99, grifos nosso.

edificação individual. As ações de um indivíduo tendem a se objetivar, quando o Tu (indivíduos) se congrega em torno de tais ações iniciadas por um Eu, já que:

Isolado o poder humano é limitado, unido é infinito. Limitado é o saber do indivíduo, mas ilimitada a razão, ilimitada a ciência, porque ela é um ato conjunto da humanidade e na verdade não só por colaborarem muitos na construção da ciência, mas também no sentido interno de que um gênio científico de uma época determinada reúne em si as ideias dos gênios passados.<sup>51</sup>

Portanto, há uma força que conduz as faculdades da alma, como espírito, sagacidade, as quais são produtos da cultura. A riqueza de ideias e ideais, de que dispõe o mundo, é resultado da troca de experiências culturais da sociedade humana. É do contato com o outro que surge a fala, a escrita, o amor, o discurso e os sentimentos. É critério vital para a humanidade o contato com os outros. O isolamento restringe o homem a suas crenças pessoais, enquanto a vida comunitária o liberta para o confronto de ideias, para a relação dialógica entre os indivíduos racionais. Esclarece-nos as palavras de Feuerbach:

O homem singular por si não possui em si a essência do homem nem enquanto ser moral, nem enquanto ser pensante. A essência do homem está contida apenas na comunidade, na unidade do homem com o homem – uma unidade que, porém, se funda apenas na realidade da distinção do eu e do tu.<sup>52</sup>

A história individual do homem não pode ser tomada como base para as explicações gerais da história, já que, enquanto indivíduo, ele é limitado. Mas, enquanto gênero, a humanidade pode oferecer respostas mais precisas. A história humana é formada por superações que, aos olhos de uma determinada época, pareciam impossíveis de ser resolvidas. Individualmente, o homem tem dificuldades no seu saber, na sua vontade e nas suas condições materiais, mas a humanidade resolve em seu conjunto tais dificuldades. Enquanto em uma época não se tem a cura de uma doença, num momento subsequente tal cura é encontrada. Sabemos que:

A história da humanidade consiste somente numa constante superação de limitações que, numa determinada época, são tidas por limitações absolutas, insuperáveis. Mas o futuro sempre revela que as supostas limitações do gênero humano eram apenas limitações dos indivíduos.<sup>53</sup>

O sujeito não deve confundir a sua individualidade com seu ser genérico. Enquanto uma pessoa sofre por uma limitação, outro indivíduo a supera de forma pacífica. Se para um

<sup>51</sup> FEUERBACH, Ludwig. *A essência do cristianismo*, Op. cit., p.105.

<sup>52</sup> FEUERBACH, Ludwig. “Aforismo 59”. In: *Princípios da Filosofia do Futuro e outros escritos*, Op. cit., 98.

<sup>53</sup> FEUERBACH, Ludwig. *A essência do cristianismo*, Op. cit., p.164.

momento histórico os homens estão à beira da destruição, em outro se encontram num estágio evoluído de união. Feuerbach percebe que nas passagens de um período histórico a outro o homem se agarra a seu gênero, mas, como o ataque a seus ideais são constantes, ele recua em seu pensamento emancipado.

Os cultos religiosos, ao invés de serem o espaço do encontro dos iguais, transformaram-se na celebração da morte, já que é a exaltação da outra vida que virá, quando esta se extinguir. Tais celebrações enfatizam a liberdade e alegria não de um ponto de vista humano, mas somente na comunhão com um Deus pessoal, excluindo a comunhão dos homens na busca de transformações de suas vidas existentes. A união dos homens deve favorecer as suas vidas, aumentar suas liberdades e transformar estas relações em diálogos produtivos, na busca de uma nova visão de mundo baseada em pessoas, e não mais em espectros divididos em dois mundos: o além (perfeito) e o aquém (imperfeito). A força da comunidade humana é que gerará uma mudança radical nas formas de relações entre os seres sociais e livres. Assim: “A solidão é finitude e limitação, a comunidade é liberdade e infinidade. O homem para si é um homem (no sentido habitual); o homem como o homem – a unidade do eu e do tu – é Deus”.<sup>54</sup>

---

<sup>54</sup> FEUERBACH, Ludwig. “Aforismo 63”. In: *Princípios da Filosofia do Futuro e outros escritos*, Op. cit., p.98.

### 3 RELIGIÃO E HOMEM – A NEGAÇÃO DO HOMEM NO SEIO DA RELIGIÃO

#### 3.1 RELIGIÃO ENQUANTO AUTOCONSCIÊNCIA ALIENADA DO HOMEM

Nesta segunda parte de nosso trabalho trataremos da essência negativa da religião, a saber, a teológica. A teologia se configura como o saber que em si não é negativo, mas carrega e esconde os mistérios sobre a verdadeira realidade do homem. Nas palavras de Feuerbach: “A essência falsa, isto é, teológica da religião” (*Das unwahre, d.i. theologische Wesen der Religion*).<sup>55</sup>

Se no capítulo anterior demonstramos as categorias que justificam o ser humano como objeto de estudo dele mesmo, e como base sólida da religião, neste queremos expor como Feuerbach desvela os segredos da teologia e da religião para, dessa maneira, resgatar o homem que é negado por estes saberes sagrados. Nesse sentido, só é possível reconhecer a magnificência da antropologia quando for desvelada a negatividade da religião, trabalho esse proposto por Feuerbach e reassumido por nós. Quando se reconhecer o ser real antropológico, que é o ser velado na religião, verá que:

Portanto, se pensas o infinito, pensas e confirmas a infinitude da faculdade pensar; se sentes o infinito, sentes e confirmas a infinitude da faculdade sentir. O objeto da razão é a razão enquanto objeto de si mesma, o objeto do sentimento é o sentimento enquanto objeto de si mesmo.<sup>56</sup>

A teologia é um saber racional que foi se afirmando com o passar dos tempos através de ideologias e crenças baseadas na superioridade da fé, em um ser pessoal e plenamente forte. Ela é o estudo de Deus enquanto ser que tudo pode e, assim, da união entre teologia e religião: a primeira dando forma e conteúdo à segunda, o que consagrou uma como o saber especializado do *Theos* (teologia) e a outra como responsável, pela propagação por meios prático-litúrgicos, do saber que antes foi gerado (religião). Sem dúvida, maior poder tem a religião como força ideológica política, no momento em que vincula o sentimento da fé a manipulação da consciência de escolha e de ação (o que será revisado por Max Weber no momento histórico seguinte).

Para Feuerbach, o resgate do homem dos estratagemas gerados pelas duas formas citadas se dá numa crítica global que compreende a religião (enquanto ente propagador do engano), a teologia (enquanto conhecimento do incognoscível e, assim, um grande ardid) e,

---

<sup>55</sup> FEUERBACH, Ludwig. *A essência do cristianismo*, Op. cit., p.193.

<sup>56</sup> FEUERBACH, Ludwig. *A essência do cristianismo*, Op. cit., p.20.

por fim, a filosofia especulativa (que, no entendimento de nosso autor, é a teologia revestida de Filosofia). Para ele, o especulativismo na Alemanha nas figuras célebres de seus filhos: Hegel, Schelling, Fichte e etc. acabou transformando os avanços antropológicos, científicos e filosóficos, gerados em centenas de anos, em uma retórica do Absoluto e, assim, num discurso circular e vazio. No entendimento feuerbachiano, a defesa da razão, proposta pelos filósofos do idealismo alemão, é, na verdade, a defesa pública de uma nova teologia, porém puramente racional. Nessa via especulativa, o homem (inclui-se também nesta reflexão a natureza) é menor que a razão abstrata e, por isso, a luta contra a teologia religiosa passa também pelo ataque à filosofia especulativa.

Religião e teologia não expressam a mesma coisa, ou seja, a religião é a fé (a crença em uma determinada doutrina) e a teologia é a ciência da religião (a ciência que constrói e avalia uma determinada doutrina), embora ambas tenham um objetivo comum, que é a revelação e o esclarecimento do homem. Ora, tal esclarecimento é o caminho que Feuerbach afirma ser, na verdade, o começo do obscurantismo da essência humana. As afirmações de uma determinada crença somente desejam mostrar a verdade já estabelecida previamente pela doutrina que desejam afirmar. Para Feuerbach, o movimento não é dinâmico e as verdades da doutrina religiosa já são dadas, pois estas vêm de uma instância suprema (Deus), através da revelação sagrada.<sup>57</sup>

De um lado, coloca-se a religião que, para nosso autor, revela-se sob um duplo aspecto, negativo e positivo, mas que de qualquer maneira oculta a essência genérica humana, que pode ser desvelada numa apreciação crítica metodológica. Por outro lado, põe-se a teologia, que ele denomina como teologia ordinária (a teologia doutrinária), e a teologia especulativa (a teologia revestida pela “pele” da filosofia abstrata). De qualquer modo, a filosofia especulativa dá fundamentos à teologia ordinária e à teologia especulativa.

É preciso saber onde principiam os paradoxos referentes à necessidade de uma vida religiosa e onde esta se desprende da vida comum e concreta das pessoas. A religião deve ser vista como momento importante na vida dos seres humanos, mas também manifestada como ritual de passagem para a descoberta do novo homem, completo em si mesmo.

---

<sup>57</sup> Temos, em Marx, o princípio de uma revelação que fora herdada da fonte feuerbachiana onde jorra a mais perene crítica à religião. Vejamos as conclusões de Marx: “No caso da Alemanha, a crítica da religião foi em grande parte completada; e a crítica da religião é o pressuposto de toda a crítica. [...] A existência profana do erro está comprometida, depois que a sua *oratio pro aris et focis celestial* foi refutada. O homem, que na sua realidade fantástica do céu, onde procurara um ser sobre-humano, encontrou apenas o seu reflexo, já não será tentado a encontrar a aparência de si mesmo – um ser não humano – onde procura, deve buscar a sua autêntica realidade” (MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Trad. Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004, p.77).

É neste quadro conceptual (sic) que Feuerbach desenvolve a sua interpretação do fenómeno religioso, considerando a religião não pela particularidade de um conteúdo confessional e dogmático ou pela diversidade das suas configurações históricas, mas como a atitude ou procedimento (*Verhalten*) (sic) em que o homem ultrapassa o limite da sua essência e coloca acima dele a ordem transcendente da essência divina. A especificidade do fenómeno religioso encontra-a Feuerbach num mecanismo de autoduplicação ou cisão – o homem quebra a referência fundamental a si mesmo, priva-se da condição de sujeito verdadeiro e originário, para transpor a sua própria essência numa outra essência a que atribui indevidamente o estatuto de ser supremo.<sup>58</sup>

Há uma essência do homem e outra essência, a da religião, que no decorrer das explicações feuerbachianas irão se revelar apenas como uma. As verdades das afirmações e do comportamento religioso se dão por essa falsa divisão que é sustentada pelos que a conhecem, porém a negligenciam por serem, com isso, favorecidos (teólogos que ocultam as verdades). É por isso que Feuerbach assume o projeto de rever os princípios da relação entre sujeito e objeto, e sujeito e predicado (essas reflexões são desenvolvidas no decorrer do trabalho dissertativo). Dessa maneira, pode-se distinguir entre o momento positivo e o momento negativo da religião.

Para Amengual, a objetividade do método que pretende Feuerbach consiste em deixar falar a religião mesma, em chamar as coisas por seu nome, em mostrar a coisa mesma despojada de suas aparências, em tratar a religião com a objetividade dos métodos das ciências naturais. De outra maneira, ele não pretende fazer uma investigação, nem sequer uma crítica histórica do cristianismo, uma simples recolocação de dados históricos, bíblicos e dogmáticos. A sua pretensão é fazer uma leitura do cristianismo como religião (ligada diretamente à vida do homem), capturar seu sentido verdadeiro e sua significação autêntica (como meio necessário de emancipação da consciência humana) e realizar uma análise de sua totalidade (definindo o lugar do homem e o lugar de Deus). Isso porque, para se encontrar o significado real de qualquer objeto, seu verdadeiro significado histórico, deve-se fazer uma incursão até sua origem. Indo à gênese do objeto pesquisado, neste caso a religião, pode-se deduzir as ideias e conceitos que surgiram daí. Os conceitos que predominam atualmente são determinados e têm sua origem real no que provocou sua gênese. Portanto, urge uma genealogia da religião.

Do ponto de vista da religião, o homem é um ser inferior e puramente abstrato. Por isso, a sua afirmação é a negação direta da religião. No momento impositivo da religião, as capacidades humanas devem ser anuladas e deixadas de lado, tendo em vista que no momento

---

<sup>58</sup> MOURA, José Barata; MARQUES, Viriato Soromenho. *Pensar Feuerbach*, Op. Cit., p.14.

oposto (momento da dúvida hiperbólica sobre a primazia do homem no mundo), quando o homem se apropria de sua força criativa, o que se anula nesta etapa é a criação simbólica e imaginária da religião. Quando o ser humano se depara com o deserto do real, com as suas incapacidades e contradições, ele percebe que o caminho terreno não tem uma linha previamente escrita e manipulada. Na ausência de Deus o que ocorre é o caso inverso: a nulidade se torna responsabilidade e o plenamente desprezível (o homem) se torna o ser por excelência. Cabe agora a Feuerbach apontar o lugar da religião, de Deus e do homem. Não se quer, colocar a religião num patamar racional-abstrato inalcançável, o que quer é ligá-la ao campo dos sentimentos, que é onde se resolvem suas questões práticas.

Feuerbach afirma que a religião cristã destituiu o homem do seu lugar de direito (o verdadeiro ser criador das coisas), ao afirmar que Deus é o princípio e a verdade. A verdade revelada da teologia cristã afirma que Deus é tudo o que o homem não consegue ser; enquanto Deus é infinito, o homem por sua vez é finito; Deus é eterno e o homem é mortal. No entanto, Feuerbach mostra que todas essas qualidades atribuídas a Deus são qualidades puramente humanas que foram objetivadas para fora do sujeito que as cria. O homem na verdade é quem cria estes atributos, a partir de sua condição pensante, e os exterioriza para um Ser (perfeito) fora de sua realidade. Por isso:

Deve-se assumir a razão em sua dinâmica projetiva, mas é preciso diluir a teologia em antropologia (*Homo Hominis Deus est*) já que Deus é uma abstração fantasmagórica, fora da realidade sensorial humana. A imanência humana e a consciência, intencional e projetiva, são a origem e ponto de partida da religião.<sup>59</sup>

Para Feuerbach, a teologia se utilizou do próprio homem e sua subjetividade para enganá-lo, pois o homem, ao se negar, cria (exterioriza) um Deus que é tudo o que ele mesmo não é, negando suas funções e potências básicas (razão, sentimento, vontade, livre-arbítrio, isto é, qualidades que formam a essência do homem). O objeto da religião é a generalidade humana, abstraída da sua própria essência, enquanto a essência da religião é o gênero humano. Portanto, a humanidade pode responder às suas demandas, sem precisar de um Ser maior e sobrenatural para vigiá-la. O problema é que processo foi invertido, ou melhor, não foi Deus quem criou o homem, mas foi a consciência infinita do homem que criou Deus, seja

---

<sup>59</sup> Estrada Diaz, Juan Antonio. *Deus nas tradições filosóficas, Vol.II: Da morte de Deus à crise do sujeito*. São Paulo: Paulus, 2003.

ele natural ou transcendente. Conclui-se aqui que o objeto real da religião é, portanto, o homem real, corporificado e divinizado.

As características humanas, tais como finitude, materialidade, volição, amabilidade (que são puramente naturais), são abstraídas para um ser alheio (fora de si) e agora passam ao *status* de sobrenaturais. Segue-se daí que o sentimento, a razão e a vontade, que são constituintes do interior humano, são adorados como exteriores pelo próprio possuidor destas qualidades. O que nos leva a compreender então que há um mistério na religião: a inversão do gênero humano por Deus, sendo a antropologia o segredo da teologia. Esta afirmação se constata de vez ao se perceber que a religião estuda o homem em sua generalidade abstraída e não o Deus em si mesmo (este Deus que foi alvo de diversas tentativas de explicações por filósofos como Anselmo e Descartes, que quiseram provar sua existência de maneira puramente teórica e pela ideia de sua perfeição, descolada da história e da natureza). Vemos que a ideia de Deus é um fantasma surgido da subjetividade humana, nunca compreendido pela razão do homem, mas somente através de sua crença. Assim, o homem enganado pela sua fé acredita que só encontrará felicidade e salvação na religião com o sobrenatural.

A proposta central de toda e qualquer religião é a salvação, é a tentativa de gerar e dar felicidade ao homem. Para Feuerbach, esse é o estágio essencial da religião, é o seu objetivo prático. Como a salvação é a meta a ser alcançada, a religião está na dianteira, pois nela é que se encontra a redenção perene e só quem está do seu lado alcançará tal graça. Como meta primordial, a salvação se vincula diretamente à noção de felicidade, e esta só se completa quando aquela é adquirida de forma integral. Assim, exorta-nos Feuerbach:

A meta da religião é o bem, a salvação, a felicidade do homem; a relação do homem com Deus nada mais é que a relação do mesmo com sua salvação: Deus é a redenção realizada da alma ou o poder ilimitado de realizar a salvação, a felicidade do homem.<sup>60</sup>

O cristianismo é, de maneira mais veemente, a religião da salvação. Ele enfatiza esta categoria de tal modo que ele é denominado não mais a religião de Deus, mas a religião da salvação. A doutrina da salvação é ensinada numa perspectiva puramente abstrato-teológica para excluir a vida presente de alguma legitimidade salvífica. A felicidade almejada pelos cristãos é aquela celeste, distante das alegrias terrenas do tempo presente. Os cristãos são os adoradores do mundo futuro, são aqueles que rejeitam os bens e os ganhos naturais e terrenos. Nessa concepção, o cristão deve amar a dor e o sofrimento para lembrar ou idealizar as alegrias eternas vindouras.

---

<sup>60</sup> *Ibidem*, p.191.

Nos momentos de infelicidade, os homens buscam saídas para suas intempéries se agarrando às promessas, em detrimento de seus momentos de alegria em que expandem seu interior e sua consciência. É por acreditar em um mundo diferente do existente, em um mundo constituído somente de belezas e alegrias, que o homem se desliga gradualmente do mundo real que traz em sua estrutura alegrias e belezas, mas que, de acordo com o seu modo de ser, também carrega tristezas e disparidades. É por isso que só se pode afirmar o homem verdadeiro (imperfeito e finito), num mundo imperfeito e finito.

Feuerbach descobre que o homem feliz, em contradição com a visão do cristão, está satisfeito e integrado ao mundo, ao outro e à natureza. Já o homem infeliz nega o seu mundo, a sua realidade e a natureza que o circunda. Ele sente-se diferente de seu habitat natural, perde-se dentro de seu lugar comum. É neste estágio que nasce a semente da divisão de seu eu interior; a partir de então, o estágio prático da religião aparece como momento necessário para seu reencontro consigo mesmo, para obter a resposta plena para a felicidade. É apoiada na divisão do interior humano, na separação de sua totalidade (*quantum totalis*), que a religião alarga seu espaço de ação e domínio. Para Feuerbach:

O prazer, a alegria expande o homem, a infelicidade, a dor o oprime – na dor nega o homem a verdade do mundo: todas as coisas que encantam a fantasia do artista e a razão do pensador perdem para ele o seu encanto, o seu poder; ele submerge em si mesmo, em sua afetividade. Este ser ou espírito submerso em si, concentrado somente sobre si, que só descansa em si, que renega o mundo, que é idealístico com relação ao mundo e à natureza em geral, mas realístico em relação ao homem, que só se relaciona com sua necessidade interior de salvação, este ser ou espírito é – Deus.<sup>61</sup>

As doutrinas amplamente difundidas no âmbito religioso se associam, como estrutura vital, à condução moral das vidas humanas. Tais doutrinas carregam em si as ideias fundamentais que dão aporte prático para a manutenção do poder eclesiástico e, assim, a manutenção do *status quo*. Essas ideias vêm personificadas nas categorias de bem e de mal, pecado e salvação, céu e inferno, Deus e diabo. Nota-se que o antagonismo é sempre presente nas características doutrinárias religiosas, e isso se dá para manter a relação dualística e maniqueísta, com o bem se sobrepondo ao mal e, assim, assegurando a existência do mal (sempre presente na história) como meio estratégico de elevar o bem que reside somente em Deus. O mal não é eliminado, pois é necessário, porém, é inferior ante a onipotência divina.

Na mesma vertente de pensamento, a pecabilidade nasceu não para o homem se lembrar de um erro genético ao qual todos estão submetidos. Ela surgiu para mostrar quem

---

<sup>61</sup> ibdem, p.193.

tem a autoridade necessária para responder às dúvidas fundamentais da humanidade, tais como: Como devo agir? O que eu faço para obter a felicidade? Se sou finito, para onde vou depois do fim? A resposta se encontra na própria gênese da religião, a saber, no sentimento de dependência para com o transcendente.

Ora, a religião (de forma peculiar, o cristianismo) trabalha para que o homem desde a sua infância cultive em sua formação a dualidade entre condenação e felicidade, e infelicidade e salvação. De tal dualidade, surgem também as configurações metafísicas de céu e inferno (estas categorias não encontram sua forma imediata correspondente na natureza, por isso são a negação mordaz desta). Com estes novos conceitos, forjados à luz da filosofia especulativa moderna, o poder doutrinário teológico se eleva até o seu limite, pois é o cristianismo quem detém as chaves da liberação do céu.<sup>62</sup> Em outras palavras, ele é o guardião da felicidade. Assim, a questão “O que eu faço para obter a felicidade?” já não tem mais razão de ser.

A implicação das categorias anteriormente citadas, advindas do discurso religioso, não nos conduzirão para uma discussão com implicações teoréticas, antes, na verdade, só nos guiarão para o caminho da crença prática, negando uma fundamentação lógico-racional. Pensando por esse viés, essas categorias estão dispensadas deste trabalho, uma vez que é na afetividade que se encontram as respostas que buscamos. Nas palavras de Feuerbach:

A religião associa a suas doutrinas maldição e benção, condenação e felicidade. Feliz é aquele que crê; infeliz, perdido, amaldiçoado é aquele que não crê. Portanto, ela não faz apelo à razão, mas à afetividade, ao instinto de ser feliz, aos sentimentos de medo e esperança. Não está no estágio teorético, caso contrário deveria ter a liberdade de expressar as suas doutrinas sem associar a elas consequências práticas, sem de certa forma forçar a sua crença; pois quando se diz: estou condenado se não creio, é isto uma sutil coação da consciência para que se creia; o medo do inferno me obriga a crer.<sup>63</sup>

A afetividade tem um papel central na proposta feuerbachiana, à maneira de Schleiermacher<sup>64</sup>, onde o sentimento ocupa o lugar fundacional para a compreensão da gênese da religião. O sentimento prático, afetivo, é que faz brotar os medos e as necessidades no espírito humano, já compreendidos sem a análise das faculdades de julgar, no campo da teoria, pela religião. A afetividade, que é o elemento que subjaz à criação da fé, é o terreno onde os desejos ultrapassam os sentidos e a sensibilidade é suplantada pelos afetos. A afetividade vai além do mundo objetivo, pois cria uma existência em si; ela se sobressai ao

<sup>62</sup> Mt.16:18-19, In: BÍBLIA SAGRADA: “Pois também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. E eu te darei as chaves do reino dos céus e tudo que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo que desligares na terra será desligado nos céus”.

<sup>63</sup> FEUERBACH, Ludwig. *A essência do cristianismo*. Op. cit., p.194.

<sup>64</sup> Ver: SCHLEIERMACHER, Friedrich Daniel Ernst. *Sobre a Religião*. São Paulo: Fonte Editorial, 2000.

que está acima ou fora de si. O sentimento, nesse caso, restringe-se a si e permanece no âmbito da subjetividade ilimitada.

A religião não quer formar artistas, nem pensadores, o que ela anseia são seguidores e adoradores que creiam e não teorizem a figura divina. O exercício livre da razão (tão cultuado pelos clássicos como Platão, Aristóteles, Sócrates e pelas gerações que desenvolveram teorias críticas posteriormente na Filosofia) não é bem avaliado pelos fiéis crentes, tendo em vista que esta liberdade pode conduzir o pensamento aos questionamentos mais profundos sobre Deus, chegando até mesmo à dúvida sobre sua existência. Nesse caso, na maneira de ver do fiel, não se trata mais de uma mera especulação filosófica, e sim de um pecado grave, um erro, um delito da alma humana. Assim, a discussão se limita ao campo do conhecimento por meio da fé, a arena estritamente prática, e o poder da dúvida e do entendimento se encarceram, mais uma vez, sob o julgo eclesial.

Nesse entendimento, só há uma via correta: a fé. A crença é o meio de explicar, teorizar, adorar, cultuar, conhecer e acreditar num Deus. Sendo assim, a religião é, de forma arbitrária, a única que guarda em seu seio esta via, não bastando a somente a crença do homem para ele ser salvo, mas, para tanto, ele deve crer em Deus e na doutrina da salvação (cristã) que provém dela. O homem, neste ínterim, conduz sua vida com um pé na realidade concreta e com outro no enigma deístico.

### **3.2 RELIGIÃO ENQUANTO ENIGMA**

A religião é, sem dúvida, um dos ritos de passagem mais surpreendentes ao qual a humanidade já se submeteu, principalmente porque o rito ainda está em fluência e só podemos argumentar sobre seu fim se seguirmos os passos dos que o negaram e o negam por diversos séculos. Ainda há os que defendem que as religiões são uma estrutura natural e genética da forma humana (cristianismo, protestantismo, judaísmo, islamismo e etc), pois, são a única e última resposta para ao problema do absoluto e do desconhecido. Entretanto, essa tese é suplementada pela história natural, que descarta os mitos adâmicos e nos confere a evolução como *mater criationis*.

Sobre o Absoluto, as religiões nos ensinam suas fórmulas e alquimias, e a imanência é a existência mesma enquanto “roda viva” que nos afeta de maneira surpreendente. Para Feuerbach, a desmistificação da primeira e o reconhecimento da segunda é o ponto nodal onde o ser humano se conhecerá como um ser de religião, mas esta entendida sob o prisma de uma religião consigo e com suas qualidades e defeitos.

Não se sabe ao certo quem foi o primeiro indivíduo que, num arroubo de emoção, criou a ilusão metafísica de um ser puramente sobrenatural e forte, capaz de criar e conduzir o homem. A criação do ser superpoderoso adveio das constantes necessidades de respostas do ser humano sobre o princípio de tudo, sobre o que não lhe pertence, sobre o que lhe foge das explicações cotidianas, sobre aquilo que ele considera a partir de um plano transcendente. Assim, antecipando Feuerbach, nos adverte Sade sobre tal colocação: “Tu que só surgiste para o suplício do gênero humano, quantos crimes seriam poupados na terra se houvessem degolado o primeiro imbecil que ousou falar de ti”.<sup>65</sup> Portanto, mesmo sem saber de onde veio, o homem tem clara noção de para onde foi levado com a criação deísta.

No entanto, o fascínio que lhe assombra, e que deixa a questão sobre a sua origem mais complexa e enigmática, é que, apesar de não ter conhecimento da sua origem, por este ser um problema sobre-humano, o homem não consegue se desvencilhar por completo dela, recorrendo de tempos em tempos a sua forma mística e reveladora. O que ocorre é que os períodos, que adotamos na historiografia corrente como sinais de cultura religiosa, apontam-nos que não se tem notícia de alguma cultura que não tenha produzido sua religião e que, de uma forma ou de outra, não deva seus ritos e cosmogonias a uma religiosidade qualquer.

Feuerbach persegue uma resposta para esse enigma, lançado e perpetuado por várias gerações, e descobre a relação essencial e inalienável entre Deus e homem, a vinculação basilar entre homem e natureza, e o caráter, ora positivo, ora negativo, da religião. Não enveredaremos no discurso teológico sobre a confirmação da impossibilidade da religião, queremos apenas mostrar que é fato que houve em algum determinado momento a origem da religião e que esta assumiu *status* de primazia em várias sociedades, influenciando de maneira direta a cultura e o *ethos* de vários povos e indicando a ontologia e a moral que esses povos deveriam seguir. Essa inventividade religiosa, e o ponto ao qual ela chegou, é tema de estudo e crítica de Feuerbach e questão central para descobrir os mistérios do que somos, enquanto ocidentais, enquanto participantes que absorvem uma maneira cristã de ver o mundo. Com suas análises sobre essa questão, Feuerbach desvendou, frente às necessidades que emergiram no seu tempo, o grande enigma da humanidade, a saber, o mistério da criação de Deus, e, com suas teorias, fez aparecer novos enigmas que ainda estão em aberto, como uma ferida latente, esperando respostas para os cidadãos do futuro.

Assim, a problemática da religião pode ser pensada sob várias vertentes, como nos salienta Zilles em seus escritos. Pode ser vista e analisada: 1) na redução evolucionista, onde a

---

<sup>65</sup> SADE, Marquês de. *Diálogo entre um padre e um moribundo e outras diatribes e blasfêmias*. Trad. Alain François e Contador Borges. São Paulo: Iluminuras, 2009, p.15.

religião é reduzida à evolução biológica; 2) na ótica positivista, isto é, que reduz a religião ao humanismo sociológico; 3) na redução psicologista, onde a religião é reduzida a um problema psicológico; 4) na redução socioeconômica, que usa a religião como fuga do conflito socioeconômico; 5) na redução moralista, a qual reduz a religião ao bom comportamento; e, por fim, 6) na redução antropológica, processada por Feuerbach e investigada aqui por nós; é a redução dos predicados deístas ao domínio do campo humano, ou seja, é a assunção do homem ao seu posto verdadeiro: o ser que criou Deus.

A religião, antes de ser uma evolução, uma ciência, um desejo, uma fuga, uma doença, um remédio, a manifestação do Absoluto, um ídolo, ela é a criação que descaracterizou o homem e o empurrou para uma estrada autopunitiva e de obscurantismo. Somente no esclarecimento desse mito e dessa experiência é que se pode reencontrar o caminho para o novo homem. Não se quer aqui classificar Feuerbach como um novo messias. Entretanto, vislumbramos “boas novas” para os tempos modernos, a partir de sua revelação, a saber, de que um filho de Adão descobre que a criação do mundo, da religião e do homem é de origem humana. O homem novo surge sem os medos e traumas advindos das culpas geradas pelo pecado e pelo mal.

### **3.3 O SENTIMENTO DO MEDO COMO MOTIVO DA APREENSÃO RELIGIOSA: A AFETIVIDADE E O SENTIMENTO DE DEPENDÊNCIA**

O medo e o sentimento de dependência do homem com o absoluto representam, de modo indireto, os baluartes do domínio religioso sobre os que creem, e, de modo direto, a influência da natureza sobre o homem. É quando este está apavorado, ante a força da natureza e do infinito, que seu coração o guia para o caminho da dependência, o que não é um problema em si. O medo só mostra a condição animal, finita e efêmera do ser humano, isto é, de que ele é mortal. Entretanto, tal medo se metamorfoseia em terror, após anos de admoestação religiosa, que somente é sanado com a promessa da vida plena no além, e, assim, com a dominação, pelos enigmas religiosos, de sua frágil e passageira história.

Influenciado por Schleiermacher, Feuerbach percebe que a configuração religiosa primordial é o sentimento de dependência. Em consonância, os dois filósofos se dão conta de que o sentimento é a manifestação mais forte e vivaz que arrebatava o ser humano na contemplação do ser infinito. Não há como negar os sentimentos, eles emergem de dentro, apesar de poderem ser impulsionados de fora do ser. Eles são manifestações do espírito, que

carregam o corpo num arroubo súbito e, na mesma linha da intuição, são ações do corpo que carregam o espírito de conteúdos sensíveis.

A criação dos deuses, seja nos períodos pré-históricos, “pré letrados” ou nas sociedades ditas “civilizadas”, dá-se na mediação entre o medo que se tem do nada, do absoluto e do inefável e a falta de respostas naturais apresentadas sob o ponto de vista prático.<sup>66</sup> Por isso, o medo cria Deus. Sem um ser para salvá-lo do possível e sempre presente aniquilamento iminente, o homem não precisaria orar e pedir amparo. Esse sentimento afetivo poderia ser canalizado numa relação mais benéfica com sua criação, com seus pares e com o mundo incriado (a natureza autônoma). No entanto, com a alienação gerada durante um período incomensurável, perdeu-se a capacidade de se admirar o novo, de ressimbolizar a morte e de se relacionar de forma igual com a “mãe natureza”. De modo contrário, exaltou-se a dependência deística e proclamou-se a negação da vida orgânica, para afirmar uma existência afetiva baseada no amor egoísta por Deus.

Ao descobrir essa característica da religião, Feuerbach afirma: “mesmo que a minha fé devesse ser livre quanto à sua origem, o medo sempre se mistura com ela; a minha afetividade está sempre presa; a dúvida, o princípio da liberdade teórica, me aparece como um delito”.<sup>67</sup> Nesse caso, deduz-se que pensar é uma grande ousadia, talvez dos filósofos, “amigos da sabedoria”, os quais estão de mãos e ideias atadas frente ao estágio prático da afetividade da religião. Como pode o filósofo exercer uma atividade reflexiva, e por vezes crítica, com o pensamento da existência do inferno e as culpas sobre suas conclusões teóricas atacando-o constantemente? Como pode o cientista descobrir e revelar o mundo natural e os enigmas do mundo com o medo de ser condenado devido a tais revelações?

Baseando-se nos equívocos de filósofos e cientistas de antigamente e da atualidade, vê-se como é urgente a necessidade do reencontro do homem consigo, do filósofo com a *sophia* e do cientista com a *technè*. Com Feuerbach, encontra-se uma solução para essa necessidade, a saber, uma nova via sem os medos e punições, sem as condenações e fantasmas macabros: a via do homem como seu Deus. Enquanto ser que deseja e pensa, o homem se vê acuado e dependente de um ser outro que não pensa e não deseja. Esse sentimento de medo e dependência não é nato, mas ele foi adquirido com o passar dos tempos

---

<sup>66</sup> “É necessário compreender que os povos pré-letrados se identificam muito mais intimamente com o seu mundo do que os povos civilizados. Quanto mais “letradas” se tornam as pessoas, tanto mais propendem a alhear-se do mundo em que vivem a desvencilhar-se e afastar-se do mundo da natureza” MONTAGU, Ashley. *Man: His First two million years (A brief introduction to anthropology)*. New York; Columbia University, 1969. P. 216.

<sup>67</sup> FEUERBACH, Ludwig. *A essência do cristianismo*. Op. cit., p.194.

com a catequização e moralização. Com estes processos, a ligação do homem com suas preciosas potências e com seus pares vai dando lugar, segundo o ponto de vista do cristianismo, a uma necessidade de religação com o desconhecido, tendo em vista que a natureza do ser humano é pecaminosa. Em outras palavras, a detentora do perdão, da remissão e do desagravo desse erro cometido pelo gênero humano é a religião, isto é, ela é a peça motora que religa o desviado àquele que perdoa. Para manter esses seus pressupostos, a religião se baseia na disciplina do medo, no desconhecimento dos limites da afetividade humana e no sentimento de dependência que nasce dessa fantasiosa necessidade de se reconectar ao absoluto.

As teorias religiosas são motivadas pelo desejo de um eterno futuro, pela esperança eterna em mundo perfeito, pela busca de uma moral cristã inabalável e pela suspensão do homem para o surgimento do santo numa vida beatífica, a qual só existirá no desencarceramento da alma ainda presa ao corpo. No campo da teoria, o indeterminado e o desconhecido são as melhores fontes de afirmação dessas ideias, o que é conveniente para os cristãos que tentam explicar o inexplicável. Entretanto, essas teorias encontram alicerces no estágio prático da religião, onde o ser humano se apresenta de forma imediata com seu outro ser subjetivo, num campo objetivo.

No estágio prático da religião, o subjetivo se refere à integralidade do homem somente na união deste com seu ser superior. A consciência prática do homem no mundo se revela nas suas metas e necessidades, que só são alcançadas através de um esforço físico e moral no mais alto grau prático de subsistência religiosa. A totalidade do homem como crente se revela na mediação entre o grau prático e o grau teórico, estando este também vinculado diretamente à religião que:

[...] assim coincide nela tudo que está por detrás da consciência prática, mas o objeto essencial da teoria está (teoria no sentido original e mais geral, no sentido da contemplação e experiência objetiva, da razão, da ciência em geral) fora do homem e da natureza, num ser pessoal especial. Tudo que é bom, mas principalmente o que surpreende o homem espontaneamente, que não combina com o propósito prático e sua intenção, que vai além das fronteiras da consciência prática, vem de Deus; tudo que é ruim, mau, nefasto, mas especialmente o que o surpreende espontaneamente em seus propósitos morais ou religiosos ou que o arrasta com terrível violência, vem do diabo.<sup>68</sup>

---

<sup>68</sup> FEUERBACH, Ludwig. *A essência do cristianismo*. Op. cit., p.194.

Dessa maneira, a criação da figura demoníaca serviu para retirar do homem o peso do erro que nasce naturalmente das suas livres escolhas (fardo da liberdade), mas também serviu para algemá-lo a essa ideia nebulosa e fantástica, perpetuando o reino eclesial.

### **3.3.1 A INVENÇÃO DO DIABO, A DISTORÇÃO DO CONCEITO DE ACASO E A FARSA DA GRAÇA: CRITÉRIOS ÚLTIMOS DA MANUTENÇÃO DO MEDO E DO SENTIMENTO DE DEPENDÊNCIA PARA COM A *MATER ECCLESIAE***

Para se salvaguardar, a força da crença teística, sob a forma de religião, passa a ostentar tudo o que é bom e produtivo, guardando para si todas as qualidades, enquanto relega para a figura maligna (o diabo ou satã) todas as nulidades e ruindades. A oposição entre Deus e o diabo é uma das marcas mais peculiares do cristianismo, uma vez que é a partir dessa divisão que se arquiteta uma visão mais perfeita de Deus, segundo a qual este é sumamente bom enquanto seu inverso é sumamente mau. No presente, a vida do ser humano ainda pode ser descrita desse modo pelo fiel: tudo que o beneficia e que o encaminha para a felicidade vem de Deus, ao passo que aquilo que o invade de forma brutal e maléfica vem do diabo. Este faz parte do imaginário popular e é uma categoria necessária no imaginário religioso. Feuerbach afirma:

Ao conhecimento da essência da religião pertence o conhecimento do demônio, de Satã, do diabo. Não se pode deixar de lado essas coisas sem se mutilar violentamente a religião. A graça e seus efeitos são o oposto das atuações diabólicas. Como os impulsos espontâneos, que se elevam a partir do fundo da natureza, em geral todos os fenômenos inexplicáveis do (seja real ou suposto) mal moral e físico da religião, se mostram como obras de uma entidade maligna.<sup>69</sup>

A existência de Deus e do diabo é uma condição necessária e vital para a existência da religião, bem como do bem e do seu oposto. Para o cristão, a necessidade de uma vida feliz é baseada na proximidade com a graça divina, na relação com o bem. De modo consonante, a infelicidade se origina da relação com o mal. A graça divina é responsável pelo bem-estar e por uma vida próspera. Todavia, como ela é passageira (assim como tudo na vida humana), ela ora nos visita, ora vai embora. Eis onde se esconde a arbitrariedade da graça e onde reside o mal-estar dos queixosos devotos que estão nesta querela entre a graça (felicidade) e a desgraça (infelicidade).

---

<sup>69</sup> Idem, p.195.

Dessa forma, o homem pode se encontrar diretamente com a solidão terrena, onde ele pode encarar seus medos. À medida que a graça divina se afasta dele, ele se vê obrigado a encarar a vida, o mundo e os outros. Nessa relação solitária consigo e com o cosmos, ele não se sente mais estrangeiro no mundo, podendo encontrar e dar sentido à sua existência. Para Feuerbach (e também para Nietzsche)<sup>70</sup>, a vida é o ápice da existência, o auge das potencialidades, isto é, onde reside todas as atualidades. Além disso, a vida terrena é o momento primordial onde se pode encontrar a felicidade. De maneira contrária, para o cristão, os momentos destituídos de júbilo e entusiasmo são os momentos da vida abandonados pela graça divina. Ademais, ele acredita ser a vida terrena apenas um teste para o encontro com a vida perfeita, a saber, a vida celeste.

O homem constituído de uma vida dupla, uma exterior e uma interior, define o seu interior aos moldes do gênero religioso e a vida exterior como o acaso. Segundo Feuerbach, este se mostra como uma série de desígnios secretos e públicos que não é fundada em nenhuma realidade abstrata, metafísica ou absoluta. O acaso se situa entre a vontade humana e a força vital da natureza. Contudo, para o crente, a graça divina “é o poder do acaso mistificado”, tendo em vista que:

Temos novamente a confirmação do que já reconhecemos como a lei essencial da religião. A religião nega, condena o acaso ao fazer com que tudo dependa de Deus, explicando tudo por ele; mas ela o nega aparentemente: ela apenas o transfere para o arbítrio divino. Mas a vontade divina que, por motivos incompreensíveis (i.e., dito aberta e honradamente), por um arbítrio absoluto e infundado, como por um humor divino, determina e predestina uns para o mal, a desgraça, a infelicidade, outros para o bem, a salvação e a felicidade, não tem em si nenhuma característica fundada que a pudesse distinguir de “sua majestade o acaso”.<sup>71</sup>

Dessa maneira, as particularidades da vida humana e da vida divina são configuradas como diametralmente opostas. O acaso é visto do mesmo modo que a vontade: como inexplicável. Assim, a odisseia humana está lançada nas mãos do acaso, que pode levá-la à plena realização ou ao total aniquilamento. Na visão religioso-cristã, o poder de Deus é tão sobrenatural que seus desígnios são sumamente imprevisíveis; e é nesta imprevisibilidade que está a predestinação do fim do homem. A decisão do rumo da sorte humana está lançada ao bel-prazer do humor divino, segundo a qual uns serão redimidos e libertos, e outros punidos e

---

<sup>70</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *O Anticristo: Maldição do cristianismo*. p.11: “Não é o problema daquilo que virá a seguir à humanidade na sucessão dos seres, que aqui apresento (-- o homem é um fim --): mas qual o tipo de homem que devemos produzir, que devemos querer, como sendo de uma qualidade superior, mais digno de via, mais certo do futuro”.

<sup>71</sup> FEUERBACH, Ludwig. *A essência do cristianismo*. Op. cit., p.196.

condenados. Dessa maneira, a vontade do homem está submetida à vontade de Deus, e, como consequência necessária e lógica, a liberdade humana é suprimida.

Denominamos isso, por diversas vezes, de “derrota histórico-religiosa do homem”, uma vez que sua história, nesse caso, não tem razão em si mesma, mas depende da história divina. O cristão afirmará que sua vida está reduzida à vida de Deus, seus caminhos somente estão corretos nas trilhas divinas e sua vontade está submissa à vontade Daquele que o criou.<sup>72</sup> Nesse viés, a religião criou a figura do diabo para manter as curiosidades e os desejos humanos contidos. À medida que o homem se lança no mundo e entrelaça-se na finitude das coisas, ele envereda uma fenomenologia no âmago da natureza, descobre a sua existência e, assim, surge para ele o ser-real do mundo e o seu ser. Nessa relação, desvela-se o sentido de sua vontade, de seu querer e de seus limites. No entanto, para que o controle sobre esse ser, de volição e atrevimento, seja mantido, os fantasmas religiosos personificados e referendados surgem na figura do diabo.<sup>73</sup>

As armas que a religião possui são o medo, as promessas, o mistério, o imprevisível futuro celeste, o sentimento de dependência, a metafísica e o demônio. Tais armas são os meios de coerção do ser religioso para manter sob sua égide seus fiéis devotos. A religião, aos olhos de Feuerbach, está baseada na mística do acaso, ela é onde este e o mistério se complementam e foi a opção escolhida pelos filósofos especulativos da religião, bem como pelos mantenedores do cristianismo, para assegurar seu ideário. Em virtude dos mistérios do acaso e dos sonhos sobrenaturais, estas duas vertentes (filósofos especulativos e fiéis religiosos) de religiosos preferem uma vida sem mediações (sem gosto, sem sabor, sem cheiro e sem corpo), para fundamentá-la somente com base em discursos metafísicos e dissimulações especulativas, a fim de viverem uma existência ilusória nas graças de Deus ou da razão divinizada. Assim:

O mistério da graça é, portanto, o mistério ou a mística do acaso. Eu digo a mística do acaso, porque de fato é o acaso um mistério, não obstante confundido e ignorado pela nossa filosofia especulativa da religião, que esqueceu os verdadeiros mistérios do pensar e viver em nome dos mistérios

---

<sup>72</sup> Dessa maneira, o cristão se envolve numa contradição performativa em que nega a sua vontade para doá-la a um ser que, no fundo é ele mesmo, mas exteriorizado e alienado. Em outras palavras, o cristão nega sua vontade, para afirmá-la (de maneira inconsciente) como a única vontade existente. Afirma ele: “não tenho vontade”, mas, ao afirmar, demonstra a força e a vivacidade de sua vontade.

<sup>73</sup> Sobre este assunto, Feuerbach nos apresenta tal colocação: “Esta revelação do mistério da graça será sem dúvida acusada de infame, ímpia e demoníaca. Eu não me importo: *prefiro ser um demônio aliado à verdade do que um anjo aliado à mentira*” (FEUERBACH, Ludwig. *A essência do cristianismo*, p.196).

ilusórios do ser absoluto, i.e., da teologia, e que da mesma esqueceu o mistério profano do acaso em mistério da graça divina ou do livre-arbítrio.<sup>74</sup>

Somente o discurso da graça não basta para manter os fiéis sob sua jurisdição. É preciso, como já foi dito anteriormente, criar e propagar o mito da figura demoníaca, o que revela a face possessiva e dominadora das religiões sobre a espécie humana. Nesse sentido, é basicamente considerado ateu quem não acredita em Deus e no diabo. É comum ver textos sobre possessões, pragas, enfermidades e ações geradas pelo demônio, nas escrituras sagradas. Uma das formas de se revelar Deus é atacando o diabo, ou seja, Deus também se afirma na negação dos atributos do demônio, pois, com a inexistência deste ser totalmente maléfico, surgiria uma lacuna na definição de um ser totalmente benéfico. A história de Deus e do demônio caminham sempre lado a lado, ou melhor, a origem e o fim dos dois advêm da mesma essência: do interior humano. Conforme Feuerbach:

O demônio é o negativo, o mal que vem da essência, não da vontade; Deus é o positivo, e o bem que vem da essência, não da vontade consciente – o demônio é a maldade, a perversidade espontânea, inexplicável; Deus é a bondade espontânea, inexplicável. Ambos têm a mesma origem – somente a qualidade é diversa ou oposta. Por isso mesmo a crença no demônio estava intimamente relacionada com a crença em Deus até tempos recentes, de forma que a negação do demônio era tida por ateísmo assim como a negação de Deus.<sup>75</sup>

### 3.4 EXPERIÊNCIA RELIGIOSA ENQUANTO OMISSÃO DA HUMANIDADE

O princípio da religião é a experiência religiosa, a qual é positiva para Feuerbach, embora guarde na etapa seguinte a sua necessidade, o seu aspecto negativo. A religião aparece como necessidade em um primeiro momento, mas, após uma análise crítica e teórica de seus pressupostos, ela surge como o fator alienante da relação do homem consigo, o qual deve ser superado no campo teórico e no prático. Já foi esclarecido o modo como o homem, em total identidade com seu interior, cria esse princípio religioso em seu ideário. Iremos agora analisar como a religião negou de forma total, com seus conceitos, a vida humana e a figura humana como ser primordial na relação e na criação do absoluto.

A religião não nasceu separada da vida do homem. Ela é um momento necessário de passagem na busca humana pela compreensão de si mesmo, do mundo e do absoluto. Dessa maneira, ela é a consciência que o homem tem de si mesmo, ou seja, a identidade entre a

---

<sup>74</sup> Ibidem, p.196.

<sup>75</sup> Ibidem, p.196.

autoconsciência humana, que almeja ser infinita, e a sua essência, que é ela mesma. O homem que cria o ser ilimitado, cria um imperativo: Deus, que não é nada mais que o produto sobrenatural de sua criação. Avançando no campo do desconhecido, o homem se apavora com suas capacidades, com as quais, por vezes, avança sobre suas limitações, mostrando que a essência divina, fruto de sua engenhosidade, nada mais é do que a própria essência humana abstraída. A religião é a inversão do interior humano, é a manifestação dos desejos mais profundos do Eu.

O estranhamento do homem diante de seu interior se dá, justamente, no momento do nascimento da percepção religiosa. Ao se afastar de sua identidade imediata consigo, ele se vê separado de seu interior e afirma, a partir dessa diferença, a existência de uma divindade, negando de maneira arbitrária a sua consciência. Em outros termos, ele doa a sua capacidade autônoma de autoconsciência para outro ser, fora de si, e estranha o seu interior. Assim, a religião é o produto mais acabado da alienação do homem em suas potências. A fiel identidade entre o homem e sua criação é a relação à qual Draiton Gonzaga nos remete:

Feuerbach tentou demonstrar esta identidade, afirmando-a de sujeito e objeto, ou seja, de consciência e objeto, e a identidade do objeto da religião com o da consciência. Por isso, a transformação da definição da religião é consequência lógica: a religião não é consciência de Deus, mas autoconsciência.<sup>76</sup>

O que ocorre nos discursos de fundamentação da religião é a apresentação da vida humana em seus mais altos atributos, em suas formas genéricas e perfeitas. Quem na verdade cria a religião, Deus, a si mesmo e transforma o mundo é o homem. Após a desvelação do que é a religião, não mais se tratará de Deus, mas do próprio homem. Para Feuerbach, a religião começa na especulação do homem, ela é medida pelo homem, e seu fim é a realização do homem.<sup>77</sup> No entanto, embora a religião seja a subsunção da consciência do homem no seu âmago, não se deduz daí que o homem seja consciente de que Deus é sua consciência. É na alienação da identidade entre sua essência e sua consciência que se descortina o campo de ação prática da religião e os dogmas da teologia. A falta de consciência da sua capacidade faz com que a religião seja representada como uma categoria afastada da vida do ser humano.

---

<sup>76</sup> SOUZA, Draiton Gonzaga de. *O ateísmo antropológico de Ludwig Feuerbach*, p.34.

<sup>77</sup> SOUZA, Draiton Gonzaga de. *O ateísmo antropológico de Ludwig Feuerbach*, p.65: “Qual é, no entanto, a força impulsora deste processo objetivador e desarraigador do homem? Como explicá-lo? Qual é a origem da religião? A razão deste processo é a natureza ou o objetivo da religião mesma, que divide, objetiva a essência humana em Deus; mas seu fim não é arrancá-la do homem, mas superar a divisão, criando novamente a identidade, que, no entanto, será mais rica. A religião somente nega algo no homem, para que este o recobre num nível superior”.

Assim, a religião se apresenta com dois traços fundamentais: um verdadeiro, classificado por Feuerbach como antropológico, e outro falso, representado como o teológico.

A religião, pelo menos a cristã, é o relacionamento do homem consigo mesmo ou, mais corretamente: com sua essência; mas o relacionamento com sua essência como outra essência. A essência divina não é nada mais do que a essência humana, ou melhor, a essência do homem abstraída do homem individual, i.é., real, corporal, objetivada, contemplada e adorada como outra essência própria, diversa da dele – por isso todas as qualidades da essência divina são qualidades da essência humana.<sup>78</sup>

As tentativas de fundamentação religiosa se esbarram na insuficiência humana de conceder respostas completas ao absoluto, e de igual maneira de classificar o seu espírito. À medida que o homem vai se afastando de sua vida autoconsciente e se perdendo em mares ilusórios, a religião, contrariamente, faz um rodeio na explicação natural e direta do homem e cria o ser abstrato-divino. Para a compreensão do fenômeno religioso é preciso salientar as duas etapas que constituem a religião, seus momentos positivo e negativo. Com relação a isso Zilles nos auxilia:

Para elaborar uma filosofia da religião, é preciso considerar tanto o aspecto afirmativo como o negativo, ou seja, não basta a descrição do fenômeno religioso. É necessário atender ao significado da crítica e à estrutura de um possível diálogo. Na filosofia sempre houve crítica. [...] A crítica radical, proclama o fim da religião, pois nega a religião como um todo. Nessa linha situam-se Ludwig Feuerbach, com sua teoria da projeção, reduzindo “o mistério da teologia à antropologia”.<sup>79</sup>

### 3.5 O MOMENTO NEGATIVO DA RELIGIÃO

No momento de negação, há uma alienação do homem com relação ao seu interior e ele passa a afirmar o ser sobrenatural, que é Deus. Nessa etapa, ao tentar construir o seu ser ou uma ideia de si mesmo, ele se perde em uma contradição interior, pois os enigmas religiosos o embaraçam e o fazem inventar um ser mais forte que sua vontade e sua capacidade de discernimento. Em outras palavras, atordoado com essa sublimação de sua essência, o homem apela para as causas sobrenaturais, encontradas no viés alienante da religião. Assim, nasce o domínio do ser puramente abstrato sobre o ser puramente concreto, real e mediato. Este não caminha mais com suas próprias escolhas, mas sua mente sempre se desloca e se subordina a Deus, aumentando o poder deste sobre aquele. O trabalho religioso está completo quando o

<sup>78</sup> FEUERBACH, Ludwig. *A essência do cristianismo*. Op. cit., p.45.

<sup>79</sup> ZILLES, Urbano. *Situação atual da filosofia da religião*, Op. cit., p.250.

homem não mais se reconhece como ser autônomo, necessita da atuação do ser que ele gerou, e a ilusão se apodera de sua vida. Marcio Gimenez nos adverte, na sua aproximação entre Feuerbach e Freud:

Com efeito, os homens, desde a mais tenra idade, enfrentam uma luta contra a natureza, isto é, tentam negá-la. Além disso, desenvolvem internamente valores morais. Dentre esses valores morais, afirmam-se as ilusórias ideias religiosas. Segundo Freud, as ideias religiosas trazem diversos problemas para a sanidade humana como, por exemplo, a ideia do pai como fundamento religioso e o excessivo apelo à tradição. Contudo, ainda pior do que a afirmação teológica da religião, é sua afirmação através de artifícios filosóficos. Para ele, a origem psíquica das ideias religiosas é a ilusão. Na sua concepção, a ilusão está profundamente ligada com a repressão dos desejos humanos e a negação dos mesmos. A base da religião é uma falsa base, portanto, a despeito de sua importância para a formação da civilização, ela não pode ser vista como o seu fundamento. Nesse sentido, a proposta freudiana é que a ética ocidental supere a religião. No seu entender, as leis religiosas nada mais são do que produtos culturais.<sup>80</sup>

Na perspectiva freudiana (em acordo com a crítica de Feuerbach), essa ilusão religiosa causa danos irreparáveis na forma de o homem ver o mundo, além de prejudicar sua representação sensível sobre a realidade. Freud, portanto, incorpora a ideia de historicização da religião de Feuerbach e a sua tentativa de destitui-la de suas bases e, assim, reformular sob um viés estritamente humano uma ética e uma análise antropológicas. Ademais, Freud também enxerga na luta do homem contra sua natureza e na negação de seus desejos, os artifícios que sublimaram a vontade humana e geraram diversas psicopatologias nos indivíduos. Feuerbach já preconizava a necessidade de uma reformulação da antropologia, mediada pelo ateísmo positivo (aquele que afirma o homem como Deus), e de uma revisão da teologia baseada na filosofia especulativa, como critérios de realização e melhoramento das condições de vida do ser humano. Para Freud em seu texto “O futuro de uma ilusão” temos:

Esse estado de coisas (a religião) [*grifo nosso*] é, em si próprio, um problema psicológico bastante notável. E que ninguém imagine que o que declarei a respeito da impossibilidade de provar a verdade das doutrinas religiosas contenha algo de novo. Isso já foi sentido em todas as épocas, e, indubitavelmente, também pelos ancestrais que nos transmitiram esse legado. Muitos deles provavelmente nutriram as mesmas dúvidas que nós, mas a pressão a eles imposta foi forte demais para que se atrevessem a expressá-las. E, visto que incontáveis pessoas foram atormentadas por dúvidas semelhantes e se esforçaram por reprimi-las, por acharem que era seu dever acreditar, muitos intelectos brilhantes sucumbiram a esse conflito e muitos caracteres foram prejudicados pelas transigências com que tentaram encontrar uma saída para ele.<sup>81</sup>

<sup>80</sup> PAULA, Marcio Gimenez de. “O futuro de uma ilusão: algumas reflexões entre Feuerbach e Freud”. In: *Revista AdVerbum* 2 (2), pp. 161-171, Jul-Dez de 2007, p. 3.

<sup>81</sup> Sigmund, Freud. *O futuro de uma ilusão*. São Paulo: Imago, p. 25.

Para esse filósofo, o cristianismo aparece como uma doença que se oferece, ao mesmo tempo, como cura. Entretanto, por esta manter a enfermidade, o melhor é ou evitar a doença ou buscar uma nova alternativa que não sejam os remédios criados pelo parasitismo cristão. Nesse momento, surge Feuerbach com seu *phármakon* e nos oferece uma alternativa de “cura”, a qual, mesmo extraída de dentro do organismo parasitário, não traz consigo os males que lhe são naturais. A cura realmente está presente no enfermo e na enfermidade, porém, afetado pelas feridas cristãs aquele não conseguia visualizar a fonte do problema e sua resolução.<sup>82</sup> Este remédio é removido do delírio alucinante do doente e nos apresenta este como o sujeito que gerará sua cura, mediante a superação do desatino que o atordoa e revelará as verdades antropológicas ocultas nas mentiras místicas. De igual maneira, o filósofo idealista deixará de lado as verdades ilusórias criadas para perpetuar seus desejos inconscientes e metafísicos, e dará espaço para a discussão do mundo real, constituído pelo homem e pela natureza e repleto de verdades materiais.

O estágio infantil da humanidade, o religioso, é um processo com um começo e um durante. A superação dessa fase só ocorrerá quando advier a assunção do homem como um projeto a ser construído por ele mesmo (tal projeto encontra um esboço nas teses de Feuerbach). Se o homem permanecer na eterna dependência paterno-materna (dupla dependência paterna = Deus e materna = *Ecclesia*), à qual ele é submetido pelo discurso e práticas cristãs, ele continuará perdido em caminhos idealísticos que o encaminham para veredas obscuras. Para Feuerbach, o cristianismo mantém a enfermidade, e, dessa forma, negligencia o homem e o mundo. Ao favorecer somente o Pai, ele esquece os seus filhos e a matéria natural que os alimenta.

O homem nessa relação com sua imagem, posta como ser exterior e superior, apresenta-se como dupla consciência: uma próxima que lhe é acessível e outra que lhe é estranha. A mais próxima, o seu ser, aparece-lhe como uma consciência pérfida, enquanto a outra como a verdadeira. No caminho do desvelamento de sua relação com seu interior, o homem vai se reapropriando dessas categorias, que num primeiro momento lhe parecem estranhas, e, assim, descobrindo sua consciência geradora. Nesse momento, entra em cena a alienação religiosa, afirmando que há uma imensa diferença entre o seu ser e a sua criação subjetiva, isto é, garantindo mais uma vez a superioridade da força sobrenatural de Deus sobre o homem.<sup>83</sup>

---

<sup>82</sup> Sigmund, Freud. *O futuro de uma ilusão*. op. cit. p. 16.

<sup>83</sup> MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*, p.78: “Consequentemente, a tarefa da história, depois que o outro mundo da verdade se desvaneceu, é estabelecer a verdade deste mundo. A imediata tarefa da filosofia, que

Apesar de Feuerbach não ter feito uma crítica política elaborada, percebe-se que suas interpelações sobre a religião, o homem e o mundo orgânico são no fundo uma proposta de análise materialista e, como tal, descreve a realidade material e dá subsídios para o surgimento de uma tradição de análise de cunho econômico, sociológico e crítico. Fica claro em nossa exposição a relevância da reapropriação dos conteúdos ocultos da religião, tendo em vista que foi o meio pelo qual Feuerbach se apoiou para apontar suas conclusões, a passagem necessária para a compreensão da categoria “homem” como ser alienado e para a abertura de um horizonte no caminho da emancipação.

Para a obtenção de sua essência, a qual fora objetivada e jamais se reconciliou com seu interior, o ser vivente precisa negar a ilusão criada pela tradição religiosa, ou seja, necessita se desprender de sua imagem abalada pelo extremismo. A ilusão primordial gerada na tese de que Deus é tudo o que o homem não pode ser, pode gerar diversas outras ilusões que não deixam o indivíduo se realizar enquanto ser completo. As palavras de Feuerbach inspiraram seus sucessores e a força de suas ideias é como um pavio aceso que ele legou para o mundo que havia de surgir. Marx mostra ter sido um desses sucessores ao afirmar que:

A abolição da religião enquanto felicidade ilusória dos homens é a exigência da sua felicidade real. O apelo para que abandonem as ilusões a respeito de sua condição é o apelo para abandonarem uma condição que precisa de ilusões. A crítica da religião é, pois, em germe, a crítica do vale de lágrimas de que a religião é a auréola.<sup>84</sup>

No fundo, a religião quer anular o homem, para que, nesse processo de esvaziamento, ele não consiga reencontrar suas características mais íntimas e particulares. Em outras palavras, ela se posiciona contra o ser humano, nega os seus conteúdos propriamente sensíveis, para no momento, como ser absoluto, seguinte se reapropriar deles. Nesse sentido, esvaziar o homem significa preencher Deus.

Quando os indivíduos se alienam de suas ideias, empobrecem-se enquanto homens e, a partir daí, aumentam a riqueza e o poder religioso. No empobrecimento de sua vida, na autoalienação e na deformação de sua história, o homem dá conteúdo ao ser religioso e se afasta de sua humanidade. Após se desligar de seu gênero, ele adora um Deus com todas as suas características, reverenciando-o como o seu gênero num grau mais elevado, que nem ele mesmo tem acesso.

---

está ao serviço da história, é desmascarar a autoalienação humana nas suas formas não sagradas, agora que ela foi desmascarada na sua forma sagrada. A crítica do céu transforma-se deste modo em crítica da terra, a crítica da religião em crítica do direito, e a crítica da teologia em crítica da política”.

<sup>84</sup>Ibidem, p.78.

Pensando Deus, o homem pensa apenas a si mesmo de uma maneira alienada, pois a ideia do infinito é a própria humanidade do homem. Deus é o próprio ser humano alienado de si mesmo: a essência de Deus é autoconsciência do homem. Deus se representa, assim como aviltador da dignidade humana e a religião como usurpadora do humano, como destituidora daquilo que é e deve ser do homem, na medida em que atribui a Deus características, atributos, que pertencem ao ser humano. Deste modo, a religião manifesta-se como anti-humana.<sup>85</sup>

A humilhação e a degradação da vida humana têm como princípio essa alienação. Ao criar a magnificência de Deus, o homem assume sua vulnerabilidade frente ao indeterminado e ao absoluto, além de afirmar sua miserabilidade nessa relação projetiva. Nesse momento, o grande projeto da história da humanidade passa a se constituir como a reapropriação da essência natural e concreta do homem, que foi sonogada e suplantada no ser sobre-humano. Depois disso, surge a deificação do próprio homem, que ocorre no processo de negação da negação do homem. Ao afirmar o homem, nega-se Deus, ou ao se negar Deus, em seus atributos abstratos, encontra-se o homem, os seus atributos concretos e naturais. Complementando isso, Feuerbach nos diz: “O cristianismo já não corresponde nem ao homem teórico nem ao homem prático; já não satisfaz o espírito, nem sequer satisfaz ainda o coração, porque temos outros interesses para o nosso coração, diferentes da beatitude celeste e eterna”.<sup>86</sup>

### 3.6 O MOMENTO POSITIVO DA RELIGIÃO

A retomada do ser natural, que foi atacado pela religião e transformado em ser puramente sacro, é o caminho reverso que o homem faz para integralizar o seu interior tão cindido. Feuerbach caracteriza essa atitude como a passagem da fase infantil da humanidade para a fase adulta. Para o homem, portanto, a religião é uma fase que deve ser encarada como etapa primordial na descoberta de sua essência. Nesta etapa de reconstrução de seu interior, que foi abalado pelos ataques religiosos, surge uma luz que lhe descortina a possibilidade de se reconhecer como ser consciente e o verdadeiro sujeito que atua no mundo.

Na passagem da negatividade da religião para sua positividade, o caminho que foi feito pela tradição religiosa deve ser prontamente invertido. Todos os atributos negados pela religião, até esse novo processo, na busca de desacreditar o homem em suas forças vitais, terão que ser reconsiderados à luz da revelação dos tempos feita por Feuerbach, a saber: só

<sup>85</sup> SOUZA, Draiton Gonzaga de. *O ateísmo antropológico de Ludwig Feuerbach*, Op. cit., p.70-71.

<sup>86</sup> FEUERBACH, Ludwig. “Necessidade de uma reforma da filosofia”. In: *Princípios da filosofia do futuro e outros escritos*, p.2.

existe um ser consciente no mundo, o homem. Em outros termos, tais atributos, que foram situados numa esfera sacrossanta, terão que ser reescalados na esfera real de atuação do agente que vive, isto é, na essência humana. Essa abordagem nos é evidenciada por Feuerbach, em seus textos mais célebres, e clarificada por Amengual na seguinte referência:

A religião já foi caracterizada como a consciência do infinito; este infinito e a religião tem a mesma da essência divina, porém dada a identidade entre a consciência e a própria essência é o resultado que esta essência mesma chamada divina não pode ser chamada que esta essência chamada divina não pode ser senão a mesma essência que a humana. Também aqui Feuerbach toma como pressuposto imediato o resultado da filosofia da religião de Hegel, a identidade de sujeito e objeto, de finito e infinito. Pressupondo esta identidade como algo imediato e dado, saltando todo processo e diferença, e por isso a afirmação da divindade na autoconsciência humana não pode ser más que a afirmação da divindade (superioridade, autonomia) da consciência humana, a alienação para o homem de sua própria consciência. Por isso a verdade da proposição hegeliana “a consciência que o homem tem de Deus é a autoconsciência de Deus” está invertido: “a consciência que o homem tem de Deus é a consciência do homem, de sua própria essência”. Esta identidade é a que Feuerbach tem tentando demonstrar afirmando a identidade de sujeito e objeto, ou seja, da consciência e objeto, e a identidade do objeto, da definição da religión e da consciência. Por isso agora da transformação da definição da religião é uma consequência lógica, a religião não é consciência de Deus, sim autoconsciência.<sup>87</sup>

O trabalho de Feuerbach de inversão da proposta religiosa é de extrema pontualidade na modificação da autonomia do agente criador, na afirmação da identidade entre o objeto e o sujeito e na equiparação entre a consciência e o seu objeto imediato. A superação da determinação do finito a partir do infinito, salientado no projeto de Hegel, era a base rígida onde se construía o ideal de superioridade de Deus (o ser infinito), mas tal ideal é extrapolado pela descoberta do rasgo na relação da consciência consigo mesma. Na retomada de sua consciência, forjada na autorrealização de sua existência concreta, como consciência infinita e genuinamente humana, o homem pode agora realinhar a sua história sem os matizes opressores que encobriam sua face, a saber, a falsa projeção religiosa.

Para que tal superação ocorra, supõe-se a necessidade de existência da religião. Assim, não se descarta a vida religiosa no primeiro momento de tomada de consciência do mundo.<sup>88</sup>

<sup>87</sup> AMENGUAL, Gabriel. *Crítica de la religión y antropología em Ludwig Feuerbach*. Op. cit., p.92.

<sup>88</sup> Lembremo-nos dos três estágios (a lei fundamental que rege a história) anunciadas por August Comte: lei que afirma que o progresso do espírito humano, o desenvolvimento das técnicas humanas, acarretará numa substituição do estágio primitivo do homem até sua plena maturidade adquirida pelas ciências. Segundo tal lei, as ciências e o homem se desenvolvem através de três estágios, a saber: 1º o teológico (infância), 2º o metafísico (juventude) e 3º o científico ou positivo (maturidade). Esta fase já começara a se realizar no apogeu do século de Comte, o século 20, mas, contra sua vontade, não é a ciência a salvação da consciência humana. Em nosso trabalho, conjecturamos que Feuerbach e Comte se aproximam na admissão do 1º momento como fase a ser

Todavia, a permanência em tal fase ocasiona a paralisação da história dos descobrimentos humanos, pois, como já salientamos, essa etapa sempre está atrelada ao domínio do medo e do sentimento de dependência. Para Feuerbach, o homem no estágio moderno, no qual se encontra a odisseia terrestre, se se mantiver vinculado à história temporalmente, mas com o coração na atemporalidade, será lançado para uma história da farsa e da mentira e, portanto, para uma pseudo-história. Somente ao invocar a verdadeira religião (a história dos seres que vivem), à luz da sensibilidade e da razão, ele poderá fazer política, religião, ciência, ética, antropologia e história. Ademais, somente quando juntar os pedaços de seu interior que foram rasgados e quando não mais tratar o outro e a natureza à maneira egoísta cristã, o homem poderá ser “um” numa comunidade, e esta ser uma só, deixando de ser somente indivíduo e passando a ser consciência enquanto gênero.

Agora que o véu do templo do conhecimento se rasgou, o homem pode seguir sua vida numa estrada sem medos e abandonos. Os problemas e questionamentos que surgem, a partir daí, serão resolvidos dentro das esferas de possibilidades de ação desse indivíduo. Na verdade, um abandono é crucial para que a humanidade alcance a tão sonhada maturidade, pois, ele representa é o abandono dessa etapa infantil de crenças ilusórias.

Feuerbach nos demonstra que a liberdade tem um preço: a verdade. Este valor é cobrado sempre que o ser humano se vê angustiado e não encontra no terreno das relações sociais meios para se afirmar como objeto e sujeito de sua história. O contato e a relação com seu Pai (Deus) lhe eximia desta busca. Segundo seu Pai e seus discípulos, a verdade já fora dada, cabe aos próximos somente segui-la. No entanto, a humanidade surpreendentemente engatinhou, deu seus primeiros passos, aprendeu a falar, transformou sua puberdade em *Aufklärung* e, no ocaso dos tempos revolucionários, emancipou-se, embora tenha dado um passo atrás quando os filósofos especulativos racionalizaram a teologia. Em verdade, esse processo de emancipação ainda está em andamento. Depois de tantos esclarecimentos herdados de nossos filósofos, cabe agora o ser humano se apaixonar por sua condição “humana” e trilhar o caminho da orfandade espiritual, mas com dignidade e autossuficiência, com o olhar atado ao presente e o coração fincado no agora.<sup>89</sup>

A milenar conclusão, à qual chega Feuerbach, é fruto de uma série de investidas céticas sobre o campo tão sombrio que é a metafísica e a religião. Sem dúvida, Feuerbach deve aos seus anteriores: Aristóteles, Epicuro, Diógenes (o cínico), Giordano Bruno, Galileu.

---

ultrapassada. Entretanto, Feuerbach não crê nas ciências naturais como ápice da escalada humana em conhecimento (Cf. COMTE, Auguste. *Curso de filosofia positiva*. Lisboa: Edições 70, 1984).

<sup>89</sup> Sobre a humanidade em sua fase infantil, Ver: FREUD, Sigmund. *The psychopathology of everyday life*. Ed. Standard, V. 6.

Ele honrou seus predecessores e, mesmo com o risco de punições e exílio, manteve-se íntegro no caminho da conscientização e da humanização.<sup>90</sup>

A crítica da humanidade à sua fase infantil, ligada aos sistemas religiosos, é um aspecto fundamental imanente à relação do homem com o seu ser. O gênero humano só poderá se revelar quando for seu próprio Deus, quando o indivíduo suprimir sua infantilidade e se reapropriar de seu ser que foi furtado pelo misticismo. Este ser não está para fora, mas, por um lado, presente nele mesmo de forma imediata e, por outro, revelado de forma mediata na sua dependência vital para com a natureza.

Nesse sentido, podemos tratar primeiro da relação entre o homem e Deus; num caminho subsequente, da relação entre o Eu e o Tu, explicitada nas formas homem-gênero ou homem-essência; e, avançando num projeto para o futuro da humanidade, nos critérios do filósofo de Landshut, chegar à relação do homem com as relações humanas. A religião, tomada sob o ponto de vista da semelhança do ser humano com seus iguais e, portanto, como relação, é uma proposta de Feuerbach para a nova fase da história: a antropológica. Nesse ínterim, nascem as condições contemporâneas de crítica, superação e ressignificação do ideal religioso e das novas relações humanas, baseadas numa ética e numa moral produzidas pelos próprios homens, já sem as ilusões e os fantasmas especulativos.<sup>91</sup>

Se o projeto feuerbachiano parece, aos olhos de seus críticos, ingênuo, precisamos visualizar as diversas correntes que se reapropriaram de um conteúdo baseado nas relações antropológicas estabelecidas por Feuerbach, para construírem suas formas de relação com o mundo, a saber, o existencialismo, o utilitarismo, as éticas modernas, o marxismo, a reviravolta linguística, a ética discursiva, etc. Todas estas, sem dúvida, encontram em Kant a reviravolta copernicana no pensamento do homem sobre o mundo e sobre si, em Hegel a construção do espírito subjetivo e objetivo (especialmente a formulação da doutrina do direito e do Estado), e em Feuerbach a via para o acesso ao interior comunitário e linguístico do ser humano. Com as punições e os traumas referentes ao conteúdo estritamente religioso, o

---

<sup>90</sup> Nesse ínterim, Feuerbach e Sócrates compartilham de uma mesma saga. Os dois filósofos, primando pelo manuseio da verdade no seio de sua terra, foram condenados e punidos, o segundo primando pela decisão coletiva aceitando a morte, e o primeiro exilado por ter apresentado a seus pares a inversão da teologia para vida, e ter trazido a filosofia de Hegel para o campo do concreto.

<sup>91</sup> É a essa conclusão que também reitera Manfredo Oliveira na passagem: “Neste sentido, mesmo que tudo se encaminhe para uma negação, o levantamento da questão de Deus se manifesta como momento necessário no processo de autorrealização do homem, já que, em virtude da tensão existencial entre indivíduo e espécie, só através da reflexão conscientizadora o homem se vai poder libertar da ilusão alienante da religião” (OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Filosofia transcendental e religião: ensaio sobre filosofia da religião em Karl Rahner*. São Paulo: Loyola, 1984, p.21).

espaço estaria fechado para a construção de propostas que no fundo não tenham Deus, e a ética baseada nele, como uma referência última. Assim nos auxilia Manfredo:

A grandeza de Feuerbach é ter tornado claro, que a questão de Deus não é uma questão acadêmica, mas levantar o problema de Deus significa para o homem pôr-se de uma maneira radical, o problema de sua autoconcepção. Deus existe ou Deus não existe tem consequências enormes para o autoconhecimento do homem e sua práxis. Esta questão se revela, assim, uma questão fundamental, na qual está em jogo não só o autoconhecimento justo e adequado do ser-homem, mas, em última análise, a própria realização do homem enquanto tal.<sup>92</sup>

Portanto, a palavra de Feuerbach não é a última no que concerne ao esclarecimento do papel do homem e da Filosofia no nascimento dos tempos ateus, embora não se possa negar sua influência peculiar na classificação da religião como aspecto a ser refletido pelo homem e, dessa forma, como chave de acesso aos conteúdos modernos. Daí a necessidade de um momento positivo para a religião. Ela submete o homem a sua análise interna; o arrasta para uma busca implacável, sem a qual viverá perdido; e elimina as facticidades para que o homem tenha que se sentir obrigado a recobrá-las. Por fim, Feuerbach é uma referência na desvelação dos conteúdos ocultos que prendiam o homem na absorção da realidade sensível e na negatividade parcial da religião. Assim, para ele, desenvolver o conceito de homem é dilatar o conceito de religião e de filosofia.

A construção de um novo projeto filosófico nos termos de Feuerbach deve carregar consigo o projeto de uma nova filosofia, tendo em vista que a antiga já não responde aos problemas do mundo real descortinado pelas teses antropocêntricas. Somente na revitalização da natureza (ponto nodal da nova visão) atacada e depois esquecida pelos filósofos idealistas e pelos cristãos ressentidos é que se pode gerar um campo de atuação do novo ser construtor de matéria e ideias. Afirmar o homem, nesses novos termos, exige uma atitude séria de imersão no mundo natural fisiológico. De igual maneira, afirmar a natureza demanda a necessidade da relação desta com o homem. Estes, portanto, são dois campos distintos, mas que se relacionam de forma vital e substancial.

Na retomada de sua união com o mundo natural, o ser humano se perceberá como ente natural e finito e, ao mesmo tempo, conhecerá suas riquezas, superando o seu medo diante da vasta natureza e da sua condição efêmera. Assim, a sua dependência biológica vital com o meio natural não lhe brotará como fraqueza, antes será prova concreta de sua total identidade

---

<sup>92</sup> Idem, p.21.

com o seu mundo visível, ou melhor, será seu norte para escapar dos enigmas da ilusão religiosa.

O acerto de contas final do homem com sua criação fantástica se dará na revelação da integralidade do homem, ou seja, na manifestação pública da vitória de sua forma estritamente humana sobre a sua forma anti-humana, sobrenatural. Isso que ocorrerá no florescimento de uma relação saudável com o mundo concreto natural, com sua natureza e com o “ser outro”, e, portanto, na desocultação de suas categorias anteriormente negadas por ele mesmo de maneira inconsciente. Só depois disso ele se tornará um homem novo.

No reavivamento de sua relação com seu ente imediato (a natureza), que lhe fornece subsídios para a manutenção de sua vida, o homem perceberá seus limites e suas qualidades criativas e poderá se afirmar com ente criador. Para tanto, após uma incursão ao centro nervoso da religião e a descoberta de seus revezes, devemos enveredar por uma fenomenologia no seio da natureza, para constituir o homem integral, isto é, natural e espiritual.

## **4 HOMEM, RELIGIÃO E NATUREZA – ANÁLISE E BREVE EXPOSIÇÃO DA NATUREZA E SUA RELAÇÃO COM O HOMEM INTEGRAL**

### **4.1 NATUREZA NÃO HUMANA E O HOMEM: OS DISPOSTOS SE ATRAEM**

Para uma coerente análise do conceito de homem em Feuerbach, não se pode desprezar a sua teoria sobre a natureza, em especial, o momento em que ele a apresenta como passagem necessária na vida de todos os seres humanos. A exclusão da reflexão sobre a questão da natureza representa a condenação deste ente, que já estava em processo de reclusão sob o poderio da religiosidade cristã. Rever a união indissolúvel entre o homem e a natureza, os únicos seres existentes, e demarcar a extensão exclusiva deste ser é mostrar para o homem, em um espelho, as suas reais condições de emancipação, pois, se a natureza é livre, o homem também o é.

Nas fases de juventude, intermediária e de maturidade de Feuerbach, os seus escritos sobre a natureza foram tratadas de diversas maneiras. Na primeira fase é exposta uma aproximação crítica ao panteísmo; já na segunda é feita a apresentação da natureza como recusa direta à teologia cristã e à filosofia hegeliana (fazendo aparecer a noção de natureza afastada da ideia de algo criado por Deus e da dedução do espírito do idealismo alemão); e na terceira se mostra a natureza com o propósito de realizar uma crítica intrínseca à concepção de religião natural (neste caso as religiões antropomórficas, isto é, aquelas que personificam a natureza e a idolatram).

Para atingir o nosso objetivo, utilizamos a segunda fase do desenvolvimento da ideia de natureza, a saber, a concepção de natureza como crítica à teologia cristã e à filosofia hegeliana, mas deixando claro que a alusão aos outros momentos é fundamental, tendo em vista que a transformação de tal conceito é uma passagem obrigatória e um dos fios condutores de toda a obra de Feuerbach. Além disso, ela representa o ponto de partida para a análise de qualquer outro conceito diluído em sua obra. Em outros termos, para uma elaboração da noção de homem e de gênero humano (nosso objetivo maior) é fundamental entender a modificação, elaborada por Feuerbach, do conceito de natureza, já que a sensibilidade, o espírito, a matéria, o concreto e Deus surgem também da aproximação ou da suspensão do contato com esse outro ser que existe por si mesmo.

Faz parte da essência do cristianismo a quase ausência de uma exposição do conceito de natureza, embora negue a esta, como uma espécie de faceta, um significado positivo. Para a compreensão dessa questão, Chagas nos auxilia:

[...] a ausência da natureza em sua obra fundamental pode ser esclarecida da seguinte maneira: ela resulta de sua ocupação com o cristianismo que ignora completamente a natureza e põe em seu cerne um Deus pessoal, que cria através do puro pensar e do querer a natureza, o mundo. Em consequência disso, a natureza foi considerada não como tal; ela experimenta aqui, na verdade, nenhum tratamento próprio, independente, já que não há no cristianismo nenhuma autonomia da natureza. O âmago do cristianismo não é, então, Deus na natureza, mas pelo contrário, Deus ilimitado, livre dela e sobre ela; o cristão experimenta, por exemplo, a natureza, a sua necessidade e as suas leis permanentes e contínuas, apenas como barreira insuperável que se opõe, como vimos, à sua pretensão a uma existência imaterial, sobrenatural e transcendente.<sup>93</sup>

A explicitação do que seja a natureza nos serve como “mola propulsora” para a completa sistematização da integralidade do homem, a qual somente se dará no estabelecimento demarcatório do espaço próprio do ser natural e do ser natural-espiritual. Contudo, isso não acontece na total separação destes dois entes, mas na definição do reino específico de cada um e na subsunção essencial a que os dois estão submetidos mutuamente, tendo nítida a ideia de que os dois não se anulam em seus espaços de atuação. Ao invés disso, eles dependem necessariamente um do outro para a sua conservação.

Desse modo, para iniciar a mencionada exposição, é necessário estabelecer alguns princípios que afirmam, à luz das deduções de Feuerbach, a íntima relação homem-natureza: 1) O homem é um ser na natureza; 2) O homem é um ser de natureza; 3) O homem só se constitui enquanto homem (animal pensante, ser sensível e ser pensante) com a natureza; 4) A natureza é outro em relação ao homem; 5) A natureza é primeira em relação ao homem; e 6) Só há humanidade se houver natureza.

Feuerbach analisará de maneira pormenorizada e mais profundamente a natureza em seus escritos posteriores à obra de 1841, a *Essência do cristianismo*. Visto que esses escritos não representam o foco desta pesquisa, temos à disposição uma definição inacabada da relação homem-natureza. No entanto, na obra citada, e em algumas do mesmo período, Feuerbach esclarece algumas de suas ideias e se refere a alguns conceitos que já revelam a sua inclinação pelo mundo natural. É através da análise destas passagens e da visualização de trechos de textos futuros que tentaremos expor a necessidade de um relato sobre o conceito de

<sup>93</sup> CHAGAS, Eduardo Ferreira. “A majestade da natureza em Ludwig Feuerbach”. In: CHAGAS, Eduardo Ferreira; REYDSON, Deyve; PAULA, Marcio Gimenez de (Orgs). *Homem e natureza em Ludwig Feuerbach*. Fortaleza, CE: Edições UFC, 2009, p.55.

natureza, sobre como esta foi esquecida e atacada pela religião e sobre como a noção de homem se vincula a tal conceito.

Na concepção de Feuerbach contra o teísmo e o idealismo, descritas nas palavras de Chagas, a natureza é:

1. Em primeira linha, uma verdade dada aos sentidos. Como objeto dos sentidos, ela não é um produto nem da atividade de um puro eu, do desenvolvimento do espírito, nem do ato arbitrário de um Deus fictício, sobrenatural, mas, pelo contrário, uma essência autônoma que existe independentemente da consciência humana.
2. A natureza é incriada, eterna, não deduzível; ela é em si mesma, existe apenas por si e não por meio de uma outra essência.
3. A natureza é necessária. Porque ela é, é ela necessária, e exatamente assim como ela é, isto é, correspondendo às suas próprias leis. Se, a saber, tudo o que é, é necessariamente por meio da natureza, assim não tem sentido aceitar um espírito ou um Deus criador que planeja para o esclarecimento da natureza e, por fim,
4. A natureza corresponde apenas a si mesma.<sup>94</sup>

A natureza se apresenta com vitalidade, sensibilidade e vivacidade. Ela se exhibe, ao homem, por meio de seus fenômenos naturais que advêm de seu interior, não mais de uma suposição criadora das subjetividades que lhes são alheias, como apostavam uma parte dos pensadores modernos. Ela é a unicidade das coisas concretas, dos entes reais exteriores ao ser humano. Ela não é pensamento puro, é o que não é representado e nem pensado, é o oposto destas formas. A maior crítica de todas é dada pela natureza mesma, que apresenta contra as crenças cristãs e contra os filósofos especulativos a sua autonomia (*Selbständigkeit der Natur*) e, assim, mostra sua independência, sua força e sua função orgânica vital, contrariando as fórmulas mágicas e extraordinárias dos especulativistas e deístas.

A natureza expõe a verdade existente nela, que se configura como existência autônoma e necessária. Ela mesma é, em sua funcionalidade, a maior crítica aos desejos cristãos de superioridade divina e funciona como a “*navalha de Ockham*” nas aspirações dos filósofos idealistas que procuravam determinar a matéria a partir do espírito. Para Feuerbach, até mesmo a razão conduz o homem à afirmação do primado da natureza, tendo em vista intuir a existência do ser outro concreto. Sendo assim, não foi Deus e nem o homem quem criaram a natureza. Por outro lado, somente porque a natureza existe, o homem pôde existir e pensar. A atividade espiritual não garante a existência da natureza, ela existe por si mesma.

---

<sup>94</sup> Ibidem, pp.39-40.

Para Chagas: “O espírito é, pelo contrário, produto da natureza, também *Funktion* de órgão natural, do cérebro humano, ou seja, atividade que não está fora do corpo e dos sentidos”<sup>95</sup>.

Para Feuerbach, o primado é da natureza e somente depois dela pode-se deduzir o homem, que é gerado por ela. Não se pode deduzir a primeira do segundo, mas só se pode deduzir o segundo da primeira. Para Chagas, em consonância com Feuerbach, a matéria não nasce do espírito, mas o espírito é que nasce da matéria. Os teístas e idealistas tentam determinar a natureza mediante suas crenças, porém, estas crenças estão em completa discordância com as determinidades da natureza que funcionam como oposição àquelas. As aspirações supranaturalísticas dos filósofos que creem na superioridade do espírito encontram sua contra-tese na necessidade a que o homem está condicionado desde sua gênese, já que:

[...] o homem é um produto da natureza, uma obra dela; ele deve. Por isso, tratá-la e estimá-la como “sua mãe” como a fonte de seu ser. Já que ele deve seu nascimento e sua manutenção apenas às forças naturais, depende ele, por conseguinte, da natureza; quer dizer, ele não é nenhum ser sem necessidade, mas um organismo que pressupõe as determinações da natureza, água, ar, alimento etc.<sup>96</sup>

É necessário acrescentar que, para legitimar uma visão integral do homem nos termos feuerbachianos, é necessário ver o homem e a natureza numa mútua relação, onde o homem surge da natureza, e a natureza no momento seguinte se torna consciente através dele. Desse modo, o homem é natureza consciente, e a natureza em sua forma pura gera as possibilidades práticas do surgimento do ser natural-consciente. Não há nesta relação primária o utilitarismo, que, a nosso ver, surge do olhar tecnicizado do homem moderno e do trato egoísta, gerado ao longo dos anos, de descaso para com o ente concreto, disseminado pelos cristãos, para com a natureza.

A negação de uma relação, que, desde seus primórdios, tende a se afastar do mundo natural, é iniciada pelo filósofo de Landshut, uma vez que ele reconhece, ao contrário da tradição de sua época, a originalidade orgânica e vital da *natura mater*. Se no começo da vida humana a ligação com a natureza surge de maneira determinante, no processo de crescimento cognitivo e intelectual exclui-se essa determinação e se invertem, de maneira equívoca, os papéis. A partir desse momento, o homem, através de seu desejo religioso e eterno de ser o único ser criador e o ápice da cultura, abandona as suas raízes naturais para viver perdido num mar de ilusões que brotam da cisão com sua origem.

---

<sup>95</sup>Ibidem, p.41.

<sup>96</sup>Ibidem, p.44.

Nessa etapa de esclarecimento da filosofia feuerbachiana, surge uma nova resposta para a pergunta tantas vezes refeita: De onde viemos? Feuerbach é peremptório na resposta: Não há outro lugar de onde possa surgir o ser humano a não ser do seio da mãe natureza.

#### **4.1.1 DEPOIMENTO DE FEUERBACH: BEM VINDO AO DESERTO DO REAL OU À NATUREZA COMO PRIMEIRO NORTE HUMANO**

Apresentamos abaixo o relato de Feuerbach na 3ª preleção da obra *Preleções sobre a essência da religião*, que identifica onde sua doutrina do homem se conecta com a sua doutrina da religião. Também aparecem metodologicamente a sua explanação dos limites do texto *A essência do cristianismo*, de 1841, e os avanços de suas ideias sobre a natureza e a religião que surgem nos escritos posteriores. Não precisamos redefinir em outros termos o que já foi dito de forma magistral por nosso pensador e, portanto, damos a palavra a ele mesmo para nos instruir sobre seus posicionamentos:

Meu ponto de vista ou doutrina expressada em *A essência do cristianismo*, ou melhor: minha doutrina como eu a pude expressar nessa obra de acordo com seu objeto tem uma grande falha, e por isso deu ocasião aos mais tolos mal-entendidos. Por ter eu desconsiderado a natureza no cristianismo, fiel a meu objeto, por ter eu ignorado a natureza, porque o próprio cristianismo a ignorou, porque o cristianismo é idealismo, estabelecendo no alto um deus sem natureza, crendo em um deus ou espírito que cria o mundo através de seu mero pensar e querer, fora e sem cujo pensar e querer ele não existe, por ter então tratado em *A essência do cristianismo* somente da essência do homem, iniciando minha obra imediatamente com ela, exatamente porque o cristianismo não adora o sol, a lua, as estrelas, o fogo, a terra e o ar, mas as forças que fundamentam o ser humano em contraste com a natureza: vontade, inteligência, consciência como essências e poderes divinos; por isso julgou-se que eu tenha deixado que a essência humana surgisse do nada, fazendo dela um ser que nada pressupõe, e que contradissesse esta minha suposta divinização do homem com seu imediato sentimento de dependência, com o pronunciamento da razão e da consciência natural, que o homem não se faz por si mesmo, que ele é um ser dependente, surgido, logo tendo fora de si o fundamento de sua existência, mostrando a si mesmo e sobre [...] outro ser. Uma vez que mostrei em *A essência doo cristianismo* que Deus considerado segundo seus atributos morais e espirituais, portanto, como um ser moral, nada mais é que a essência espiritual do homem divinizada e objetivada, e que a teologia, na verdade, em seu último fundamento e em seu resultado final, é apenas antropologia; agora mostro em *A essência da religião* que o Deus físico ou o Deus considerado apenas como a causa da natureza, das estrelas, das árvores, das pedras, dos animais e dos homens enquanto seres físicos e naturais nada mais significa que a essência divinizada e personificada da natureza, que então o segredo da teologia física é somente a física ou a fisiologia, mas a fisiologia não no sentido restrito que tem atualmente e sim em seu sentido antigo e universal, quando então significava a ciência natural em geral. Por isso, se antes resumi

minha doutrina na sentença: a teologia é antropologia, devo agora acrescentar: e fisiologia.<sup>97</sup>

De forma magistral Feuerbach nos expõe as suas mais íntimas convicções e paixões e defende sua posição enquanto ateu humanista (ateísmo positivo), além de configurar as bases de *A essência do cristianismo* e destacar a fisiologia como elemento basilar para toda a teoria antropológica e anticristã, tendo em vista que sem matéria (natureza) não há teoria (antropologia).

#### 4.2 NATUREZA E RELIGIÃO: OS OPOSTOS SE RETRAEM

Percebe-se que há uma divergência fundamental na relação religião-homem-natureza. A religião subtrai a natureza e o homem, anulando a primeira e enganando o segundo. A natureza é o oposto da crença religiosa, pois, nega os princípios metafísicos desta, que são baseados em abstrações, e, em linha oposta, afirma o homem que é seu produto (seu filho). O homem reafirma em sua vida a natureza, da qual ele é gerado, e afirma também, embora de maneira inconsciente, a religião que lhe oprime e embaraça. No processo de tomada de consciência da sua condição de ser um fruto da natureza e de ser portador dos dons divinos, o homem percebe que sua afirmação religiosa lhe causou confusão e empobrecimento e, quando retoma suas convicções, nega a religião e se afirma como seu próprio criador.

A natureza é um ser existente por si mesmo, porém a crise a que está submetida não foi gerada a partir de sua ação, mas, antes, está sendo executada na relação conflituosa e negativa entre o homem e Deus. O pensamento de Feuerbach como já é sabido, posiciona o primeiro como o ser criador e o segundo como a maior abstração (apenas a sombra de um delírio) construída pela mente racional do homem. Vê-se que a natureza, por se encontrar no meio desta oposição gerada nas indeterminações humanas, sofre os malefícios de sua incompreensão e degeneração.

A natureza, vista do ponto de vista meramente religioso, torna-se uma peça da qual o cristão se utiliza para sua satisfação, sem reconstruí-la ou beneficiá-la. Essa é uma relação estritamente utilitarista, cujo amplo e irrestrito uso não promove a sua manutenção. Esse modo de proceder não só influenciou como é a causa das relações geradas pelos capitalistas de nossos tempos, onde a superprodução de mercadorias negligencia a organicidade da vida natural. A reprodutibilidade de bens de consumo, de maneira destrutiva, é uma ação que

---

<sup>97</sup> FEUERBACH, Ludwig. *Preleções sobre a essência da religião*, Op. cit., pp.32-34.

decorre do mesmo olhar que o cristão possui sobre a natureza, isto é, um olhar predatório, onde o que importa é a satisfação da vida material, em detrimento da natureza e em favor de sua separação da vida humana.

Contudo, a natureza é uma verdade imediata, ela já existe antes do espírito e do eu. Ela é incriada e também corruptível. Embora se renove e perpetue, ela possui suas condições orgânicas próprias e, assim, mantém uma existência vivaz e autônoma. A natureza demonstra ao homem seus limites e sua animalidade, definindo seu lugar nas cadeias evolutivas e mostrando o seu verdadeiro ser: limitado, finito e material. Ela é o espaço das possibilidades, onde se pode transformar, diversificar e inovar. Ela é a prova da existência da criatura humana e de como esta é a verdadeira criadora das coisas, ao contrário do que dizem os pensadores cristãos, que calculam todo o espaço e o tempo descartando as leis naturais e relegando o ato inventivo para o seu Deus (arquiteto universal).

Ademais, a natureza não tem origem fora de si e possui um enorme contraste com a figura de Deus. Ela é finita e se renova, perece e renasce ao sabor do acaso, além de possuir uma vitalidade interna, sem necessitar de qualquer intervenção sobrenatural para sua manutenção. Assim, a ação de Deus não é a máxima potência para o movimento natural. Nesta diferença entre a força da natureza e a nulidade do poderio divino, os cristãos criam e recriam uma noção de natureza subserviente para resguardar o domínio de Deus e, de igual maneira, manter os domínios milenares do cristianismo.

Nas palavras de Chagas, a natureza precede o espírito e, por isso, é a base orgânica dele. Com esta colocação percebemos que Feuerbach tenta resolver a célebre e milenar contradição entre corpo e alma, ou seja, o dualismo que foi mantido e propagado nas mais diversas épocas e querelas filosóficas. Ao afirmar o corpo como parte da natureza, e a natureza como espaço do espírito, ele determina a união indissolúvel entre o espírito e matéria e elimina as contradições geradas anteriormente pelos filósofos adoradores da razão que sobrelevavam o espírito em detrimento do corpo (espaço útil, porém ambiente existente estritamente para a atuação do espírito).

Para o Feuerbach, o corpo como ser natural é fonte das sensações e pensamentos, é a base material da consciência e, ao mesmo tempo, base de necessidades e imperfeições. O homem nega a natureza, manipulado-a de forma inconsciente através dos enigmas filosóficos e religiosos, na busca de se afirmar como ser superior, como ente puramente racional que não tem defeitos, ou melhor, na busca de ser perfeito. Com esta busca, ele negativiza sua essência, dividindo-a em consciência, que seria a parte real e forte, e corpo, fonte de erros (pecados) e enganos.

Feuerbach clarifica a antiga e danosa briga da separação entre corpo e alma. Além disso, ele ataca os autores sustentadores dessa invenção abstrativa, tais como: Platão, Descartes e Hegel. Essa contenda, perpetuada pelos filósofos relatados acima, desenvolve-se na direta contradição entre natureza e espírito. Boa parte desta tradição filosófica defende que hierarquicamente o espírito está em primeiro lugar (parte que se liga às essências, fonte do verdadeiro conhecer, espaço de projeção da cultura), e somente depois está o corpo (fonte de erros, nascente de enganos, lugar para o espírito). Nessas formas filosóficas se apresentam e se reproduzem os mesmos tratamentos antiéticos na utilização da natureza e na anulação dos corpos perpetuados pelo milenar egoísmo cristão.

Para Feuerbach, a propagação dessa falsa divisão não pode mais, no pulsar dos novos tempos, ser mantida. Resgatando os conteúdos do corpo e da natureza, que foram afrontados e desprezados, ele resgata também o que de humano havia nestes conteúdos. No reavivamento da natureza, surge ao mesmo tempo o espaço favorável para o homem se emancipar, tendo em vista que a solidão do homem é afirmada na sua individualidade, mas é superada no contato com o outro existente, neste caso a natureza e a sociedade.

A nova proposta do pensador de Landshut afirma que a essência do homem é a união inquebrantável de corpo e espírito. É no homem que ocorre de maneira mais acabada a ligação do espiritual com o natural, ou seja, ele é o ponto de encontro entre corporalidade, sensibilidade e espiritualidade. Assim, ele o lugar onde espírito e natureza se encontram e nunca mais se separam, porque ele sabe de si (manifesta consciência) ao mesmo tempo em que faz parte roda viva natural. Em outros termos, ao passo em que cria cultura (para muitos, ápice da consciência), ele sofre as transformações e deteriorações como todos os seres naturais. Nas sentenças de nosso pensador:

Minha doutrina ou ponto de vista se resume então em duas palavras: natureza e homem. O ser que para mim pressupõe o homem, o ser que é causa ou o fundamento do homem, a quem ele deve seu aparecimento e existência, não é para mim Deus – uma palavra mística, indefinida e ambígua – mas a natureza – uma coisa e uma palavra clara, sensível, indubitável. Mas o ser no qual a natureza se torna um ser pessoal, consciente e inteligente é para mim o homem.<sup>98</sup>

O homem projeta em sua fantasia o sonho de ser eterno, mas tal ilusão é abalada pela natureza, que demonstra como a sua existência real é limitada (corruptível). Nesse caso, o desejo de transcendência total e de imortalidade é sempre confrontado com a realidade sensível, exposta no espelho da natureza. A morte, vista como passagem obrigatória para todo

---

<sup>98</sup> *Ibdem*, p.34.

ser que nasce, também cobra sua dívida com o homem (a culminância da criação divina), mostrando ser esta a maior prova da ligação do homem com a natureza e expondo a *natureza humana* como uma forma específica da *natura*. Percebe-se, assim, que a natureza produz o homem e também é produzida por ele, embora seja a natureza que provê os recursos básicos da manutenção vital sensível e material dos homens.

O homem como produto da natureza deve mantê-la e ter um cuidado para com ela, já que dela depende. Há, na verdade, uma mútua dependência: o homem precisa da natureza para viver e esta (em especial nos dias de hoje, no chamado auge do progresso e no limite de suas forças) precisa do homem para sobreviver. Neste ínterim, o ser humano percebe que não é nenhum ser absoluto no mundo, pois faz parte de um organismo vivo que depende de materiais básicos para a manutenção de sua vida espiritual e física, como alimentos, água e ar. Sem comida não há consciência, sem água não se tem liberdade e sem ar não podemos amar. Não há reflexão em um corpo mal alimentado. Ora, deduz-se daí necessariamente que a matéria é o elemento vital para o espírito.

Feuerbach faz a crítica ao Idealismo alemão e ao cristianismo para definir exatamente como estes buscam eliminar a natureza das estruturas humanas e, com isso, a renega, além de discriminar o homem, já que nem este nem o mundo podem existir sem natureza. Assim, ele revela uma direta oposição entre natureza e religião, bem como entre o seu conceito de natureza e o de Hegel.

#### 4.2.1 OPOSIÇÃO À NATUREZA EM HEGEL E A SOLUÇÃO ENCONTRADA POR FEUERBACH

Enquanto em Hegel a natureza é um momento na passagem do espírito pela história, e o mais carente deles, em Feuerbach é ela é o fundamento constitutivo sem o qual toda a teoria e toda a formulação ontológica estão distorcidas e erradas. Não há mundo sem natureza, não há homem sem natureza, não há Deus sem homem, e, portanto, não há Deus sem natureza. No entanto, na visão hegeliana, o processo está invertido, pois a natureza é a demonstração cabal de que o espaço e o tempo estão, enquanto natureza e história, a serviço do espírito (*Geist*), que passa necessariamente por estas mediações, mas que só se encontra de forma completa na sua última suprassunção, ou seja, no espírito absoluto. A natureza compartilha o conceito em sua existência, porém, de maneira mutilada, pois é apenas um desdobramento da ideia na sua passagem rumo ao *conceito absoluto*.

Portanto, a natureza em Hegel pode ser entendida enquanto passagem, isto é, como o ser outro do espírito, o que fica claro no trecho:

§247 e §248 – A natureza mostrou-se como a ideia na forma do *ser-outro*. Visto que a *ideia* é assim como o negativo dela mesma ou *exterior a si*, assim a natureza não é exterior apenas relativamente ante esta ideia (e ante a existência subjetiva da mesma, o espírito), mas a exterioridade constitui a determinação, na qual ela está como natureza. Nesta exterioridade têm as determinações de conceito a aparência de um *subsistir indiferente* e da *singularização* de umas diante das outras; o conceito é por isso como algo interior. Aliás, a natureza não mostra no seu ser-aí nenhuma liberdade, mas apenas *necessidade* e *contingência*.<sup>99</sup>

Em Hegel a determinação própria da natureza é ser exterior à ideia. A sua particularidade é mostrar ser o ser outro do espírito. Ela é a passagem primeira que precisa ser superada pelo espírito em sua busca de absolutização.

§376 – Mas esta identidade com o universal alcançada é o suprassumir da oposição formal, da singularidade imediata e da universalidade da individualidade, e isto é só o primeiro lado, e certamente o lado abstrato, a morte do natural. Mas a subjetividade é na ideia da vida o conceito, ela é em si o absoluto ser-em-si da efetividade e a universalidade concreta; por meio do [supra] indicado do suprassumir da imediatez de sua realidade, ela [subjetividade] acertou seu passo consigo mesma; o último ser-fora-de-si da natureza foi suprassumido e o conceito, cuja objetividade é a imediatez suprassumida da singularidade, a universalidade concreta de modo que está

<sup>99</sup> HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Enciclopédia das ciências filosóficas*. vol.II. São Paulo: Edições Loyola, 1998, pp.26-30.

posto o conceito, que tem a sua realidade correspondente [isto é, que tem] o conceito para seu ser-aí – [é] o espírito.<sup>100</sup>

Acima se configura a passagem da natureza para o espírito, como momento ulterior à natureza. Enquanto a verdade da natureza caminha para a morte do natural, ela sai da individualidade imediata e da universalidade, que nesta etapa natural só se encontra na individualidade, e encontra na subjetividade o seu conceito, isto é, torna-se ser em si. O momento anterior guiado somente pela imediatidade da singularidade da natureza é suprassumido pelo conceito que é ser-para-si, o que Hegel denomina a universalidade concreta. O conceito estava presente na natureza, porém de forma individual, e na expansão ao seu imediatamente universal, ou seja, na negação da imediatidade de sua realidade consegue se colocar como conceito para si. O conceito caminha na história e na natureza para se tornar conceito puro que sabe de si. O espírito é a etapa superior da natureza, é sua ideia completada. Vejamos o que Bourgeois afirma sobre isso:

O espírito tem para nós a natureza por sua preposição, da qual ele é a verdade e, por isso, seu [princípio] absolutamente primeiro. Nessa verdade, a natureza desvaneceu, e o espírito se produziu como ideia que chegou ao seu ser-para-si, cujo objeto, assim como o sujeito, é o conceito.<sup>101</sup>

Para Feuerbach, conceito e natureza já estão unidos quer na natureza mesma, a não humana, quer na natureza humana. O mundo concreto tem sua função orgânica própria, específica, que se basta como seu conceito. No homem a união de seu corpo e mente lhe proporcionam ser e ter conceitos próprios, particulares, em formas de pensamentos universais. O espírito não é a etapa da elevação da natureza ao conceito, antes a descida do espírito ao reino da natureza é o único meio de confirmação de sua existência, além do que é a fonte de sua sobrevivência. Enquanto para Hegel o caminho é uma estrada em ascensão, para Feuerbach ele é uma via de mão dupla, pois, para este autor a natureza se basta e é indiferente a uma passagem ao nível do conceito. Sua perfeição está em si, não em outro.

Está claro que a proposta feuerbachiana é atacar a tese de Hegel de que o espírito é primaz. Para Feuerbach, trata-se do oposto: é a natureza que possui maior mediatez e as riquezas e valores que constituem mais profundamente o ser humano (e que por vezes são vitais à sua conservação) possuem a forma da natureza. Para Feuerbach, a consciência e o conceito respondem em parte à complexidade da vida do ser humano, e a completude desta

<sup>100</sup> Ibidem, p.554.

<sup>101</sup> BOURGEOIS, Bernard. *Hegel: os atos do Espírito*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Editora Unisinos, 2004, p.28.

existência se dá na união com a matéria natural, na união do corpo com a mente. Assim, salienta Lopes:

A singularidade do homem em comparação com os seres não humanos é a racionalidade. A razão surge como determinação natural do instinto de felicidade dos organismos, o que significa que sua origem não é metafísica, mas simplesmente natural. A razão tem a propriedade de se deslocar do horizonte sensível e construir um universo abstrativo de conceitos, o que, em última análise, não significará o mesmo que se tornar independente do mundo natural. A razão e o pensamento funcionam também no horizonte da natureza, não estão para além do sensível. A sensibilidade é a condição de possibilidade da racionalidade. Própria da razão é a investigação da base do homem, buscando compreender sua origem e suas determinações. Assim, a filosofia deverá, através da razão, buscar a compreensão sobre a base sensível do homem, expressa pela atuação do instinto de felicidade e do instinto de autoconservação, que antes apareciam como atuação de forças autônomas na natureza, mas, agora, através da razão, atuam ligadas ao organismo vivo.<sup>102</sup>

Para Lopes, na linha de Feuerbach, o homem só é se está em ligação direta com a natureza; homem e natureza possuem o mesmo peso numa hierarquia valorativa. Os dois não se descartam nem se anulam, mas somente se reconhecem como existentes enquanto se relacionam. Esta relação se resolve no campo prático, já que o isolamento do homem de seu meio natural marca seu fim enquanto ser vivente.

Feuerbach mostra que a dignidade da natureza está em suas próprias funções orgânicas e em suas leis. Não há necessidade de uma criação *ex nihilo* ou uma fundamentação metafísica deísta, ou ainda uma explicação conceitual hegeliana. A religião cristã teme a natureza, porque esta induz o homem a uma reflexão de seus limites e de sua condição provisória. A natureza real, diferente da visão utilitária cristã, não é estática. Ela, ao contrário, está em constante mudança, renova-se perpetuamente e por diversas vezes se revolta contra a destruição da vida, mostrando, dessa maneira, sua importância e sua imponência e confrontando, portanto, o desejo religioso que vê o homem e a natureza como impotentes e inativos. No entanto, a religião só se mantém na medida em que nega a natureza e, conseqüentemente, o ser que depende dela: o homem.

---

<sup>102</sup> LOPES, Rafael Werner. *Antropologia e moral em Ludwig Feuerbach: determinação eudaimônica e autodeterminação humana*. Orientador: Draiton Gonzaga de Souza. 251 p. Tese (Doutorado em Filosofia). Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011, pp.14-15.

### 4.3 A RELIGIÃO COMO NEGAÇÃO DA NATUREZA E, CONSEQUENTEMENTE, COMO ANIQUILAÇÃO DO HOMEM

O discurso que afirma ser Deus o criador, mantenedor e aniquilador da vida, anula, em contrapartida, as condições de criação, manutenção e destruição do mundo natural pela natureza mesma e pelo homem, isto é, os únicos seres que habitam a Terra.

Parece que há um problema com relação à responsabilidade no âmbito cristão, isto é, Deus é o criador e o responsável pelos benefícios quando isso é oportuno aos cristãos, mas quando ocorrem desgraças e incidentes os responsáveis são a natureza e o homem. Essa inconstância na qual se sustenta o discurso religioso demonstra, no fundo, que é nas forças da natureza e nas ações humanas que ocorrem as mudanças substanciais para a transformação do mundo. Vida e morte, criação e destruição, relação e superação, continuidade e transitoriedade são nichos exclusivamente naturais-antropológicos. Dessa maneira, percebe-se que as forças naturais não são mais tidas como castigos de Deus jogados sobre os homens. O que ocorre é apenas a natureza sendo matéria em mudança e se relacionando com o homem, pois aí é o lugar onde ele habita.

O homem só descobre que está vivendo quando se relaciona com a natureza. Ela dá sentido e materialidade ao ser vivente. As necessidades naturais é que lançam os homens numa transcendência histórica, deixando de lado as reflexões abstrativas; o homem precisa se aliar ao mundo natural para daí garantir sua sobrevivência. Em termos usuais se poderia dizer: nunca se viu um homem comendo uma ideia, ou mesmo sobrevivendo tão somente de ideias. A relação corpo-espírito, citada anteriormente, não tem o tempo hábil para sua reflexão; se não se resolver primeiro a questão vital da alimentação do corpo, não se terá forças para a invenção de ideias e, em um momento posterior, fazer a tão sonhada reflexão elucidativa sobre o mundo. Para Feuerbach, primeiro se sente, se come e se vive a natureza e depois se reflete sobre ela. Por outro lado, primeiro a natureza nos assombra, nos invade, nos toma, nos possui e depois se oferece como *habitat* e néctar vital onde residimos e refletimos.

A religião, ao negar a matéria natural existente, cria uma vida humana “quebrada”, nega os sentimentos e as necessidades e, consequentemente, o homem, uma vez que o que se pode retirar de maneira mais latente da natureza é a confirmação da existência humana, isto é, a prova de sua concretude. O homem na verdade está morto até se defrontar com suas necessidades mais urgentes que o inspiram à vida, e estas não brotam de outro lugar a não ser do meio natural. Assim, o mundo existe para si e para o homem, e o homem existe para o mundo e para si. Negar a natureza é negar a vida e o homem e, portanto, cometer o maior

suicídio filosófico, social, natural e antropológico de todos os tempos. Nas negações do mundo natural e nas anulações do homem que jorravam tanto dos filósofos idealistas quanto do cristianismo, Feuerbach enxergava justamente essa aniquilação do homem, ou seja, seu suicídio, já que tal anulação parte da própria humanidade.

Feuerbach nos mostra que a relação do homem com a natureza está abalada pela elevação do desejo de domínio e do olhar puramente técnico dele sobre ela, não a tendo mais ao seu lado, nem se reconhecendo como ser sensível. O egoísmo religioso adquirido pelos cristãos através dos seus irmãos judeus é uma das causas da separação do homem com o seu meio natural, somando-se a isso a crescente ascensão científica egoísta dos tempos modernos. Tal relação entre homem e mundo encontra-se no estágio do utilitarismo, onde o homem somente submete a natureza às suas vontades e necessidades, deixando de cultivá-la e apreciá-la como ser vital e perdendo, assim, a conexão genética e o respeito para com ela.

Para Feuerbach, o olhar grego de apreciação artística da natureza fora deixado de lado e a natureza se tornou um produto. Sua beleza e vitalidade não pertencem mais ao campo de conhecimento humano, sendo utilizada meramente como artigo de subsistência. O resgate do homem é o resgate da natureza. Um novo olhar do ser humano tem que perceber que:

Para quem a natureza se mostra bela ela aparece também como um fim em si, para este ela tem o fundamento da sua existência em si mesma, neste não surge a pergunta: por que existe ela? A natureza tal como impressiona os seus sentidos é certamente surgida, gerada, mas não criada no sentido próprio, no sentido da religião, não é um produto da vontade, não é fabricada. A força geradora é para ele a primeira força: por isso o coloca como fundamento da natureza uma força da natureza – uma força presente, constatada em sua contemplação sensorial como fundamento das coisas.<sup>103</sup>

O homem no seu estado normal de saúde física e mental tem o desejo de não morrer, pois a vida mesma pede pra ser continuada. Os instintos vitais desejam sua permanência para sempre, mas a razão humana e a natureza mostram ao homem que esse desejo é impossível. Não há uma certificação sensorial e nem imediata de que haja um indivíduo que burlou o fluxo natural da vida e não findou. Apenas os cristãos detêm tal esperança baseados na figura do Cristo que segundo as parábolas ressuscitou e, a partir de então, garantiu tal possibilidade.

Todas as ciências devem fundar-se na natureza. Uma doutrina é apenas uma hipótese se não se encontrou a sua base natural. Isto vale, sobretudo, para a

---

<sup>103</sup> Ibidem, p.129.

doutrina da liberdade. Só a nova filosofia conseguirá naturalizar a liberdade, que até aqui era uma hipótese anti e supranaturalista.<sup>104</sup>

Feuerbach partiu da experiência do cristianismo de sua época para alertar contra as ilusões que este causava ao povo. Ele afirma que a ideia de Deus se origina do sentimento de dependência do homem diante da natureza, cujas forças o amedrontam<sup>105</sup>. Dela o cristianismo se afastou, relegando-a a um *status* inferior a Deus e ao homem. Mas se Deus é tudo, então ele também é natureza. Aí se revela uma contradição do cristianismo, que conduz a uma fórmula que não condiz com a sua maneira de pensar. É como se Deus, na verdade, fosse a causa perfeita, mas os seus efeitos se afastassem de sua perfeição e se tornassem efêmeros e inferiores. Essa relação causa e efeito se apresenta em sua fórmula correta quando a natureza assume sua real faceta, que a coloca como ser que se cria de forma independente, sem uma causa primeira. Entretanto, assim se nega Deus como causa, afirmando-o como *causa sui*.

#### **4.3.1 A CAUSA INTERMEDIÁRIA (NATUREZA) COMO CAUSA SUI E COMO NEGAÇÃO DE DEUS**

A religião se fundamenta na conexão imediata do homem com Deus. Ao colocar uma causa intermediária, a natureza, a religião fica abalada em seus fundamentos. A paz e a harmonia geradas do contato direto do homem com Deus está rompida. Para Feuerbach: “A religião é anulada quando se introduz entre Deus e os homens a concepção do mundo, das chamadas causas intermediárias. A causa intermediária é uma capitulação da inteligência descrente diante do coração ainda crente”<sup>106</sup>.

Na concepção cristã e bíblica, Deus atua sobre o homem através de seus seres criados, isto é, todos os seres do mundo são instrumentos, veículos, receptáculos a partir dos quais Deus age na realidade. Em outras palavras, as relações sociais são relações de Deus para com Deus, porém metamorfoseadas por suas criaturas. Portanto, as relações são meras aparências no seio do mundo. Isto também implica dizer que as leis naturais são apenas joguetes do mesmo Deus que usa o mundo como um grande fantoche de sua vontade.

No fundo, Deus é criador, agente, pessoa, causa, meio e fim das relações históricas temporais. No entanto, toda esta análise deísta é abalada quando surge a concepção de causa intermediária (produtos da natureza) que é autônoma e certamente não foi impulsionada pelo

<sup>104</sup> FEUERBACH, Ludwig. “Teses provisórias para a reforma da filosofia”. In: *Princípios da filosofia do futuro e outros escritos*, Op. cit., p.34.

<sup>105</sup> Cf. ZILLES, Urbano. In: SOUZA, Draíton Gonzaga de. *O ateísmo antropológico de Ludwig Feuerbach*, p.84.

<sup>106</sup> FEUERBACH, Ludwig. *Princípios da filosofia do futuro e outros escritos*, Op. cit., p.196.

agente criador. Não foi, portanto, o criador dos movimentos que deu o impulso inicial na atividade autônoma da causa intermediária. Esta só possui autonomia porque a sua ação provém de si mesma. Ela se localiza bem no centro da pseudo-relação entre um ser plenamente autônomo (Deus) e um ser dependente (homem). Daí surge a natureza como a causa. Ela demonstra sua autonomia e majestade diante do desejo magnânimo do cristão.<sup>107</sup>

A pedra no caminho do querer irrestrito da religião é a existência das causas intermediárias (causas naturais). Tais causas são o que separam o homem de Deus. O maior incômodo do crente é saber que há um ente autônomo e existente sobre a terra (a natureza) e que da relação entre este ente e o homem nasce a vida real. Assim, o meio da religião se salvar é pregar negativamente e eliminar essa divisão, através da crença na superioridade do homem enquanto filho de Deus. Na eliminação total da natureza é que o homem, pensando ao modo cristão, conseguirá encontrar a manifestação perfeita de Deus. Desta maneira, o cristianismo aparece como a religião que repudia a vida e cultua a morte, sabendo que para a religião o máximo da existência é a pós-existência, ou melhor, que a vida sem as limitações das causas naturais é a vida plena. Para o olhar desejoso do cristão:

Um dia não haverá mais natureza, matéria, corpo, pelo menos nenhum do tipo que separa o homem de Deus: um dia existirão somente Deus e as almas devotas. A religião só toma conhecimento da existência das causas intermediária, i.e., das coisas que estão entre Deus e o homem, através da contemplação sensorial, natural, portanto irreligiosa ou pelo menos não religiosa – uma contemplação que ela no entanto abate ao fazer das atuações da natureza as atuações de Deus. Mas a esta ideia religiosa contradiz a razão e o nexa natural, que concede às coisas naturais uma autonomia real.<sup>108</sup>

A razão e a natureza são negadas ao se afirmarem apenas como meros fantoches de Deus, sem autonomia e sem força vital. Desta maneira, não se dá a devida organicidade e dignidade ao homem e nem ao mundo, o que ocorre na verdade para o religioso é a eliminação da contemplação sensorial, e, em decorrência disso, a exclusão da natureza e de suas leis. Isso acontece porque a afirmação de uma realidade que tem sua própria rota existencial independente (*Natur*) e distinta é uma “afronta” para o exclusivismo salvífico dos deístas. Para estes, na concepção de Feuerbach: “O essencial, o principal aqui é Deus; o não essencial, o supérfluo é o mundo”.<sup>109</sup>

---

<sup>107</sup> Feuerbach, esclarecendo essa ideia nos diz em uma nota: “Aqui entra também a doutrina pobre e vazia, ou melhor, sofisticada, do *Concursus Dei*, onde Deus não só dá o primeiro impulso, mas também colabora ele mesmo na ação da causa segunda. De resto, é essa doutrina somente um aspecto especial do dualismo contraditório entre Deus e natureza, dualismo este que atravessa toda a história do cristianismo” (FEUERBACH, Ludwig. *Princípios da filosofia do futuro e outros escritos*, nota 7, p.197).

<sup>108</sup> *Ibidem*, p.197.

<sup>109</sup> *Ibidem*, p.197.

Contudo, à medida que a natureza se emancipa, isto é, começa a se apresentar de forma autônoma, ocorre o processo inverso: a natureza é o essencial e Deus é o não ser. A vinculação do homem para com Deus neste caso só iria continuar devido às limitações de se responder as questões acerca da gênese do mundo. Mesmo assim, tal relação permanece apenas enquanto hipótese, pois, aqui, Deus é apenas a derivação de nossa razão restrita. Isso se deu quando o homem transformou o mundo em uma máquina, delegando, a partir de sua razão, um princípio sobrenatural para dar partida a esta máquina, fazendo-a seguir seu curso. O que foi provado nesta hipótese é que de forma alguma Deus é a causa da propulsão primeira do aparelho do mundo. Sua existência, antes, ocorre por consequência da existência do mundo. Este existe por si só, mas ele foi criado para explicar o mundo enquanto movimento.

#### **4.3.2 UTILITARISMO CRISTÃO: O EGOÍSMO DA RELIGIÃO NA RELAÇÃO COM A MÃE NATUREZA**

De certa maneira, a crítica que Feuerbach faz às religiões naturais tem o intuito de reafirmar a completude da essência humana, que é tanto sensível quanto racional, bem como da natureza, tida a partir de agora como um ser autônomo, do qual o homem é estritamente dependente. As religiões fazem uma instrumentalização do meio natural, transformando este em mero produto e num meio para a obtenção de seus fins divinos. Percorrendo outro caminho, mas tentando atingir os mesmos objetivos, encontram-se as religiões naturais que divinizam a natureza, não visando sua autonomia e majestade, mas cultuando-a como um ente supremo imprescindível para o conhecimento do ente divino. Com esta relação obscura e utilitária o homem se sente perdido, ficando com a visão turva ante a nebulosa tentativa religiosa de justificar sua relação unilateral com a natureza.

Para Feuerbach, a análise do homem tem que carregar junto de si uma noção clara da natureza, e, a partir de disso, promover numa relação entre iguais uma revisão da implicação do meio natural em cada categoria que integra o todo do ser humano, e onde a natureza se torna parte vital da existência humana. Assim, esclarece-nos Melo:

Quando o homem se sobrepõe à natureza através de sua constituição ele tende a torná-la um ente abstrato, reproduzindo-a a partir de uma vertente supranaturalista. O autor defende o argumento de que é a natureza que

produz [a partir] de si mesma o homem; ou seja, ela é a essência, da qual o homem nasceu e pela qual mantém a sua existência.<sup>110</sup>

Na visão cristã, o homem, além de ser superior à natureza, tem domínio sobre ela, e tais ideias ganham forma e poder ao se vincularem da ideia de um governo divino e onipotente que regula todas as leis da natureza, bem como regula a vida do ser humano na mesma medida. Mas como já vimos que a relação humano-divino está invertida, vemos na reflexão presente que a relação humanidade-natureza-divindade está subvertida, e na tentativa de uma explicação realística e humana para tal oposição se faz necessária a contestação de uma subordinação superior no reino da natureza e uma re colocação do espaço de dependência da ligação homem-natureza que fora abalado até então. Para provar a anterioridade da natureza frente ao projeto metafísico, deve-se apresentar esta e o homem como seres concretos, surgindo o abstrato somente a partir deles.

Em Feuerbach, numa construção positiva, a natureza é uma essência objetiva, única e necessária. Ela é origem de criação de diversas outras criações existentes. Na natureza há uma mudança contínua, um fluxo permanente de onde surgem e desaparecem os elementos que a constituem. A natureza como se percebe é um espaço de relação, tensão e manifestação por excelência dos objetos sensíveis. O ser humano, nesse ínterim, é o resultado de uma constante tensão evolutiva advinda de um longo processo no interior da natureza. Entretanto, não temos, com isso, que afirmar uma teleologia específica do seio natural, já que é comum a natureza viver sob o regime de mudanças constantes.

A natureza opera e forma em todas as partes unicamente em relação e com relação, unicamente a partir da necessidade e com necessidade. Mas, tampouco esta necessidade da natureza é humana, a saber, lógica, metafísica ou matemática: não é, em geral, abstrata, porque os entes naturais são entes de pensamento, não são figuras lógicas ou matemáticas senão entes reais, sensíveis, individuais; é sensível e, portanto, excêntrica, excepcional, irregular; necessidade que como consequência destas anomalias da fantasia do homem aparece como liberdade ou, pelo menos, como produto da liberdade.<sup>111</sup>

A natureza não tem intencionalidade exterior, o seu “projeto” de existência se conclui em sua vida autônoma e interior. O homem é que faz a distinção entre o que é humano e não

<sup>110</sup> MELO, Regiany Gomes. “Crítica de Feuerbach às religiões em defesa do homem integral e da natureza não-instrumentalizada”. In: *Intuitio: Revista eletrônica do PPG em Filosofia da PUCRS*, Porto Alegre, vol.4, n.2, pp. 224-236, 2001, p.235.

<sup>111</sup> FEUERBACH, Ludwig. *La Esencia de la Religión*. Madrid, Espanha: Páginas de Espuma, 2008, p.87.

humano. <sup>112</sup>Nesta segunda categoria encaixa-se a natureza, embora ela seja a base fundamental para existência do homem. Desta forma, ele deseja desvelá-la para descrever seus fenômenos e, assim, classificá-la e conceituá-la, sem aplicar-lhe normatividade, tendo em vista que suas regras e sua orientação vital são oriundas de sua organicidade interna. Feuerbach nos propõe que a natureza é em si, pois, ela independe do ser outro e compreende-se em si mesma. A natureza, vista como possuidora de uma força vital especificamente sua, apresenta-se como “o cerne de todas as forças, coisas e seres sensíveis que o homem distingue de si mesmo como não humanas; um ser múltiplo, popular, real, perceptível com todos os sentidos” <sup>113</sup>.

A natureza humana, em seus desejos irrealis de desvendar o mundo à maneira racional idealística e religiosa, perdeu-se em explicações vazias e distantes do mundo orgânico, pois, o mais alto conceito, quer em Hegel ou Spinoza, não envereda no cerne da natureza como tal, como ela é de verdade. Sendo assim, sabemos que fantasiar a natureza é apenas a tentativa da racionalidade humana de buscar uma resposta ao indizível, de penetrar o campo do impenetrável. Como desejara fazer antes no campo da religiosidade, anseia agora explicar o inexplicável do ser outro que é a mãe natureza. Mas esta se dá para o homem como espaço de descobertas e de subsistência, e não apenas como objeto de manipulação e conceituação.

O desejo velado do homem de conceituar todo existente encontra na natureza uma força que o assombra e o faz questionar: quem é esta que não se submete aos meus caprichos idealísticos e aos desmandos religiosos? Quem é esta que se manifesta, quando é dominada e destruída? Assim, elucidamos Feuerbach:

Natureza é tudo que tu vês e não provém das mãos e dos pensamentos humanos. Ou, se quisermos penetrar na anatomia da natureza, ela é o cerne ou a essência dos seres e das coisas, cujos fenômenos, exteriorizações ou efeitos, nos quais exatamente sua essência e existência se revelam e dos quais constam, não têm seu fundamento em pensamentos, intenções ou decisões do querer, mas em forças ou causas astronômicas, cósmicas, químicas, físicas, fisiológicas ou orgânicas. <sup>114</sup>

A natureza, como se percebe na proposta feuerbachiana, não segue a via lógica do desencadeamento de conceitos, antes se manifesta como tensão dialética que só desemboca na via da necessidade e da autonomia. Por essa razão, ela é primeira em relação à existência do homem acompanhado de sua racionalidade, pois mesmo a consciência humana está sob a

---

<sup>112</sup> A distinção entre *physis* e *logos* dos gregos, gerou esta dicotomia que fora absorvida, reformulada e desvirtuada pelo cristianismo (tendo, em vista a importância da *physis* pelos gregos, e o detrato dado a natureza pelos cristãos).

<sup>113</sup> FEUERBACH, Ludwig. *Preleções sobre a essência da religião*, Op. cit., p.81.

<sup>114</sup> *Ibidem*, p.105.

autoridade natural. A causa da necessidade natural afirma sua primazia em relação ao ente humano. A razão não criou os sentidos para usá-los, eles existem por uma necessidade natural da relação do gênero humano com o mundo. A natureza, por motivos indecifráveis pelos nossos conceitos, criou os olhos para que ocorresse a visão, os ouvidos para que houvesse a audição e etc. Criou-os, enfim, pela necessidade de ver e ouvir.

A instrumentalização, a que é submetida a natureza pelo cristianismo, reflete de maneira direta a relação do ser humano com esta. Nesta perspectiva é que o homem se afasta de seu *habitat* e não se sente mais produto deste meio. A religião, portanto, é a responsável direta pelo descolamento do homem de suas origens. O discurso e a prática cristãos são processos que culminam na manutenção da alienação da relação real do homem com seu interior e, neste caso, também com seu exterior criador.

A saída para o resgate do ser humano é o acerto de contas entre este e a natureza: sua verdadeira mãe; isto é, seu retorno ao colo materno. Somente a tomada de consciência de sua relação com sua falsa mãe (a religião cristã) poderá fazê-lo alcançar o nível da emancipação, da conscientização, da politização e da ressocialização de sua mente e seu corpo com seu interior e seu mundo, que agora lhes são reais. Feuerbach finda a questão do homem com a natureza na passagem:

O que compreende o homem; ela é aquilo cuja aniquilação significa também a própria aniquilação da existência humana; somente através dela consiste o homem, somente dela depende ele em toda a sua atividade, em todos os seus passos. Arrancar o homem da natureza significa o mesmo que separar os olhos da luz, o pulmão do ar, o estômago dos alimentos e querer fazer deles seres existentes por si mesmos.<sup>115</sup>

A fé e os milagres surgem como os meios de salvaguardar a mão dominadora da religião sobre a natureza, pois, nestes impérios, somente o indizível e o impensável são propostos, e a natureza é anulada e excluída. Para Feuerbach, a mística é a responsável pela instrumentalização da *natura mater*. Para sua salvação é fundamental a desmistificação destes erros.

#### **4.4 A DESMISTIFICAÇÃO DOS MILAGRES E DA FÉ COMO MEIO DE SALVAR A NATUREZA NÃO HUMANA E COMO CONSEQUÊNCIA NECESSÁRIA À NATUREZA HUMANA**

Os milagres são as formas mais acabadas de demonstração do poder de Deus sobre o homem e a natureza. Assim, as religiões utilizam estes fatos, que se apresentam de forma

---

<sup>115</sup> Ibidem, p.91.

sobrenatural, para persuadir as massas ansiosas por respostas. Feuerbach, inserido no contexto de sua época, faz uma análise acerca da questão do milagre, afirmando que este, além de ser irracional, é, também, antinatural. Ora, a crença na cura instantânea de uma doença ou na ressurreição dos mortos afirma apenas uma característica humana: o poder da imaginação. Feuerbach, portanto, recoloca a questão sobrenatural da existência do milagre na esfera da natureza e do homem, já que para ele a religião é a forma criada pelo ser humano, onde se pode expressar o seu gênero. Na figura do Deus pessoal está o ápice de tal religião e, assim, a revelação do gênero humano.

Feuerbach compreende os limites humanos e por isso os evidencia como sendo a forma pela qual se define homem e natureza: um dando realidade e significação ao outro. O homem está no âmbito da natureza, submetido às suas leis, da mesma forma que a natureza está sujeita às transformações efetivadas pelo homem. Os processos naturais são vistos pela religião, muitas vezes, como limitadores das capacidades humanas, pois na religião se despreza o real em busca do irreal, do além-mundo.

A religião discrimina a natureza porque suas leis se mostram contrárias às ilusões da fé e dos dogmas de infinitude e de imortalidade. O ser religioso deposita sua força vital e psicológica na crença em Deus que pode tudo, inclusive salvá-lo. Tal crença em um Deus onipotente se apresenta na forma do milagre, ou seja, na crença naquilo que é antinatural: *a fé no impossível*. Feuerbach afirma:

Para a fé nada é impossível – e só esta onipotência da fé realiza o milagre. O milagre é apenas um exemplo sensorial daquilo que pode a fé. Ilimitação da afetividade, excesso de sentimento com uma palavra: supranaturalismo, sobrenaturalidade é, pois, a essência da fé.<sup>116</sup>

Portanto, vê-se que é no objeto da fé que se processa a crença nas fantasias intituladas de milagres. O limite do milagre é o limite da fé. Se para esta não há limite, de igual maneira não há para os milagres ou para a crença neles. Pode-se definir religiosamente a máxima: tudo posso através da fé, já que na religião não existe o impossível, pois a fé assegura que as limitações serão transpostas. Desta forma, os milagres exemplificam a amplitude da fé na qual tudo se concretiza, inclusive o impossível. O cego é curado, o aleijado volta a andar, o morto revive e etc. É assim que a religião garante a onipotência divina, pois não há no mundo sensorial nada que Deus não possa transformar. Na mesma medida, ela desqualifica as forças naturais no seu curso temporal corrente e histórico.

---

<sup>116</sup> Ibidem, p.142.

Aquilo que é limitado no campo da razão e da natureza é ilimitado no campo da fé. As crenças religiosas superam o mundo fenomênico. O mundo para o religioso não encontra razão em si mesmo, mas num outro (incorrutível perfeito). A essência do mundo não é natural, ela está submetida ao desejo do ser supremo que modifica a natureza à sua vontade. Deus, no auge de seu absoluto poder, pode, milagrosamente, alterar efeitos naturais e necessários. Deste modo, o homem, que está sujeito ao mundo da natureza, está submetido também a Deus, já que este detém o poder sobre aquele. O autor esclarece que: “A fé desata os desejos humanos dos grilhões da razão natural; ela permite o que a natureza e a razão negam; ela torna o homem feliz porque tranquiliza seus desejos mais subjetivos”<sup>117</sup>.

Para Feuerbach, o que caracteriza o milagre, este tal poder que tudo pode, são dois fatores: o primeiro consiste na ideia de que a fé no milagre é idêntica à essência da fé em geral (crença ilimitada num ser que tudo pode), e o segundo fator refere-se à fé como a crença na divindade do homem. Sobre o primeiro é necessário salientar que a fé é o fundamento do milagre. A fé é a característica que garante a crença num poder ilimitado que fora criado pelo gênero humano, que se convencionou chamar de Deus. Assim, milagre e fé constituem-se num objeto só: para a existência de um pressupõe-se a existência do outro. Segundo o autor, as duas formas são, na verdade, uma só. Senão vejamos:

O objeto característico da fé é, portanto, o milagre – fé é fé em milagre, fé e milagre são absolutamente inseparáveis. O que é o milagre objetivamente, ou o poder do milagre, é a fé subjetivamente – o milagre é o aspecto exterior da fé –, a fé é a alma interior do milagre – a fé é o milagre do espírito, o milagre da afetividade que apenas se objetiva no milagre exterior.<sup>118</sup>

Portanto, por meio da fé, o impossível pode ser concretizado ainda que esteja além dos limites da razão e da natureza. O milagre é, então, diretamente contrário à natureza; ele é oposto às causas naturais e às leis necessárias que regulam as transformações do mundo físico sensorial. O milagre, entendido como a fé, é o desejo supremo do ser humano de se tornar Deus, objetivando, desta maneira, libertar-se através da religião do julgo do finito e da mortalidade. Por isso, através da fé-milagre, o homem vive eternamente e pode ressuscitar ainda nesta vida, quebrando por conta disso o ciclo de transitoriedade do reino animal-natural.

Para garantir a essência de Deus, basta somente crer. A crença, por si e em si, garante a existência e a realidade da figura divina, por isso, quando creio em Deus, tenho um Deus. A fé em Deus é o Deus criado pelo homem. No que se refere ao segundo fator, Feuerbach segue a linha de sua teoria geral de que a teologia é antropologia, ou seja, o homem, através de sua

---

<sup>117</sup> Ibidem, p.143.

<sup>118</sup> Ibidem, p.143.

consciência infinita, da imaginação, através de seu gênero, criou um Deus à sua imagem e semelhança. Portanto a centralidade da religião e da fé é o homem. A aplicação do poder da fé só erra o objeto, quando isto é acertado, o homem encontra o seu caminho como criador.

A consciência de Deus é a consciência que o homem tem de si mesmo, o conhecimento de Deus o conhecimento que o homem tem de si mesmo. Pelo Deus conheces o homem e vice-versa pelo homem conheces o seu Deus; ambos são a mesma coisa. O que é Deus para o homem é seu espírito, a sua alma e o que é para o homem seu espírito, sua alma, seu coração, isto é também o seu Deus: Deus é a intimidade revelada, o pronunciamento do Eu do homem; a religião é uma revelação solene das preciosidades ocultas do homem, a confissão dos seus mais íntimos pensamentos, a manifestação pública dos seus segredos de amor.<sup>119</sup>

Feuerbach afirma que a religião cristã destituiu o homem do seu lugar de direito (o verdadeiro ser criador das coisas) ao afirmar que Deus é o princípio e a verdade. A verdade revelada da teologia cristã afirma que Deus é tudo o que o homem não consegue ser; Enquanto Deus é infinito, o homem por sua vez é finito; Deus é eterno e o homem é mortal. Porém, Feuerbach atenta que todas essas qualidades atribuídas a Deus são qualidades puramente humanas que foram objetivadas para fora do sujeito que as cria. O homem de fato é quem cria estes atributos a partir de sua condição pensante e os exterioriza para um Ser (perfeito) fora de sua realidade. Assim, a fé pertence ao homem, o ser que cria e que imagina.

A fé é a característica que garante que o subjetivo humano se transforme num objetivo absoluto e divino. O homem, através de sua fé ilimitada, criou um Deus que só tem existência e legitimidade na figura do homem e por meio de sua fé. A essência da religião é, portanto, o homem e sua fé: fé na própria essência humana objetivada em um ser onipotente e onipresente. Assim, Feuerbach compreende a relação entre fé e homem da seguinte forma: “A fé só se relaciona com coisas que objetivam a onipotência da afetividade humana, dos desejos humanos em contradição com as limitações, isto é, as leis da natureza e da razão”<sup>120</sup>.

A fé é essencial para a existência da religião e é só através desta que ocorrem eventos sobrenaturais. Por meio da fé, os desejos mais aberrantes dos seres humanos são efetivados, como, por exemplo, a ressurreição de um parente morto. Assim, demonstra-se a capacidade do milagre em relação ao real e a infinitude da capacidade humana de desejar, pois a crença dilacera a realidade, criando um mundo sobrenatural em que os desejos são realizados em sua essência sem o embate com a realidade sensível. Então, o que é o milagre? Caracteriza-se

---

<sup>119</sup> Ibidem, p.44.

<sup>120</sup> Ibidem, p.142.

como um desejo sobrenatural realizado. Contudo, o que é intrínseco ao milagre é a capacidade de contrariar a natureza e, portanto, de contrariar o homem. Por isso:

O desejo não se prende a nenhum obstáculo, a nenhuma lei, a nenhum tempo; ele quer ser realizado sem demora, imediatamente. E veja, tão rápido quanto o desejo é o milagre. O poder milagroso realiza os desejos humanos instantaneamente de uma só vez, sem qualquer espécie de obstáculo.<sup>121</sup>

A ciência, ao tentar fundamentar o real, desvenda o mundo e se depara com essa “anomalia” que é o milagre no qual tudo pode acontecer, e os limites da ciência natural são derrubados pela crença miraculosa. O milagre destrona o homem e a natureza, os expõem de forma inferiorizada ao tão irreal, antinatural e sonhado absoluto. O milagre é atemporal, é ilimitado, se interpõe a qualquer obstáculo porque provém da imaginação do ser humano. Advém do desejo imediato, é a recusa da natureza imanente. Afirmar o milagre é destruir a natureza, e destruí-la é deixar o homem órfão e desabrigado.

Não se deseja, partindo dos pressupostos legados por Feuerbach, abandonar a fé, o que se anseia é que esta fé (enquanto desejo) seja aplicada aos objetos certos, e tais objetos já nos são conhecidos: a natureza não humana e a humana. Se há um milagre verdadeiro sobre o mundo é a coexistência destas duas formas, uma dando sentido e subsídios à vida da outra. Sendo assim, o homem não coloca a natureza a seu serviço, antes é ela quem se oferece ao homem. A natureza, portanto, cuida de si ao cuidar do homem e, na mesma vertente, o homem cuida de si ao cuidar dela.

Para se promover o resgate do gênero usurpado, é necessário percorrer o caminho de volta na concepção de natureza humana e temos que caminhar em direção da questão da interioridade do homem, olhar seu interior, avaliar suas capacidades, reformar sua vida quebrada e, por fim, reavivá-lo. Em outras palavras, devemos saltar do exemplo da autonomia da natureza para estabelecer a autonomia o homem.

#### **4.5 A INTEGRALIDADE DO HOMEM: REMEMORAÇÃO DO HOMEM COMPLETO**

Agora que já foi exposto o homem completo a partir de suas categorias fundantes, desmistificado os matizes da religião cristã em sua relação de aprisionamento com o gênero humano e redefinido a relação do homem com seu outro imediato, a natureza, podemos perceber que é necessário, mais uma vez, seguindo os passos de Feuerbach, um retorno à questão da essência humana. É preciso “rasgar” outra vez o gênero humano e fazer uma

---

<sup>121</sup> Ibidem, p.145.

ligação entre os pontos sobre os quais discorreremos e, assim, reapresentar o homem integral. O homem integral é o indivíduo não egoísta que tem seu amor pelo outro e paixão por sua existência concreta, íntegra e efêmera. Como nos apresenta Moura e Correia:

Feuerbach lembra o saudoso dia em que a humanidade poderia ter sido esse sonho sonhado de vidas que se encontram, de homens e de mulheres que se cruzam em algum lugar perdido, longe dos olhares indiscretos e das mordanças invisíveis que ameaçam ofuscar o brilho que nos permite ser e amar, livre e espontaneamente. São estes mesmos cambiantes que pintam uma filosofia inteiramente dedicada ao ser humano, isto é, ao ser-se humano. É mediante esta cumplicidade entre amor e existência, que Feuerbach nos abre as portas ao mundo que envolve e abraça o homem, sem nunca reduzir aquele a um antropocentrismo cego e totalitário que nada gera e que tudo destrói.<sup>122</sup>

Para ter êxito em tal empreitada, retomaremos os argumentos iniciais de Feuerbach que desencadearam este projeto dissertativo e que foram a inspiração primeira dele para a publicação de sua surpreendente obra. Reportaremo-nos, então, ao momento primeiro em que ele afirma: “A essência do homem em geral”. É na introdução de seu texto que se dão os conceitos que serão desdobrados no decorrer dos seus trabalhos, mas é neste início que ele revela as categorias mais fundantes e expõe o real objeto de seu estudo e sua paixão, além de delimitar o espaço próprio da relação do homem com seu objeto.

Apresentamos as manifestações humanas em geral como ser existente, tendo consciência de que este é constituído por diversos atributos, tais como: corporalidade; sexualidade; personalidade; racionalidade; moralidade; vontade; alteridade; sociabilidade; sensibilidade. Na visão de Feuerbach, todos estes subsumem o gênero humano, um revelando o outro, e são as expressões maiores e mais definitivas das qualidades humanas, estas que são hipostasiadas e alienadas de seu interior. Para nosso autor, estas qualidades se resumem basicamente em três: a razão, a vontade e o coração. Ele, dessa forma, revela-nos que:

Um homem completo possui a força do pensamento, a força da vontade e a força do coração. A força do pensamento é a luz do conhecimento, a força da vontade é a energia do caráter, a força do coração é o amor. Razão, amor e vontade são perfeições, são os mais altos poderes, são a essência absoluta do homem enquanto homem e a finalidade para sua existência. O homem existe para conhecer, para amar e para querer. Mas qual é a finalidade da razão? A razão. Do amor? O amor. Da vontade? O livre-arbítrio. Conhecemos para conhecer, amamos para amar, queremos para querer, i.e., para sermos livres.

---

<sup>122</sup> CORREIA, Catarina Cristovão; MOURA, Margarida. “O que significa pensar em termos humanos? Manifesto por uma existência apaixonada”. In: SERRÃO, Adriana Veríssimo. *O homem integral: antropologia e utopia em Ludwig Feuerbach*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade, 2001, p.14.

A religião se localiza na exata divisão entre o animal e o ser humano, mas somente o segundo se elevou ao nível mais alto da espiritualidade religiosa. A diferença mais comum que se costuma apontar entre os dois é a consciência, pois é esta que explica a capacidade racional de conhecer. Assim, a consciência, no sentido estrito, apresenta-se quando para um ser o seu gênero é objeto. É na distinção entre indivíduo e gênero que encontramos a chave para explicar o objeto rigorosamente humano. O animal se reconhece enquanto indivíduo, mas o homem se reconhece como gênero, tem consciência de si (sabe de si e sabe do mundo). Por isso, o ser humano tem como objeto o seu gênero e, desta maneira, pode ter o mundo e os outros seres como objeto, tendo em vista que ele tem conhecimento de sua capacidade de transcendência. Expõe Souza:

Entretanto, a alma animal marca apenas o início do aparecimento do espírito livre, pois ainda está presa às determinações da natureza, toda a vida do animal é determinada pelas mudanças e variações naturais. A alma do animal representa a natureza-espírito, dito de outra maneira, a natureza que passa a espiritualizar-se na alma, princípio da vida ativa do animal, mas essa alma é natural e por mais que ela tente negar a natureza, é essa natureza que a afirma negando-a. A afirmação da alma natural é dada exatamente pela natureza que a nega, pela natureza que a impede de ser livre plenamente. O espírito-natureza, ao contrário, é a natureza supressumida na alma humana, é o espírito livre que conserva em si as determinações da natureza ao mesmo passo que a nega, pois já não é mais alma natural dependente essencialmente da natureza, mas espírito livre que vence sobre a natureza.<sup>123</sup>

A vida do animal é reservada, é voltada para sua mera manutenção e se conecta somente com o seu interior. Em contrapartida, a vida do homem é ligada com seu interior e com o exterior. O homem se volta para seu interior, vê o mundo fora de si e se relaciona com o mundo que há dentro de si. Aponta-nos Feuerbach: “O homem é para si ao mesmo tempo eu e tu; ele pode se colocar no lugar do outro exatamente porque o seu gênero, a sua essência, não somente a sua individualidade, é para ele o seu objeto”<sup>124</sup>.

O objeto da religião é a essência do homem e, neste aspecto, o animal se limita. A vida privada do animal o aprisiona a uma relação meramente objetiva, mas a vida genérica do homem o lança ao descobrimento de si e do mundo objetual. A religião em primeira instância é a ideia de Deus e, em segunda, surge da possibilidade deste contato do ser com seu gênero. O que é a marca mais benéfica do ser humano se torna o motivo de sua alienação. A religião “é a consciência que o homem tem da sua essência não finita, não limitada, mas infinita. Um ser

---

<sup>123</sup> SOUZA, Roberta Bandeira de. “A luta do espírito na natureza: a vitória da liberdade”. In: UTZ, Konrad; SOARES, Marly Carvalho (Orgs.). *A noiva do Espírito: natureza em Hegel*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2010, p.280.

<sup>124</sup> FEUERBACH, Ludwig. *Preleções sobre a essência da religião*, Op. cit., p.35.

realmente finito não possui a mínima ideia, e muito menos a consciência, do que seja um ser infinito, porque a limitação do ser é também a limitação da consciência”<sup>125</sup>.

Aqui Feuerbach distingue consciência de instinto. Ele assinala a consciência como a capacidade de se relacionar com o seu gênero, de ter a ciência da distinção do interior e do exterior e de conhecer, e o instinto como a capacidade limitada de reconhecer somente o seu exterior. Mas tal instinto não rebaixa e não é descartado da figura humana. Ele existe e é necessário para a relação do homem enquanto animal (que nunca deixará de ser) com o mundo que o permeia. O fundamento do homem é a natureza. A natureza aparece como força constante nos seres através do instinto.

Em oposição ao instinto a consciência “é essencialmente de natureza universal, infinita. A consciência do infinito é nada mais que a consciência da infinitude da consciência. Ou ainda: na consciência do infinito é a infinitude da sua própria essência um objeto para o consciente”<sup>126</sup>. Não se coloca aqui uma hierarquia valorativa, afirmando o homem em detrimento ao animal. O que se apresenta é o ser humano como aquele que tomou consciência, embora para Feuerbach ele também permaneça na linha da animalidade, devendo se apresentar ao mundo no reino animal e em forma de espécie humana.

O homem é mediatizado pelo mundo, porém ele medeia o mundo e a si mesmo. Ele é um animal instintivo e um ser consciente, participa do mundo objetual, da vida animal e da consciência de seu gênero e, por essas razões, a religião não pode ter vindo de outro lugar, senão do homem, como força que expõe suas características mais ricas e divinas. No mundo, o ser que ama, que pensa e que deseja é o homem. Estas qualidades lhes são essenciais e ele não pode abandoná-las. Ele somente é enquanto ser que se apresenta nestes atributos. Não está no mundo humano quem não ama, não pensa e não quer. Esses poderes são em si mesmos divinos, perfeitos, absolutos, são os fatores que elevam o ser humano ao *status* de ser criador de sentido para o mundo.

Estas forças essenciais são reafirmadas em cada ato de paixão, do querer e do pensar. À medida que estas formas são objetivadas, percebe-se a força delas e, na mesma proporção, a força de objetivação do homem. Estes dons o expressam e o dominam. Nas linhas feuerbachianas, elas assim são descritas:

Quem é mais forte? O amor ou o homem individual? Possui o homem o amor ou antes não é o amor que possui o homem? Quando o amor leva o homem a se entregar à morte até mesmo com júbilo em nome da amada, é esta força que despreza a morte a sua própria força individual ou não é antes

---

<sup>125</sup> Ibidem, p.36.

<sup>126</sup> Ibidem, p.36.

a força do amor? E quem já pensou de verdade não experimentou o poder do pensamento, aquele poder tranquilo, sereno? Quando te submerges em profunda meditação esquecendo-te de ti mesmo e do que te circunda, dominas tu a razão ou és dominado e assimilado por ela?<sup>127</sup>

O homem só pode ser definido como tal se tiver um objeto próprio. Nos termos feuerbachianos, este objeto é a essência própria e objetiva deste sujeito. Isso independente da espécie na qual os indivíduos se agrupam. É no gênero que se acha sua essencialidade, que comprova a sua humanidade. O objeto toma forma e conteúdo na exposição de seu gênero. Do mesmo modo, o homem se reconhece (toma consciência) através de seu objeto. Feuerbach é categórico ao dizer: “A consciência do objeto é a consciência que o homem tem de si mesmo. Através do objeto conheces o homem; nele a sua essência te aparece; o objeto é a sua essência revelada, o seu Eu verdadeiro, objetivo. E isto não é válido somente para os objetos espirituais, mas também para os sensoriais”<sup>128</sup>.

O mundo concreto se entrega ao vislumbre do olhar humano, e seu deleite não se encontra na mera apreensão do objeto cognoscente, mas, antes, na apreciação física e simbólica. Daí ocorre, dentro do homem, o milagre estético da consciência de cada parte do objeto e de sua visão como um todo. Sabendo que cada indivíduo é atingido de forma diversa pelo raio solar, cada um tem uma experiência física e estética particular, mas todos têm em comum a capacidade de sentir e de diferenciar. Confirma-se mais uma vez a multiplicidade de indivíduos e a unicidade do gênero. Na natureza humana e não humana é onde ocorre a mística da vida.

Os poderes humanos constituem sua vida genérica. São seus absolutos, são divinos, são forças que o elevam ao grau de ser seu próprio senhor. Mas é da tentativa frustrada da explicação de suas forças que nasce o erro da criação do Deus separado dele. A revelação de cada atributo revela tão somente o poder da essência humana. A cada obra do amar e do querer grita no interior humano a sua confirmação. Somente à medida que o homem deixar de ocultar estas forças em outros objetos, alheios à sua consciência, ele se tornará o seu próprio ser absoluto (o que sempre foi). Complementa Feuerbach:

O ser absoluto, o Deus do homem é a sua própria essência. O poder do objeto sobre ele é, portanto, o poder da sua própria essência. Assim, é o poder do objeto do sentimento o poder do sentimento, o poder do objeto da

---

<sup>127</sup> Ibidem, p.37.

<sup>128</sup> Ibidem, p.38.

razão o poder da própria razão, o poder do objeto da vontade o poder da vontade.<sup>129</sup>

Os discursos, sentimentos e vontades humanas, bem como as ciências milenares e a Filosofia não são nada mais que a confirmação da existência humana, são os protestos definitivos da integralidade de sua vida e o selo da humanidade em sua caminhada terrestre. O que assegura a veracidade das forças que integram o ser humano é o fato de que estas são perfeições e, assim, bastam-se a si mesmas. Esse homem completo não precisa mais buscar, a partir de agora e diante do que já foi descrito, uma explicação racional para viver fora de sua razão. Ele não pretende fundar sentimentos fora de sua personalidade e sensibilidade, enfim, fora de sua sentimentalidade. Qualquer fundamento do mundo, de si e do outro ele encontra nas projeções que brotam de seu ser.

Dentre as características humanas que demonstram a especificidade humana num mundo plural e sua primazia na referência ao mundo, encontra-se a consciência que “é autoconfirmação, autoafirmação, amor-próprio, contentamento com a própria perfeição. Consciência é a marca característica de um *ser perfeito*; consciência existe num *ser satisfeito, completo*”<sup>130</sup>. Estas palavras de Feuerbach são uma exaltação da figura humana, expressam a beleza da forma humana como sendo uma preciosidade gerida do seio da natureza. A admiração que o homem tem de suas capacidades e de suas criações demonstram a força dos poderes integrais que formam o conjunto humano. Assim, “ vaidade é apenas quando o homem namora a sua própria forma individual, mas não quando ele admira a forma humana. Ele deve admirá-la; não pode conceber nenhuma forma mais bela, mais sublime do que a humana”<sup>131</sup>.

Tais formulações de Feuerbach querem expressar a magnânima força do objeto humano enquanto consciência e sentidos. Não se eleva, neste caso, a forma humana como superior à forma natural ou à forma animal. O que se eleva é a capacidade de dar sentido e vida ao ser que se lançou na viagem da consciência. Portanto, a vaidade é a confirmação da completude humana, vista não mais de forma cindida, mas analisada sob o viés do conjunto indissolúvel de forças que agregam a estrutura humana num todo perfeito para si.

Na separação do indivíduo com o seu gênero, ele fica dividido entre o desejo de sentir-se infinito e considerar-se finito, mas este desacordo se dá devido às limitações de ser indivíduo, pois enquanto consciência e gênero ele está no caminho da ilimitação. Não se trata

---

<sup>129</sup> Ibidem, p.38.

<sup>130</sup> Ibidem, p.39.

<sup>131</sup> Ibidem, p.39.

de um ser que tudo pode, mas de um processo da consciência de transcender suas mediações e, portanto, de romper com o ciclo do animal comum, preso e sem nenhuma alternativa de saída de suas mediações. É nesta formulação que Feuerbach nos diz:

Todo ser se basta a si mesmo. Nenhum ser pode se negar, i.e., negar a sua essência; nenhum ser é limitado para si mesmo. Todo ser é ao contrário em si e por si infinito, tem o seu Deus, a sua mais elevada essência em si mesmo. Toda limitação de um ser existe somente para [...] outro ser além e acima dele. A vida dos micróbios é extremamente curta em comparação com a dos animais, que vivem mais tempo; no entanto, é para eles esta vida curta tão longa quanto para os outros uma vida de anos. A folha em que vive a lagarta é para ela um mundo, um espaço infinito.<sup>132</sup>

O ser do homem que torna ele aquilo que ele é, e não outro qualquer, são os seus talentos, as suas riquezas, os seus adornos e as suas capacidades. Desta maneira, ele não pode querer negar o seu ser e, assim, pretender afirmar o não ser de si. A essência do homem afirma todas as suas qualidades. O gosto, os sentidos e o juízo seguem sua decisão, porque a rigor todos são uma única coisa: o homem integral. A inteligência humana, enquanto característica peculiar que o elevou ao nível simbólico cultural, o basta, mas em suas contradições idealísticas ele forja esta categoria sob o prisma da negatividade religiosa e a trabalha não como capacidade de ilimitação, mas como limitação cognitiva. Entretanto, a própria inteligência dá as bases e condições, isto é, responde ao seu dono, que ela tem a força para atestar-se como consciência do gênero e, assim, afirmar o homem e negar seu Deus, criando dentro de seu gênero um ser outro, porém idêntico a si. Para Feuerbach, cada categoria no interior do gênero humano é necessária, livre e plural. Além disso, cada uma demonstra a força humana, enquanto ele é um ser concreto, material e consciente. Feuerbach exorta-nos:

Portanto se pensas o infinito, pensas e confirmas a infinitude da faculdade pensar; se sentes o infinito, sentes e confirmas a infinitude da faculdade sentir. O objeto da razão é a razão enquanto objeto de si mesma, o objeto do sentimento é o sentimento enquanto objeto de si mesmo.<sup>133</sup>

Sobre a terra existem dois seres que convivem, a saber: a natureza e o homem. Da natureza brota toda fonte de sobrevivência dela e dele. Do homem se originam tanto os significados, os conceitos e os sentimentos mais nobres, como também Deus. Do interior humano mais inconsciente, de seus mais nobres dons, do fundo de todas as suas categorias vistas de maneira inversa, nasceu Deus. A religião também surgiu desta relação invertida e

---

<sup>132</sup> Ibidem, p.40.

<sup>133</sup> Ibidem, p.41.

obscrecida do homem com suas qualidades. Para Feuerbach, Deus é, enquanto objeto gerado pelo gênero humano viciado, toda qualidade humana hipostasiada num ser absoluto distinto de si. Mas se ele se origina das fontes humanas, o que na verdade se apresenta é o sentimento, a razão e a vontade como um ser divino e, neste caminho, a reafirmação circular de tais fundamentos estritamente humanos. Se os sentimentos são nobres, Deus será nobre; se as ideias são infinitas, Deus será infinito; se o querer é irrestrito, Deus será irrestrito. Feuerbach ressalta que, se:

[...] é o sentimento o órgão essencial da religião, então nada mais expressa a essência de Deus a não ser a essência do sentimento. O sentido verdadeiro, mas oculto, da afirmação “o sentimento é o órgão da divindade” é: o sentimento é o que há de mais nobre, de mais excelente, i.e., divino no homem. Como poderias perceber a divindade através do sentimento se o sentimento não fosse por si mesmo de natureza divina? O divino só pode ser conhecido pelo divino, “Deus só pode ser conhecido por si mesmo”. A essência divina que o sentimento percebe é em verdade apenas a essência do sentimento arrebatada e encantada consigo mesma – o sentimento embriagado de amor e felicidade.<sup>134</sup>

Após a incursão elucidativa nas palavras de Feuerbach, já podemos concluir que seu projeto envolve seu próprio amor, querer e sentimentos. Este homem completo, tão sonhado por ele, surge de seus próprios desejos. A integralidade do homem requer a ruína da religião, enquanto ente que nega a humanidade e a reconstrução de uma nova religião, baseada na externalização dos dons divino-humanos e na relação fraterna entre estes. Para a compreensão estética da humanidade enquanto gênero integral em Feuerbach nos sensibiliza Correia e Moura:

Movendo-se no campo da vida como o sublime acto (sic) de amor, no qual qualquer presença é sentida e a sua unicidade aprendida como sendo parte integrante de algo grandioso, que é a Humanidade, este homem reconhece em si a relação estabelecida entre todos os seus sentidos, votando o impacto causado pela presença e vida dos outro, cada toque, sabor, cheiro, som ou olhar cruzado à eternidade. Nunca a vida se povoa de sombras de corpos vazios cuja única utilidade se prende com a rentabilidade! O homem é um ser real e como tal, sensível: é absurdo pensar que o seu corpo não é de si parte integrante, genuína e essencial!<sup>135</sup>

O ser humano completo se apresenta como: 1) Ser natural, tendo sua origem na natureza, sendo esta seu *habitat* e único espaço de atuação material, além de espaço próprio do resgate dos bens que são essenciais à sua vida. Ela é o lócus onde se desenrolará a trama de

<sup>134</sup> Ibidem, p.42.

<sup>135</sup> CORREIA, Catarina Cristovão; MOURA, Margarida. “O que significa pensar em termos humanos? Manifesto por uma existência apaixonada”, Op. cit., p.14.

sua existência, tendo, pois, a responsabilidade de sua manutenção e defesa. O homem é natureza; 2) Corpo, que é expressão de sua materialidade, de seu eu natural, além de sua fonte de sentimentos e sensações. Ele é a forma peculiar de sua disposição individual enquanto ente concreto no mundo, espaço que apresenta ao homem a sua transitoriedade mundana e seu enraizamento no lócus natural. Para Serrão: Ser no corpo é ser no mundo. A encarnação corporal é o momento definitivo que consagra o ser no mundo. O corpo é o eu poroso (*das poröse Ich*). O homem é corpo; 3) Ser sexual, o que demonstra cabalmente sua ligação com o mundo, sendo o responsável pela propagação e manutenção de sua espécie. O fundamento da reprodução humana de seus entes vitais. O homem é sexo; 3) *Persona*, isto é, aquele ser individual com uma estrutura psicológica única e mutável. Ela é a característica que individualiza cada pessoa em um espaço de sociabilidade e um produto que identifica cada ser de modo particular. O homem é persona; 4) Razão, ou seja, a capacidade que lhe faz sair do seu mundo fechado para buscar respostas sobre si e sobre o outro. Ela é a força que o faz desejar conhecer, querer aprender e criar. O homem é razão; 5) Vontade, que é a energia que o alimenta no desejo do arbítrio. Ela é o que o desloca da vida meramente instintiva e o impulsiona para uma vida volitiva, uma das marcas de sua disposição como ser que quer e a característica vital que o faz criar coisas novas no mundo cultural e simbólico. O homem é vontade; 6) Alteridade, que o faz ser outro para o outro, e faz os outros serem distintos e próximos dele. Ela é o dom que o faz transcender ao espaço do outro, penetrar os outros horizontes de sentido existentes, além de ser o ponto que mostra a disposição do ser humano para o contato com outro. O homem é alteridade; 7) Sociabilidade, que é a forma peculiar de disposição da vida social do gênero humano. Ela é o marco que delimita o espaço onde o humano pode reconhecer o outro humano e manter uma relação genérica e concreta com outrem, bem como o molde basilar da vida humana que se apresenta como uma reunião de iguais. O homem é sociabilidade; 8) Sensibilidade (*Sinnlichkeit*), que é a categoria que engloba todas as outras em si. Ela é a unidade da própria natureza humana, a sensibilidade completa, para além dos sentidos dos órgãos, ou da percepção comum e o espaço que congrega toda a unidade humana num mesmo momento, assim, reúne de uma vez só o ser corpo, natureza, espírito, vontade, *persona*, alteridade, sexualidade e racionalidade. Na apreensão sensível é toda a estrutura que recebe os dados, transforma-os e os compreende. Os dados do mundo e de sua vida perpassam por cada categoria, recebendo a característica mais notável de cada uma, não existindo entre elas complementaridade, mas havendo reciprocidade. O homem é o todo. Ele é, portanto, sensibilidade.

Para Feuerbach, o homem integral que resume dentro de si todas as diversas qualidades nas formas da razão, vontade e coração é o único responsável pelo acabamento do seu projeto de integralidade. Na inexistência de um Deus para manipulá-lo, ele depende de suas forças e seus dons para fundar uma comunidade de iguais que amam, sentem e querem. Nas resoluções humanas e no seu evoluir é que se apresentará a consecução do reino da divindade humana. A humanidade é sua doença e sua cura, é seu mistério e sua grande descoberta.

## 5 CONCLUSÃO

As ideias de Feuerbach permanecem vivas e presentes ante nosso mundo pseudo-secularizado, apático diante das transformações tecnológicas que escravizam o homem e indiferente ao iminente fim da natureza. Diante de tal cenário, posto no bioma terrestre, resgatar e presentificar as propostas de Feuerbach é uma necessidade essencial para o reencontro do homem com seu gênero e, para o entendimento da real importância da relação homem-natureza. Tais fatos, nas pegadas de tal autor, só poderão ocorrer a partir de uma profunda crítica aos princípios religiosos, onde o germen da dominação abstrata e do afastamento do mundo natural e do interior humano surgiu. Esta fórmula é a busca de nossa pesquisa: recolocar o homem no seu lugar de direito, reavaliando suas características mais particulares e as colocando frente a frente com o seu opositor, a saber, a religião cristã. Assim, perseguimos desvendar a antropologia de Feuerbach.

Ele nos legara a influência que teve sobre o materialismo moderno, sobre as filosofias da existência (pondo em xeque a vida humana) e sobre a crítica ao Idealismo. Além disso, colocou-se como expoente de um caminho traçado por diversos pensadores modernos que desemboca com maestria em sua radical antropologia. A experiência da Filosofia enquanto existência humana encarnada é fruto da desmitologização da teologia promovida por Feuerbach. Desta maneira, o aspecto negativo da religião guarda um desígnio positivo nas formulações feuerbachianas. Cabe traduzi-los na linguagem correta: a linguagem humana, da vida humana.

Assim, compreende-se a necessidade de uma fundamentação antropológica dos princípios mal formulados pelos anunciadores da teologia e da religião. Se não há um Deus onipotente, então o que há? Aparece-nos, então, a grande revelação: existe o homem. Neste sentido, o ateísmo antropológico não significa apenas a derrota do opositor (religião) da vida humana plena. Ele, antes, constitui-se como um novo começo para a história humana, que agora pode ser pensada com os atributos e características estritamente humanas. O grande projeto teórico-prático de Feuerbach, em linhas gerais, é a revelação do homem e da natureza e o desvelamento das religiões. A religião, mantendo seu viés sagrado (abstrato), encobre a verdadeira essência dos dois primeiros seres existentes. Mas a proposta de Feuerbach surge, em contrapartida, para devolver ao gênero humano e aos seres naturais seu lugar de majestade e importância.

O caminho da descoberta da redução antropológica transcorreu várias etapas. A concepção de homem para Feuerbach é um caminho em construção, edificado a cada novo nascimento de um ser vivente. Todos estes indivíduos são livres para traçar suas linhas, porém as vias sobre as quais este conceito se apronta são escuras, tortuosas e místicas, podendo encobrir as verdades pelo caminho. O projeto de Feuerbach é clarificar a estrada para que cada um possa enxergar o seu interior e o mundo ao seu redor. Para que isso ocorra, é necessário perceber que o passo seguinte é negativo e se apresenta como o momento da criação de outro ser que nasce de dentro do homem (Deus), mas que ao ser externado o domina e o possui. Este ser não é nada mais que a sua essência (conjunto de suas mais altas perfeições sob o aspecto de gênero) exteriorizada, que tomou uma forma divina e absoluta, fazendo com que o homem já não fosse mais completo, senão em pedaços.

Para uma reintegração do seu ser tomamos a teoria proposta na antropologia de Feuerbach, que diz: Deus é a maior criação humana que surgiu do âmago de seus desejos mais impossíveis. Esta terapia interior nos recoloca na via correta onde o homem é seu Deus e a religião sua ética. A natureza é a etapa posterior a ser apresentada onde ele reconhecerá que sua existência é nula sem uma dependência positiva com aquela. A natureza é, por excelência, o outro ser que o ajudará a libertar-se das falsidades criadas pela sua inconsciência assustada e a afirmar-se como ser finito e concreto. No fim da estrada, o homem, no vislumbre de Feuerbach, encontrar-se-á (ainda em vida) consigo mesmo e com seus iguais sem temor algum do desconhecido e, de forma esclarecida, suas escolhas serão a marca de sua existência, sendo somente sua vida o grande motivo de seus atos.

É nesta última estada que o projeto feuerbachiano estará completo, quando o ser humano for visto de maneira íntegra e integral e quando a vida humana, com a inserção da natureza e a exclusão dos temores religiosos atuais, for objeto das dores e das alegrias do mundo. O esclarecimento nesta empreitada filosófica, em nosso entendimento, tem como um de seus baluartes Feuerbach e sua tese “homem = Deus”, evidenciando para a raça humana que sua existência é revelada em sua carne e que a grandiosidade da odisseia humana ressoa no seu sangue.

Feuerbach, como filósofo preocupado com os revezes de seu tempo, cria uma proposta teórica essencialmente baseada no homem e na sua relação com o material e o abstrato. Assim, o homem é o fator decisivo para a evolução do mundo e de si. Dele partem as transformações dentro de seu ser subjetivo e muitas alterações no mundo natural. O conceito de homem é, portanto, o alicerce onde toda a fundamentação teórica da subjetividade moderna e de Feuerbach passam a afirmar as ontologias.

Feuerbach fora esquecido durante tempos e permaneceu no ostracismo, pois, estando entre Marx e Hegel, lançou suas posições, que são bastante surpreendentes e inovadoras para nossos tempos e que foram recebidas como radicais pelo seu meio social. Ora, na sua crítica a religião, ele interfere na crença de milhões de fieis e, ao criticar o Idealismo de Hegel e seus súditos, interveio de outro modo na crença de outros milhares de fieis desta visão especulativa. Seu exílio e o repúdio de suas ideias se deram neste confronto. Na crise em que ele colocou os adeptos do cristianismo e do hegelianismo, na busca incansável pela ἀλήθεια (verdade), Feuerbach conseguiu sua carta de afastamento dos meios acadêmicos e até durante um bom período dos meios sociais. De igual maneira sua filosofia e suas críticas deixaram de ser estudadas e difundidas, sua teoria ficou à sombra dos embustes fantásticos da religião e do ideário de Hegel.

No raiar de nosso século, com tantas críticas à religião cristã, à metafísica e aos idealistas, é necessário perceber a necessidade do pensamento feuerbachiano tanto para o resgate do homem, abalado pela morte do sujeito em diversas propostas filosóficas, como também para uma nova leitura da natureza, firmada, a partir de agora, numa relação orgânica com o homem. Feuerbach propõe fazer uma nova filosofia, preparada para homens arrojados e do futuro (que não se contentam com o *status quo*). Ele percebe, como ninguém, a necessidade de uma reforma de toda a Filosofia, pois, se a filosofia de Hegel é em suas palavras a subsunção das ideias filosóficas anteriores, a proposta de Feuerbach é a terapia que promove a cura da filosofia viciada de Hegel.

Nosso autor faz uma reviravolta nas propostas filosóficas, até então estabelecidas, quando apresenta a concepção de homem como um todo, um ser múltiplo com uma unidade, um ser natural e transcendente, um animal que ama e que pensa. Estas qualidades humanas foram postas em confronto consigo mesmas e com o seu oposto, a saber: o negativo do objeto religioso (separação da religião do homem). Na exploração de cada dom humano usurpado ou anulado pelo sentimento cristão, ressurge nas linhas críticas de Feuerbach a verdade escondida por trás dessas linhas supersticiosas. Esses segredos camuflados no interior da religião são o centro da teoria de Feuerbach e a partir deles é que desvendamos a máxima: A teologia é antropologia. Aqui se estabelece a relação saudável entre as qualidades humanas e o positivo do objeto religioso (domínio do homem sobre sua essência).

Para ele, em cada atributo humano se revela o seu ser completo, mas com sua determinidade específica. A razão, o corpo e a alteridade têm critérios específicos para existir, mas o conjunto de coexistências deles é que traz a visão de totalidade. A cisão entre mente e corpo, mantida e propagada pelos ideais deístas e especulativas, é o objeto de desconstrução

sobre o qual Feuerbach ressignifica a unidade natural e espiritual do que há de concreto e abstrato no ser humano.

O homem integral tem sua configuração marcada por ser constituído por: 1) Sensibilidade, que é a estrutura fundante porque nela está presente sua capacidade de ser enquanto matéria e ser enquanto espírito e é nela onde passam todas as atividades humanas das sensações até as intelectões; 2) Corpo, enquanto estrutura física e espaço próprio de ligação e atuação no meio natural; 3) Mente (razão), que é a condição de suas reflexões e, assim, o objeto peculiar de análise de si e do mundo; 4) Querer, que o qualifica como ser desejoso e expressivo. Ele o conduz à alteridade e sociabilidade, que eliminam sua solidão egoísta.

Todos os atributos humanos participam material e espiritualmente da humanidade, Para Feuerbach, a mente e o corpo coexistem num espaço único da natureza, onde o cérebro é a base orgânica das ações do corpo, negando desta forma a descartabilidade do corpo (anunciada nas letras sagradas) e a importância da união indissolúvel dos dois que constituem uma coisa só: o ser humano integral. A antropologia integral também tem seu momento religioso, mas apenas enquanto passagem para a descoberta do ateísmo antropológico. Para Feuerbach, a religião só surge para a consciência como um enigma no período em que não explica o sobrenatural e se assusta diante do perigo iminente do aniquilamento. Todavia, se o homem encarar seus próprios medos e enfrentá-los, encontrará no sucesso desta batalha a sua autoconsciência alienada e descobrirá, na retomada de poder de sua vida genérica, que a religião é seu fruto e Deus é ele mesmo.

À medida que as religiões e as filosofias dogmáticas e idealistas confundem o homem com conceitos e revelações afastadas de sua realidade, Feuerbach contra-ataca mostrando que a religião viveu sua experiência durante milênios omitindo verdades e a própria humanidade (única forma de se afirmar absoluta), mas o homem integral que já não mais precisa entregar-se ao assombro da finitude, pois se reconhece como tal, deve viver o momento positivo da religião, aquele em que ela desvenda o Deus real de sua vida: ele mesmo. Por isso, para Feuerbach, há dois tempos na história do homem em contato com o objeto religioso, no primeiro ele é negado e a religião é afirmada como superior, e no segundo ele se afirma e omite as falsas verdades da religião, positivando sua vida e libertando-a para uma existência completa e real. Aqui ele retira as amarras metafísicas que o suprimiram, sob os nomes mais sagrados, e se desfaz das teologias metamorfoseadas, sob as formas de filosofias modernas e idealistas.

A crítica à religião e o resgate da vida humana devem necessariamente passar também pela análise da relação homem-natureza e religião-natureza, assim como da relação entre as filosofias modernas e a natureza. O pretense utilitarismo cristão de seu domínio sobre a natureza é negado por Feuerbach. A repulsão da religião em relação à natureza surge da indisposição da aceitação da autonomia da natureza. Para o crente, afirmar a majestade dela é afirmar sua fraqueza, pois, onde há leis naturais em ação, o domínio sobrenatural do Deus cristão é negado. Para manter o reino divino, necessita-se eliminar a natureza que se apresenta como sua contradição direta. Em contrapartida, a natureza é a casa do homem, é o espaço pleno onde as liberdades dela e do homem ocorrem. Se a natureza contraria à cristandade, ela proclama, na via inversa, a divindade humana. A disposição positiva do meio natural com o meio humano funciona como um elo em que há uma dependência do homem para com sua mãe. O homem destituído de Deus não fica órfão, pois encontra abrigo junto a sua genitora.

Para Feuerbach, reverenciar e salvar a natureza não humana tem como consequência necessária a salvação da natureza humana. No mesmo norte, eliminar a natureza implica em abolir a vida humana. Revitalizar a afinidade homem-natureza, estilhaçada pelo desejo egoísta cristão, é resgatar a essência humana. Homem natural é o que sois. Após um processo turbulento de superação da religião desumana, da descoberta de um interior oculto misterioso e do reencontro com a mãe natureza, pode o homem juntar suas partes e reconstruir-se. A viagem humana tão sonhada tem início a partir de agora e todos são seus personagens principais. Aparecerá a nova religião: a humana; o novo Deus: o homem; a nova cristandade: a ética; a nova educação: que emancipa e liberta; e, por fim, a nova filosofia: a história mesma da vida e das ideias humanas. Assim, afirmamos: A morte da natureza é a morte do homem. A ruína do homem é a morte da religião. A morte do homem é o fim do horizonte de sentido do mundo.

## REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, L. *A favor de Marx*. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.
- AMENGUAL, Gabriel. *Crítica de la religión y antropología em Ludwig Feuerbach*. Barcelona: Laia, 1980.
- ARVON, Henri. *Che cosa ha veramente detto Feuerbach*. Roma: Astrolabio; Ubaldine editore, 1972.
- \_\_\_\_\_. *Sa vie, son oeuvre*. Paris: Gallimard, 1964.
- BÍBLIA SAGRADA. Trad. Monges de Maredsous (Bélgica). Rev. Frei João José Pedreira de Castro. 24.ed. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2000.
- BOURGEOIS, Bernard. *Hegel: os atos do Espírito*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Editora Unisinos, 2004.
- CABADA, M. C. *El humanismo premarxista de Ludwig Feuerbach*. Madrid: La editorial católica, 1975.
- CASTINEIRA, A. *A Experiência de Deus na pós-modernidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- CHAGAS, Eduardo Ferreira. "A majestade da natureza em Ludwig Feuerbach". In: CHAGAS, Eduardo Ferreira; REYDSON, Deyve; PAULA, Marcio Gimenez de (Orgs). *Homem e natureza em Ludwig Feuerbach*. Fortaleza, CE: Edições UFC, 2009.
- \_\_\_\_\_. The primacy of nature against the spirit in Ludwig Feuerbach. In: *Trans/Form/Ação*, São Paulo, v.32, n. 2, p.119-133, 2009.
- \_\_\_\_\_. Projeto de uma nova filosofia como afirmação do Homem em Ludwig Feuerbach: teoria e práxis. *Revista de Ciências Humanas e Política*, Goiânia-GO, v.4. p. 31-36, 1992.
- \_\_\_\_\_. *RELIGIÃO: o homem como imagem de Deus ou Deus como imagem do homem?* In: *Formação Humana: Liberdade e Historicidade*, UFC, Fortaleza, 2004, p. 86-105.
- COMTE, Auguste. *Curso de filosofia positiva*. Lisboa: Edições 70, 1984.
- CORREIA, Catarina Cristovão; MOURA, Margarida. O que significa pensar em termos humanos?: manifesto por uma existência apaixonada. In: SERRÃO, Adriana Veríssimo. *O homem integral: antropologia e utopia em Ludwig Feuerbach*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade, 2001.
- ESTRADA DIAZ, JUAN ANTONIO. *Deus nas tradições filosóficas: da morte de Deus à crise do sujeito*. São Paulo: Paulus, 2003. v. II
- FERNANDEZ-CRUZ, A. *Hombre, sociedad e naturleza*. Madrid: Editorial gredos, S. A., 1967.

- FEUERBACH, Ludwig. *A essência do cristianismo*. Trad. BR. José da Silva Brandão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- \_\_\_\_\_. *La esencia de la religión*. Madrid, Espanha: Páginas de Espuma, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Preleções sobre a essência da religião*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Princípios da filosofia do futuro e outros escritos*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Abelardo y Heloisa y otros escritos de juventud*. Trad. Esp. José Luís García Rúa. Granada: Editorial Comares, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Aportes para la crítica de Hegel*. Trad. Arg. Alfredo Llanos. Buenos Aires: Editorial la Pleyade, 1974.
- FREDERICO, Celso. *O jovem Marx: 1843-1844 as origens da ontologia do ser social*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- Sigmund, Freud. *O futuro de uma ilusão*. São Paulo: Imago, 1997.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Enciclopédia das ciências filosóficas*. São Paulo: Edições Loyola, 1998. v. I.
- \_\_\_\_\_. *Enciclopédia das ciências filosóficas*. São Paulo: Edições Loyola, 1998. v.II
- \_\_\_\_\_. *Fenomenologia do espírito*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- KANT, Immanuel. *Schriften zur metaphysik und Logik* [Escritos sobre Metafísica e Lógica]. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1982.
- LEAL, J. G. *Crítica de la dialética materialista*. In: \_\_\_\_\_. *En torno a Hegel*. Granada: Universidad de Granada, 1973.
- LOPES, Rafael Werner. *Antropologia e moral em Ludwig Feuerbach: determinação eudaimônica e autodetrminação humana*. 2011. 251 p. Tese (Doutorado em Filosofia). Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Trad. Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.
- MARX, K. e ENGELS, F. *A Ideologia alemã*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- MELO, Regiany Gomes. *Crítica de Feuerbach às religiões em defesa do homem integral e da natureza não-instrumentalizada*. *Intuitio: Revista eletrônica do PPG em Filosofia da PUCRS*, Porto Alegre, v.4, n.2, p. 224-236, 2001.
- MOURA, José Barata; MARQUES, Viriato Soromenho. *Pensar Feuerbach*. Lisboa: Ed. Colibri, 1993.

- MONDIN, B. *O Homem, quem é ele?: elementos de antropologia filosófica*. São Paulo: Paulinas, 1980.
- MONTAGU, Ashley. *Man: His First two million years (A brief introduction to anthropology)*. New York; Columbia University, 1969.
- NIETZSCHE, Friedrich. *O Anticristo: maldição do cristianismo*. São Paulo: Companhia das letras, 2007.
- OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Filosofia transcendental e religião: ensaio sobre filosofia da religião em Karl Rahner*. São Paulo: Loyola, 1984.
- \_\_\_\_\_. *A filosofia na crise da modernidade*. São Paulo: Loyola, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Sobre a fundamentação*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.
- PAULA, Marcio Gimenes de. O futuro de uma ilusão: algumas reflexões entre Feuerbach e Freud. *Revista AdVerbum*, Brasília, v. 2, n. 2, p. 161-171, Jul-Dez de 2007.
- SADE, Marquês de. *Diálogo entre um padre e um moribundo e outras diatribes e blasfêmias*. Trad. Alain François e Contador Borges. São Paulo: Iluminuras, 2009.
- SCHLEIERMACHER, Friedrich Daniel Ernst. *Sobre a Religião*. São Paulo: Fonte Editorial, 2000.
- SERRÃO, Adriana Veríssimo. *A humanidade da razão: Ludwig Feuerbach e o projecto de uma antropologia integral*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999.
- \_\_\_\_\_. *O homem integral: antropologia e utopia em Ludwig Feuerbach*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade, 2001.
- SOUZA, Draiton Gonzaga de. *O ateísmo antropológico de Ludwig Feuerbach*. 2.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Sobre a relação Feuerbach e Kant*. In: ALMEIDA, C. e CIRNE-LIMA, C. *Nós e o Absoluto*. São Paulo: Loyola, 2001.
- SOUZA, Roberta Bandeira de. “A luta do espírito na natureza: a vitória da liberdade”. In: UTZ, Konrad; SOARES, Marly Carvalho (Orgs.). *A noiva do Espírito: natureza em Hegel*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2010.
- SCHMIDT, A. *Feuerbach o la sensualidad emancipada*. Madrid: Taurus, 1975.
- UTZ, Konrad; SOARES, Marly Carvalho (Orgs.). *A noiva do espírito: natureza em Hegel*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2010.
- VERNANT, Jean-Pierre. *O universo, os deuses, os homens*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- ZILLES, U. *Filosofia da Religião*. São Paulo: Paulinas, 1991.